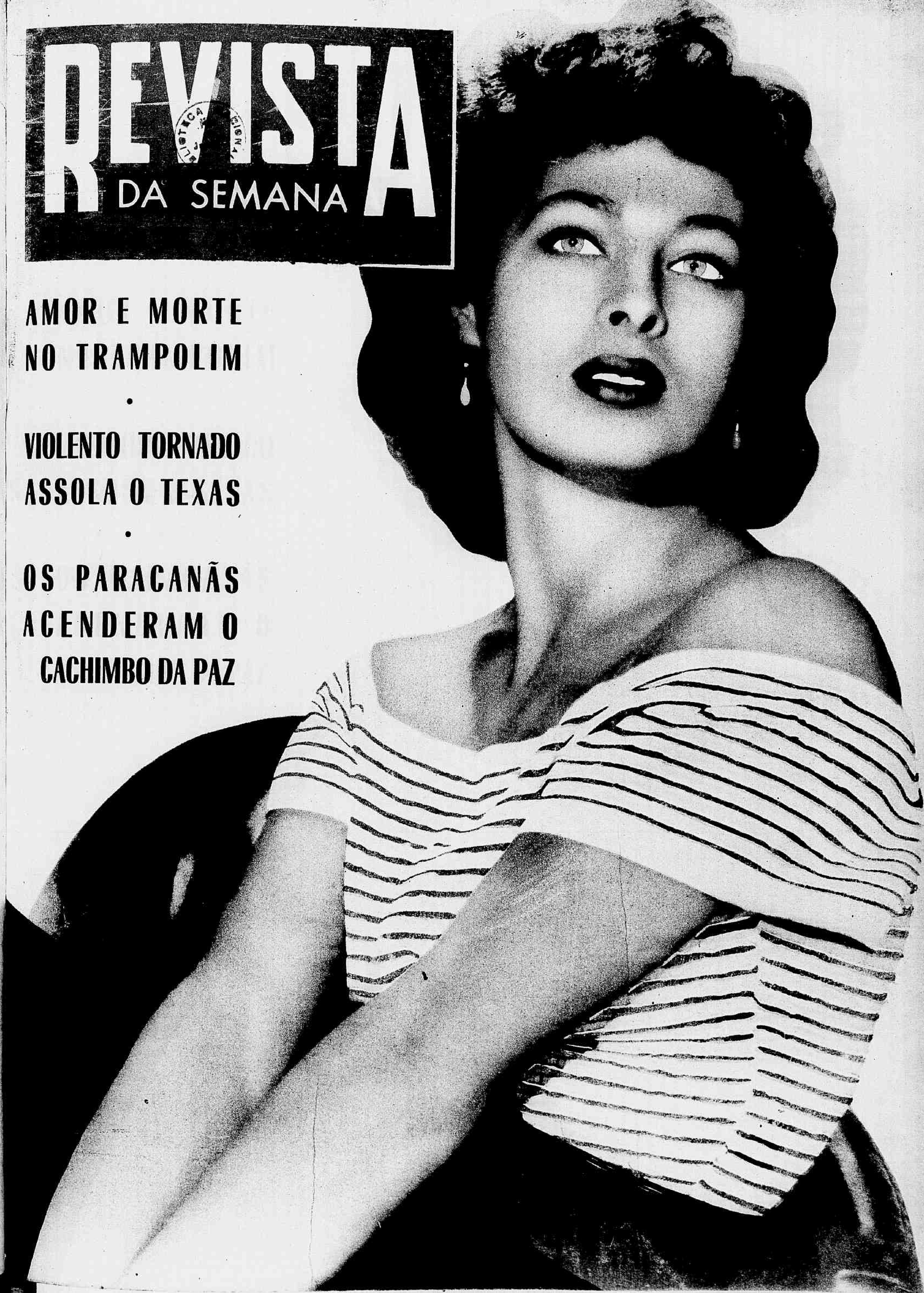
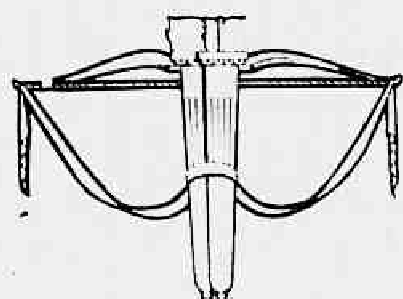
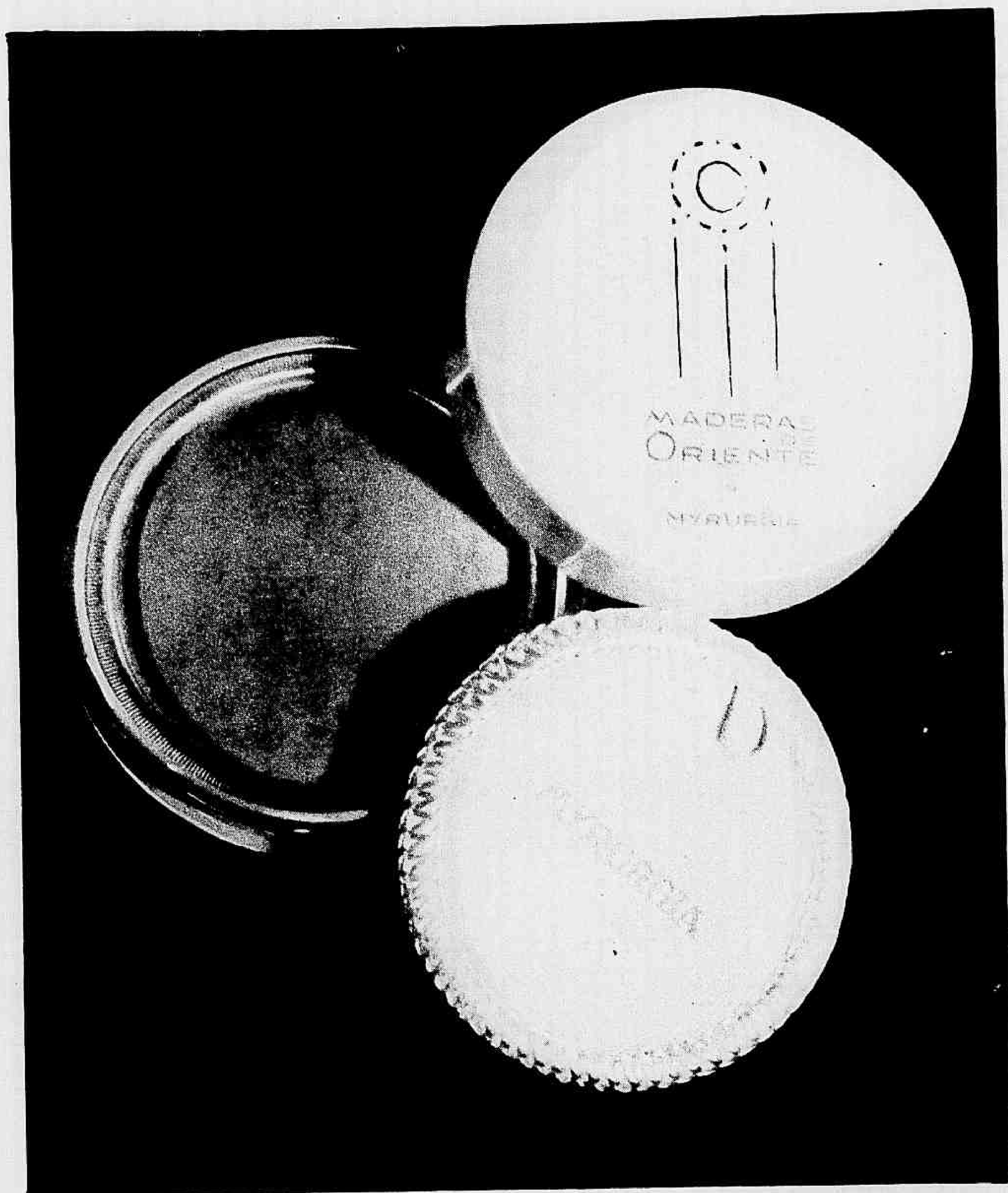
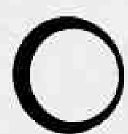

REVISTA
DA SEMANA
AMOR E MORTE NO TRAMPOLIM
VIOLENTO TORNADO ASSOLA O TEXAS
OS PARACANÃS ACENDERAM O CACHIMBO DA PAZ

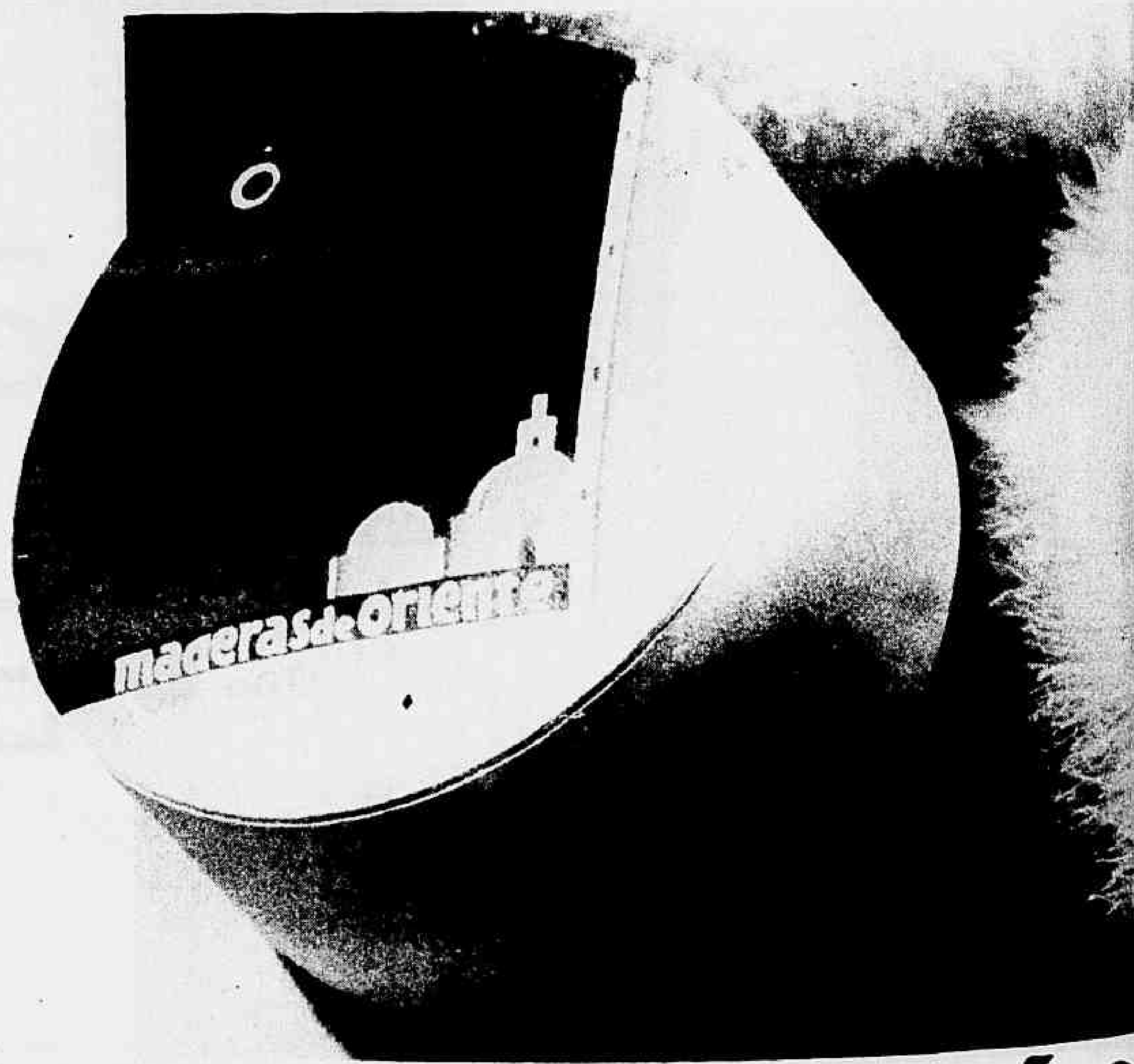
Os
MATIZES
DA
ELEGÂNCIA





ROUGE
MADERAS
DE
ORIENTE





PÓ DE ARROZ • EXTRATO • LOÇÃO

• MYRURGIA •

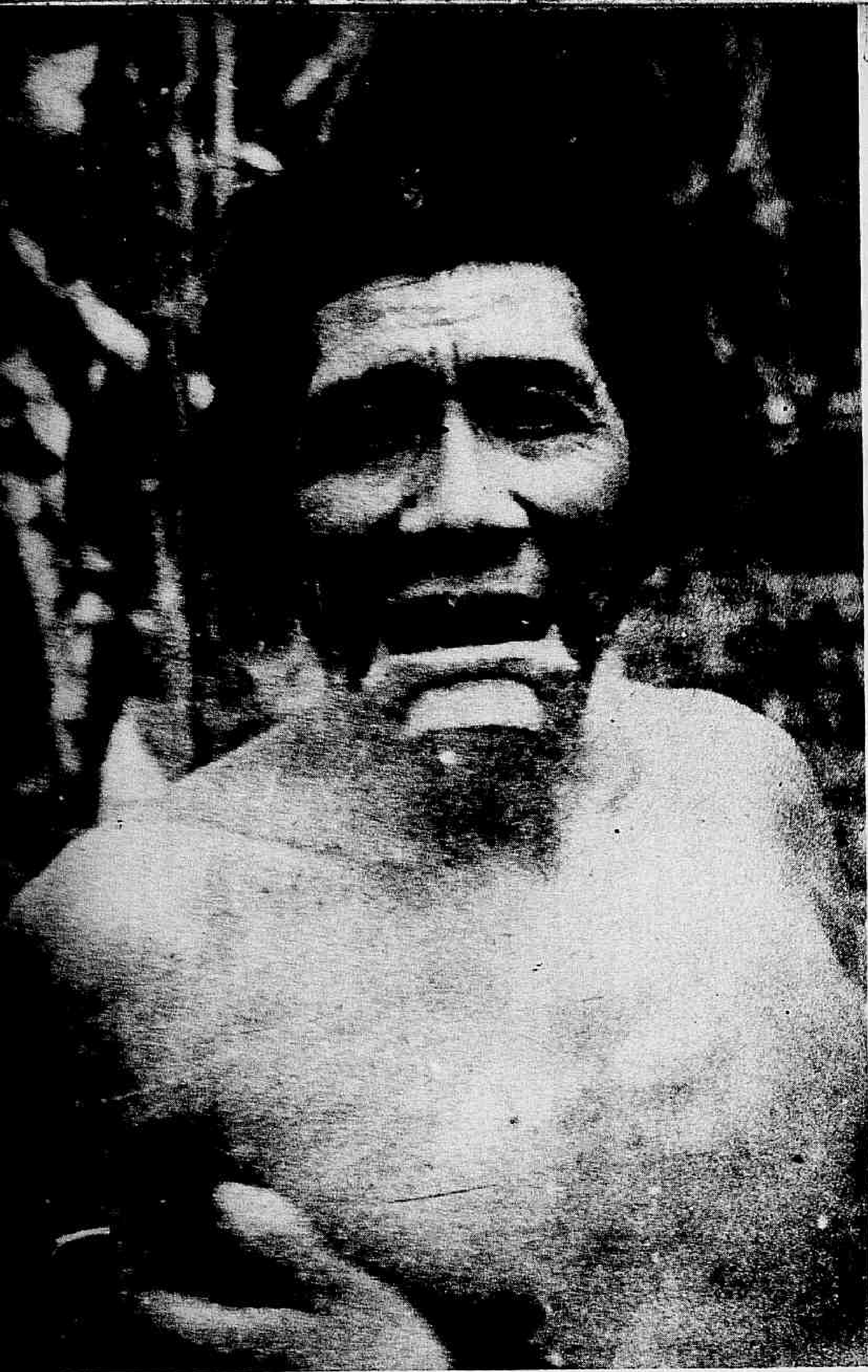
OS PARACANÃS ACENDERAM O CACHIMBO DA PAZ





O S. P. I. vem de lavrar mais um tento admirável, com a pacificação dos temíveis Paracanãs, que durante trinta anos, num revide natural, espalharam a morte e a destruição ao longo do Tocantins, na Amazônia. Trata-se de um longo trabalho de catequese realizado pela equipe sediada no Pará, à frente Martins Fontes, o autor desta reportagem exclusiva da REVISTA DA SEMANA. Foram seus companheiros: Cornélio Cabral, Sérgio Alves, Antônio Freitas, Raimundo Dias, Benamour Fontes, Marcílio Dias e os índios intérpretes caiapós, Ariuá, Bernardo Viana e Sapucaia, às ordens do jovem Hilmar Harry Kluck, com a colaboração de João Moreira, todos modestos funcionários do Ministério da Agricultura.

O primeiro contato (em cima) entre brancos e Paracanãs, em plena selva amazônica. Hilmar Kluck (à esquerda), um gaúcho que resolveu entrar nas selvas e domar os índios Paracanãs. E' o chefe da turma de atração onde os nativos voltaram à civilização.



Pela primeira vez, o pagé dos Paracanãs enfrenta a objetiva



Os Paracanãs, a princípio, ficaram de longe observando os civilizados



O filho do cacique conversa com empregados do Serviço de Proteção



Hilmar, com grande habilidade, manda o cacique olhar para uma máquina fotográfica

DEPOIS DE 30 ANOS DE MASSACRES ENTRE ÍNDIOS E TRABALHADORES, OS SELVAGENS ACEITARAM A CIVILIZAÇÃO ★ TUDO FOI OBRA DE UM GRU-

Reportgem de MARTINS FONTES

DEPOIS de trinta anos de massacres entre selvagens e trabalhadores da Estrada de Ferro Tocantins, nas selvas da Amazônia, os chamados índios Paracanãs acenderam o cachimbo da paz...

Em fins de 1949 fomos designados para tentar a pacificação dos Paracanãs. Atacavam os índios com extrema violência, tanto os grupos de homens da ferrovia, que tem cêrca de 200 quilômetros de extensão, de Tucuri, antiga Alcobaça, à Jatobá, como os pequenos lugarejos que se estendiam ao longo das margens do rio. O resultado das excursões hostis dos silvícolas refletia profundamente na região, ocasionando sérios entraves, quando não a paralisação completa do tráfego normal dos comboios da estrada. As turmas de trabalhadores que mantinham a linha em condições de tráfego eram postas em fuga, quando inesperadamente surgiam os bandos Paracanãs, pintados e bem armados de flechas. Os agrupamentos de casas eram atacados e os comboios defendidos por turmas armadas até os dentes, o que não impedia a composição chegar ao destino com flechas cravadas no madeirame.

Por que os Paracanãs não hostilizaram os civilizados durante o tempo de construção da ferrovia e as povoações às margens do rio?

Êles nunca tinham sofrido uma provocação por parte dos civilizados e correspondiam da mesma maneira. Mas esta situação foi brutalmente conturbada. Um dia, um grupo de brancos fêz uma profunda penetração nas matas. Encontraram um aldeamento indígena e, num requinte perverso, abriram fogo contra os aborígenes, pondo-os em fuga com numerosas baixas. Não puderam escapar duas mulheres porque permaneceram junto a seus dois filhos pequeninos. As duas mães foram apunhaladas e as crianças crucificadas vivas, por meio de punhais cravados nas mãos e nos pés. A represália foi rápida e igual. Dois dias após ao banditismo dos brancos, os Paracanãs atacaram um acampamento de trabalhadores da estrada de ferro. Fugiram os que puderam e algumas mulheres foram mortas e duas crianças crucificadas. Era a pena de Talião nas selvas.

E começou a guerra entre civilizados e índios. Temos uma longa lista de batidas feitas



Moreira pede um batoque de presente. Mas o índio não entendeu



Milho, aipim assado e cigarros são oferecidos pelos brancos aos nativos.



O cacique dos Paracanãs, bastante desconfiado,

PO DE BRANCOS BÁRBAROS ★ CRIANÇAS CRUCIFICADAS ★ BATOQUES NOS LÁBIOS, EDUCADOS E BONS AGRICULTORES ★ PAZ NO TOCANTINS...

(Chefe da equipe que pacificou os Paracanãs na Amazônia)

por grupos numerosos de brancos, bem armados, inclusive com fuzis, causando baixas entre os nativos. Das muitas expedições primitivas salientamos as realizadas à mando de diretorias da Estrada de Ferro Tocantins e coadjuvadas por autoridades graduadas da polícia, quando foram feitos trucidamentos de aldeias, mulheres foram mortas a punhal e crianças com o crânio rebentado no tronco das árvores.

Em meados de 1949 a situação melhorou, pois o diretor da E.F.T., engenheiro Adalberto de Siqueira Menezes, impediu a matança de índios e instaurou uma política de paz com os nativos.

N A M Ô R O

Tratamos de organizar uma equipe capaz e dividimos os homens em turmas de pacificação pelos postos de atração de Pucuruí, Pucurulzinhos e Trucará, numa extensão de 148 quilômetros.

Sabedor dos métodos usados pelo Serviço de Proteção aos Índios, que se caracterizam pela brandura, pela compreensão do pensamento do índio simples e inocente, pois tôda a sua influência e colaboração para o término da luta com os índios usando-se as táticas preconizadas por nós, iniciou-se assim uma era de verdadeira recuperação moral, não só dos trabalhadores da estrada de ferro como dos moradores do rio.

Em princípios de Janeiro de 1953 fomos atacados pelos Paracanãs perto do igarapé Apinagé. Nesta investida os índios colheram o nosso grupo completamente de surprêsa, não havendo tempo para outra coisa, senão, a fuga, tendo os aborígenes levado todo o material, objetos e utensílios que encontraram na barraca. Fomos reorganizados pelo inspetor João Moreira e a turma estava assim constituída: Cornélio Cabral, Benamour Fontes, Sérgio Alves, Antônio Freitas, Raimundo Dias e Marcílio Dias; os índios caiapós Ariuá, Bernardo Viana e Sapucaia, que serviram de intérpretes, todos chefiados por Hilmar Harry Cluck, um gaúcho.

Um dia começou o verdadeiro nomôro entre índios e brancos. Os nativos carregaram os brindes. Dias depois houve grande confusão na barraca quando os índios apareceram, no-



Benamour Fontes fuma o cachimbo da paz oferecido por um jovem da tribo dos Paracanãs.

OS PARACANÃS ACENDERAM O CACHIMBO DA





Numa clareira, os Paracanãs resolveram conversar com os novos amigos. Durante vá-

vamente, porém não conduziram os presentes. Dêste tempo em diante começou a parte que podemos chamar de fase noturna de atração, pois os índios, em vista do acontecido, passaram a visitar-nos sòmente à noite para levar os brindes. Levantamos uma casa rústica, todavia, segura, com paredes embarreadas, a fim da turma ter proteção contra as flechas. À hora do almôço o grupo estava sentado à mesa, quando foi visto um índio pintado de urucu. Os selvagens notaram que foram percebidos e começou um ataque violento. As flechas assobiavam em nossa direção, varavam a frágil coberta de palha. Enquanto isto os intérpretes falavam ativamente. Tão depressa como começou o ataque, assim também terminou. Uma flecha feriu o trabalhador Altino.

Recolhemos 45 flechas, havendo entre elas algumas de meninos. Voltamos à mesa para almoçar, quando uma flecha de assobio veio sibilando cravar-se perto do esteio da casa. Um índio falava para nós com uma voz forte e cheia. Iniciou-se uma conversação, dificul-





...rios dias, índios e brancos estiveram juntos, trocando presentes e amabilidades «sociais».

Os nativos, (em cima) tão arredios, gostaram do milho dos trabalhadores do S. P. I. Já na intimidade dos brancos (em baixo), os índios querem apenas sombra e água fresca...

tada a boa compreensão da mesma pela distância. Sapucaia, levando um paneiro de farinha e dois facões, foi andando lentamente em direção da estrada, acompanhado de Ariuá e Bernardo, que falavam, sem cessar, com os índios. Estavam pintados, com arco e flechas nas mãos. Mostramos a farinha e os facões, fazendo sinais para que viessem. Êles acenaram para que fôssemos até ao encontro dêles. Todavia, embrenharam-se pela mata.

AMIGOS

Finalmente, numa clara manhã, êles voltaram e pediram mais presentes. Paramos há 10 metros dêles. Pediram mais brindes. Desta vez, Ariuá, com um facão na mão, aproximou-se e entregou pessoalmente a ferramenta. A seguir, o jovem Benamur Fontes, com 17 anos, ofereceu presentes aos arredios selvagens.

Os Paracanãs tinham, assim, o seu primeiro contato com a civilização, através de um rapaz imberbe, com menos de 18 anos.

BATOQUES NOS LÁBIOS

Os índios mais idosos usam batoques de madeira no lábio inferior, deformando a bôca e tornando a linguagem difícil de ser compreendida pelos intérpretes. Os jovens, entretanto, não usam o enfeite, preferindo pedacinhos de taboca enfiados nos lóbulos das orelhas, falando com clareza, o suficiente para serem compreendidos razoàvelmente. Quase todos usam barba e bigode cerrados, são de estatura mediana, físico não avantajado, porém, todos têm um aspecto sadio e bem nutridos. São alegres e bem-humorados, gostando de acompanhar-nos nos sorrisos e gargalhadas. Possuem dentadura regularmente boa, principalmente os moços que as têm invejáveis.

E os Paracanãs foram embora, pernoitando nas selvas.

Quatro dias depois escutamos novo chamado. Depois de feito o contato, perderam os índios completamente o receio, misturando-se e abraçando-se com os componentes da turma.

(Cont. na pág. 36)



A PERSONAGEM DA SEMANA

E[illegible]



O DR. ALVARO DIAS, secretário de Saúde da Prefeitura do Distrito Federal, impressionado com os casos de moléstias infecto-contagiosas surgidas na zona sul, em quantidade acima do normal, está disposto a agir com a maior energia, sendo mesmo levado a interditar a praia de Copacabana, se fôr o caso da abertura do «ladrão» no sistema de esgotos daquele bairro. Estão os cariocas, pois, na iminência de privar-se de sua freqüência à «mais bela praia do mundo», em dias de sol. Mas não basta isso. E' preciso ainda que se beba água fervida, se evitem verduras cruas e todos se vacinem contra o tifo.

A SEMANA EM REVISTA

[illegible]

EM SETE DIAS...

1 — Estiveram reunidos em Convenção Nacional, aqui no Rio, os cachaceiros do Brasil. Não cachaceiros no sentido de beber, e sim, de fabricar aguardente. Conforme estatística, consumimos, por ano, 150 milhões de litros da «branquinha» o que dá, para uma população de 15 milhões de adultos, 15 litros «per capita». Bebemos mais «pinga» do que leite.

2 — O Ministro da Agricultura retirou a autorização que concedera à Companhia Paulista de Fôrça e Luz, para aumentar tarifas a fim de fazer face a aumentos de salários, pelo fato de a mesma ter majorado em 300 por cento os preços. O Ministro ficou indignado com a Emprêsa de Luz e Fôrça, que quer dar luz sem fazer fôrça. Deus ilumine o Ministro.

3 — O Presidente da República autorizou o Congresso Nacional a pagar ao operário Francisco Bernardo de Souza, da Rêde de Viação Cearense, Cr$ 78.960,00 como gratificação pelos inventos mecânicos nas locomotivas Diesel-elétricas daquela estrada. Resta agora que o Congresso aprove e... haja verba; do contrário Francisco terá que inventar um aparelho para descobrir «onde está o dinheiro».

4 — O Serviço Estadual de Trânsito de Belo Horizonte resolveu retirar do serviço os veículos que soltam muita fumaça, o que prejudica e suja a garrida capital mineira. Os proprietários dos veículos, se quiserem continuar com o negócio têm que viver às claras, sem permitir que os coletivos vivam por trás de cortinas de fumaça.

5 — Está em crise a indústria capixaba com base no açúcar, em face da baixa do produto na capital e cidades do interior. Dizem os comentaristas, que o assunto se prende ao plano de exportação para o exterior de estoques que sobem a 4 milhões de sacas nos centros produtores.

6 — Os motoristas de táxi do Rio estão alarmados com o advento do artigo 109 do Código de Trânsito, pelo qual os amadores poderão fazer-lhes concorrência em transportes de passageiros. Segundo os interessados, o [illegible] passar [illegible] mundo para a classe de amadores. Amor [illegible] omnia, [illegible] os romanos em suas [illegible].

7 — Os operários que trabalham na construção da rodovia Itapemirim-Vitória, no Espírito Santo, entraram em greve por falta de pagamento de seus salários desde novembro do ano passado. Um [illegible] de [illegible] comentou: êles são [illegible] e passam por [illegible]. Tudo [illegible] nesse mundo.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 24 ★ 13-6-53

Os paracanãs acenderam o cachimbo da paz 3/ 7
A Rússia se torna poderosa em alto mar 12/13
Grazziani quer ser novo "Duce" 25
Hans Christian Andersen 26/27
Violento tornado assola o Texas 28/31
Amor e morte no Trampolim ... 48/53

Deus salve a Rainha 9
O chantagista (conto) 11
Cleópatra 22/23
A Bem-Amada 32/33
A semana literária 35

A semana em revista 8
A Revista há 50 anos 10
Janela sôbre o mundo 16/17
De Rádio 36
De Cinema 37
Arabelle 39
A Santa Madre 40/41
Último flash 54

O riso dos outros 14
A luz da psicanálise 20
A saúde do bebê 50
Pulando a fogueira 43
S. João 44/45
Sugestões para o lar 47
Clubemania 47

CAPA: **Rita Gam** (United Artists)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J.M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

●

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 56 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

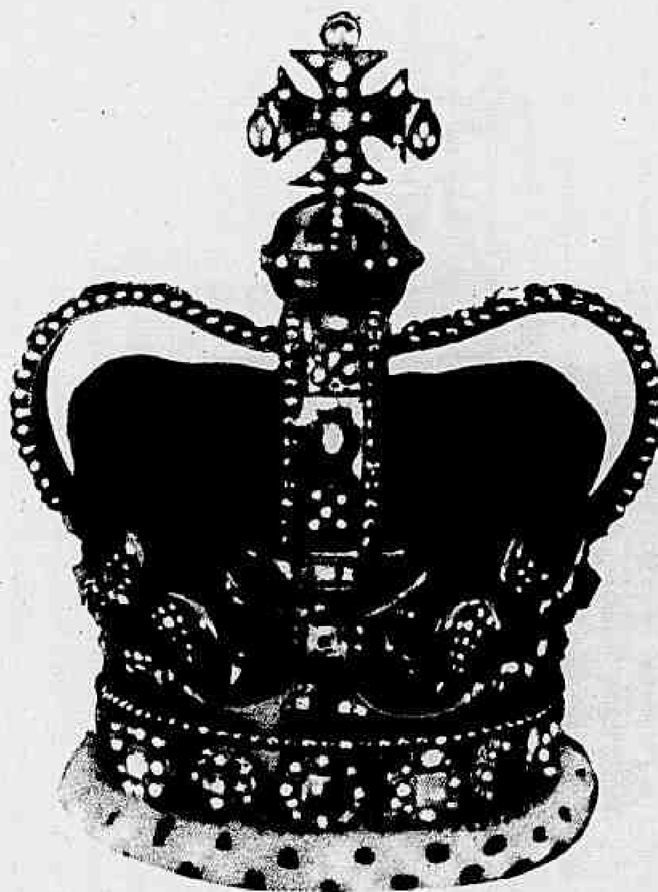
ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6º andar, Sala 60.



"Deus Salve a Rainha!"

NO momento em que escrevo esta crônica, o velho e tradicional Império Britânico esquece tôdas as suas horas amargas do passado, os seus problemas e dificuldades do presente, a pregação marxista de Harold Laski, a onda socialista que vem, inùtilmente, procurando minar as suas indestrutíveis raízes conservadoras, para entregar-se de corpo e alma às expansões de sua continuidade emocional, revivendo, em plena era atômica, um dos mais refinados e autênticos espetáculos da Idade-Média — a pomposa coroação de S. M. Elizabeth II.



TENHO diante dos olhos a figura delicada e formosa dessa sorridente rainha de 27 anos. Leio nos seus olhos azuis a doçura que envolve os seus sentimentos íntimos. Adivinho o mundo de pensamentos amáveis e inocentes que se escondem por trás de sua fronte estreita e tranqüila. Talvez pense, simplesmente, nas alegrias festivas de seu dia de núpcias com a Coroa. Nessa hora mágica, o mundo todo volverá os olhos fascinados para ela; a orgulhosa Inglaterra, com os seus vastos domínios, ajoelhar-se-á aos seus pés; o seu invejado espôso jurará fidelidade eterna à sua soberania; os céus e a terra se unirão em preces pela sua felicidade pessoal...



CREIO, entretanto, que, nesta hora crepuscular do dia dois de junho do ano de 1953, Elizabeth II, da Inglaterra, vencida pelo cansaço, castigada pelo pesado cerimonial do tempo de Eduardo, o Confessor, já deve estar sentindo as graves e dolorosas responsabilidades que asfixiam os governantes, para os quais até o prazer é, muitas vêzes, um suplício. Doravante, não poderá mais dispor de sua própria vida, como qualquer mortal. Prisioneira de uma insigne Coroa que, à custa de todos os heroísmos e sacrifícios, tem sabido se impor ao aprêço e admiração dos povos, sente que se deu em holocausto, esperando, apenas, como consoladora recompensa, que, no futuro de tormenta que se avizinha, para glória da nação e felicidade de seus governados — «Deus Salve a Rainha!»

MARTINS D'ALVAREZ

DÊ À SUA CUTIS O TRATAMENTO QUE ELA MERECE

ANTISARDINA



ANTISARDINA N.º 1

O CREME PERFEITO PARA UMA "MAQUILLAGE" PERFEITA

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

N ANTISARDINA LISOBARBA CABELOSAN ANTI



a REVISTA há 50 anos

14 DE JUNHO DE 1903

PEQUENAS OCCURRENCIAS

FOI uma semana sympathica, nimiamente sympathica, pontuada de actos de cortezia e de commemorações historicas, a que hontem findou. N'ella não avultou o crime, que costuma colorir de rubro, com a côr do sangue, a narrativa das chronicas, mas, em compensação, sobraram-lhe titulos que a recommendam como uma das melhores deste anno, tão vasio e tão monotono, que se vae escoando sem que a gente dê por isso. Não fosse a manifestação amistosa tributada ao embaixador de Sua Magestade o Shah da Persia, recebido com todas as honras da pragmatica e com o carinho de que os protocollos não podem cogitar; não tivessemos tido a honra excelsa de abrigar, por momentos, á sombra do pavilhão nacional, desfraldado no palacio da presidencia o illustre representante do Chile, n'um banquete feerico; não houvesse o destino marcado, para 11 de junho, há 38 annos já, a epopéa de um dos mais brilhantes feitos de que há memoria nos annaes militares da America Latina, e agora, em vez de entrega de credenciais, brindes e paradas militares, ver-me-ia forçado a palestrar com os leitores sobre reconhecimentos de poderes no Congresso ou sobre as decantadas e nunca assás resolvidas obras do porto. Francamente, não me daria bem com semelhantes assumptos. Tenho quasi a certeza de que o leitor, ao passar por esta columna os olhos cançados de apreciar as bellezas artisticas da *Revista*, n'ella quererá ver tudo, menos a historia da derrota que o sr. Eduardo Ramos infllingiu ao sr. Spinola ou a narração da má vontade do sr. Bulhões, impedindo que o sr. Muller seja, como de facto é, um ministro activo, d'ligente, empreendedor e sequioso de renome. N'esta luta ingrata de que o Rio de Janeiro e, portanto, os seus habitantes levam a peor parte, não desejo absolutamente intervir. Pudesse eu e o cães estaria feito; tivesse autoridade para tanto, e o dr. Passos não ficaria isolado, na tarefa ingente de aformosear esta infeliz cidade. — **GAFER**

O NOSSO ANNIVERSARIO

O Santos *Illustrado* de 8 *do corrente, periodico que se publica na cidade de Santos, registrando o nosso terceiro anniversário, assim se exprime:*

"REVISTA DA SEMANA — Com um bellissimo numero, o bastante, se já não fossem conhecidas outras amostras, para provar a excellencia das suas officinas, commemorou o seu 3.º aniversário a scintillante Revista da Semana, *em cuja propaganda passou o director desta folha uma das quadras mais felizes de sua vida de imprensa. O numero presente é um verdadeiro primor artistico e nelle apparecem paginas de Julião Machado, Raul e Bambino, os laureados caricaturistas. Os nossos emboras à gente da* Revista *e, especialmente, aos Srs. Drs: Fernando e Candido Mendes e ao Coronel Gaspar de Souza."*

N'UM BAILE

ENTRÁMOS, eu e o meu amigo Rodrigues, conhecedor da familia que dava a festa e de quasi todos os convidados. Feitas as apresentações do estylo, retirámo-nos para o vão de uma janella, para melhor observar.

— Quem é aquella esplendida morena que alli está, de vestido preto?

— E' casada com aquelle sugeito de oculos que alli vês a conversar com aquelle outro de cavaignac.

— E esta feiosa que vae passando?

— Feiosa! Has-de mudar de opinião quando souberes que tem duzentos contos de dote.

— Sim?! Então apresenta-me.

— Pois não!

Meia hora depois estava eu apresentado, e tivera a fortuna de alcançar a promessa de dansar a primeira valsa com... os duzentos contos.

Chegou o ditoso momento. Ella dansava mal, porém um par que tem duzentos contos, pode perfeitamente pisar duas ou três vezes os melhores callos. A valsa, felizmente para mim, terminou.

Dirigi-lhe a palavra:

— Minha senhora, eu não costumo ser lisonjeiro, porém sim justo e é intimamente convicto que confesso que v. ex. é a rainha do baile; nenhuma outra lhe vence em *chic*...

— Quaes *chic* quaes nada; eu *inté* me estou achando muito *emporcaiada*.

Estaquei subito, e dous minutos depois fazia-a sentar.

— Então, indagou o Rodrigues, logo que me approximei. Que tal a achaste?

— Baratissima por duzentos contos. Por menos de quinhentos, não achará comprador. — **OTTO PRAZERES**

●

— Esta gente do Parque Fluminense quer que tudo alli seja divertido.

— Sim!

— Pois até o maestro *ri-se*.

— Como assim?

— Pois elle não é Virgilio... Ricci?

● Pedem-nos que noticiemos que os novos jogos malabares annunciados por uma empreza theatral, nenhuma allusão têm ao reconhecimento de poderes últimamente feito pela Camara dos senhores deputados.

O CHANTAGISTA

Conto de IGLÉSIAS FERNANDES

SE não digo que tive uma meninice amarguradíssima, terrìvelmente desgostosa, é porque, quando em criança, as piores privações e dores passam em branca nuvem; as almas infantis ainda que sofredoras, olham tudo por prisma otimista, e desconhecem a extensão das desgraças.

Mas minha infância não foi das melhores.

Dando voltas ao pensamento, confusamente, sem lembranças claras, consigo apenas apreender fragmentos de recordações: uma voz áspera me repreendendo, batidas de tamanco nas calçadas, um bastão amparando um corpo velho, peditórios lamurientos às portas de pessoas ricas. Um restinho de gente, semi-nu e queimado de sol, exausto sôbre as pernas bambas, acompanhando uma decrépita mendiga.

Do começo da existência até aos dez anos vivi com minha avó, conhecidíssima na cidade, uma das principais indigentes do lugar.

Não conheci pai, mãe, nem irmãos. Apenas aquela velha que me levava pelas ruas, enquanto esmolava e que me chamava seu neto; mas hoje que me entendo, duvido dêsse parentesco: a côr preta da mulher não confere com minha tez branca.

Quando ela morreu, deixando-me uns trastes carcomidos que os vizinhos venderam para a mortalha, me vi só na vida, pobre e analfabeto. E sem ofício, a não ser o de pedinte.

A espôsa do juiz de direito interessou-se por mim.

— Que fique aqui. Ocupa o quartinho do porão. Cuida do jardim, varre o quintal. Um prato a mais, sempre sobra.

Lá permaneci vários anos. Até que o juiz, farto das manias de caridade da mulher, me pôs para fora.

★

Tomando coices, passando fome, andei mais algum tempo pelo mundo, viajando às escondidas nos trens de carga, mendigando e furtando pelas praças e mercados, pedindo restos de comida em restaurantes. Até que certo dia, num arranco de brio, criando um pouco de vergonha, resolvi me radicar, definitivamente, onde vivo, disposto a endireitar a vida.

Engraxate.
Servente de pedreiro.
Garçon de boteco.
Caixeiro de loja fina.
Fui subindo essa escada, enquanto estudava em escolas noturnas.
Diplomado no primário, e já bem empregado num bazar, cursei ainda os sete anos da Escola de Comércio. Quando assuntei, olhei para os lados e refleti, vi que muito progredira: de mendigo a contador, diplomado e respeitado.
Sofri, lutei. Mas fiquei gente. Ufanei-me.

Esqueci-me, porém, que vivia numa cidade onde a burguesia predominava e o esnobismo, o convencimento barato eram pão diário da maior parte das famílias. Terra onde, geralmente, não bastava bom caráter para ser considerado, fôsse desonesto, contanto que possuísse dinheiro ou diploma de doutor. Lugar onde a idéia central de quase todos era cada um ser melhor que o outro. E as boas roupas, a condição social, ocultavam com êxito as deficiências morais, à maneira de flores cobrindo lixo.

E me vi mal. Tôdas as boas colocações me eram negadas, os chefes tinnham interêsse em nomear o filho do dr. Fulano, pois poderia render-lhes algo. E se nada lhes rendesse, ao menos lucrariam a amizade honrosa, se serviriam dela para ostentação.

Bela situação a minha! Num exame para candidato às funções bancárias, soube que fui classificado em primeiro lugar. Exultei. Mas em última hora modificaram a coisa. O sobrinho do promotor apanhou a vaga. Reclamei. Em resposta: um frio desprêzo. Que valiam os direitos de um rapaz pobre e sem família? Sem posição na sociedade?

★

Vi minhas lutas, meus sofrimentos, sem recompensa. Longos anos de privações, e agora era aquilo.

Revoltei-me. A humanidade fazia-me mau.

E minha grande oportunidade veio um dia!

Aproveitei-me com sucesso do elevado sentimento de reputação dos burgueses da cidade. Hoje sou gerente, e se não estou melhor, foi porque ainda não quis.
Eis por causa de quê:

Uma mulata velha conhecera minha mãe. E fêz-me revelações. Tinha certeza: o prefeito atual, o «ricão», como o chamavam era meu pai. E contou-me, veladamente, o caso da criada dêle que se suicidara, deixando um filho pequeno.
A velha assistira ao meu nascimento, fôra a única confidente de minha genitora.

Sorri vitorioso. Pois bem! Vamos à ação! O tempo está para tudo!

Muni-me de coragem, e sem amargura, sem revolta, cínico (que me importava um pai?), escrevi uma carta ao prefeito, contando-lhe o que sabia.

O homem mandou-me chamar, e pálido, suplicante, ofereceu-me o que eu quisesse em troca do meu silêncio. Pedi-lhe apenas um emprêgo no Banco. Não lhe faltava influência política para isso.

Mas achei pouco. O mundo me negara muito, eu precisava aproveitar. E tive uma bela ascensão:

Caixa bancário.
Gerente do Banco.
Chantagista permanente do velho.
Semi-rico.
Endinheirado. Não cesso a extorsão. E em conseqüência da minha riqueza sou conceituado na cidade.
Todos me adulam e respeitam.
O «ricão» pede-me sempre para guardar segrêdo do caso. Guardo-o, cobrando-lhe caro o silêncio. Êle sabe quanto lhe custará a repercussão do escândalo. O puritanismo feroz da terra não lhe perdoará.
Nenhuma afeição entre nós. Somos apenas dois negociantes, empenhados em lucrativa e original transação.

★

Quem ler esta minha confissão, há-de, com certeza, me considerar um ser abjeto e sem entranhas, um miserável.

(Cont. na pág. 36)



Ilustração de GIL

A RÚSSIA SE TORNA PODEROSA EM ALTO MAR

A declaração feita recentemente na Câmara dos Comuns pelo Primeiro Lord do Almirantado Britânico, é bastante clara para desfazer qualquer ilusão que tenhamos a respeito do poder naval da Rússia. Os dados por êle apresentados produziram um abalo no seio do povo inglês, e vão expostos neste artigo.

Por RENÉ LECLER

EM qualquer estimativa a respeito do poder bélico da Rússia Soviética, neste ano de 1953, não devemos ser enganados pela falsa e tradicional idéia de que êsse é um país «puramente animal».

A Rússia possui uma esquadra muito poderosa, que, embora apresente deficiências em relação a certas classes de navios, é especialmente bem ditribuída para as suas necessidades.

No momento, a Marinha Soviética conta com cêrca de 20 cruzadores de primeira linha, mais de 100 «destroyers», e um número superior a 350 submarinos de tôdas as classes, belonaves essas que se encontram perfeitamente equipadas, dando como resultado que a Rússia possui a segunda das duas maiores esquadras do planêta.

Os diagramas que apresentamos mostram o potencial, bem como a fôrça ativa das três maiores frotas navais em todo o mundo, deixando patente que, embora os Estados Unidos e a Inglaterra possuam uma certa superioridade em quantidade de navios, a Rússia mantém um número de belonaves, prontas para entrar em ação, maior do que podemos produzir.

Como será a Armada Soviética? Qual o estilo e o modêlo dos seus navios? O primeiro fato que devemos ter presente, na análise do poder naval russo, é o de que essa nação jamais deixa qualquer coisa encalhada. Os seus navios de guerra podem ser velhos, mas servem perfeitamente para o treinamento e instrução de muitos dos quinhentos mil marinheiros com que conta a Rússia.

Os seus cruzadores são de classes diferentes e originais. Em 1945, os soviéticos tomaram posse de dois cruzadores pesados da Alemanha, o «Seydlitz» e o «Lutzow», que foram rebatizados com os nomes de «Petropavlovsk» e «Poltava». Durante e desde a última grande guerra, foram construídos três cruzadores pesados, segundo os modelos italianos; atualmente, a Rússia possui 12 cruzadores do tipo do «Kirov», mais leves, porém mais ligeiros, exatamente a espécie de belonave que os nazistas teriam utilizado para varrer os mares, durante a conflagração mundial. Existem ainda outros cruzadores, que constituem prêsas de guerra de menor importância.

Mas, dos 1.000 navios de todos os tipos e tamanhos com que conta a Armada Russa, são os 370 submarinos de estilo desconhecido que representam maior ameaça para o mundo livre. Em 1939, Hitler iniciou a guerra com 57 «U-boats», e acreditava ter bastantes probabilidades de vencê-la, com o auxílio dessa frota. A Rússia Soviética conta com um número de submarinos sete vêzes maior do que aquêle. E continua a construí-los, na média de quatro por mês, para a classe de longo alcance, e dez por mês, para outros tipos de submersíveis.

Uma grande proporção dessa imensa frota submarino pode ser utilizado apenas para o trabalho de proteção costeira, por serem essas embarcações muito pequenas ou muito antigas. Mas, dentre as demais, existe um sólido conjunto de 70 submersíveis da classe do «Shtcha», de construção e planejamento russo, velozes e completamente equipados para efetuarem demorados e longos cruzeiros.

Foi neste ponto que a União Soviética herdou e aprendeu bastante com a Alemanha em debacle. Embora tenha sido o Marechal de Campo Montgomery com suas tropas quem primeiro alcançou a costa do Mar Báltico, através do Canal de Kiel, as tropas russas, que avançavam para a Alemanha, encontraram o exército britânico a leste de Lubeck — com isto ganhando uma enorme área do Báltico, centro principal de construção dos «U-boats» e de treinamento das suas tripulações.

Em portos como Dantzig, Stettin e Rostock, os russos se apoderaram de cêrca de 20 submarinos nazistas; imediatamente, estenderam uma impenetrável cortina sôbre tôdas as instalações do Báltico e transportaram para a Rússia qualquer casco ou navio incompleto que conseguiram apresar.

Entre essas embarcações, estavam aquelas que constituíam um dos motivos de orgulho de Hitler — os «U-boats» pré-fabricados, criados pelo Professor Walter. Os russos reclamaram para êles, quatro submarinos alemães do tipo XXI, de longo raio de ação, magnìficamente equipados, com 7,5 metros e deslocando 1.750 toneladas, podendo mergulhar a 12 metros e navegar sob a água a 16 nós. O tipo de submerívels XXI é capaz de percorrer 16.000 milhas sem se reabastecer. A Rússia conseguiu também dois ou três dos barcos experimentais do Professor Walter, de propulsão por foguetes — uma nova classe de embarcações e uma grande ameaça para o futuro. Êstes submarinos podem alcançar uma velocidade de ataque mediando em 25 nós.

GRÃ BRETANHA

Porta-Aviões	
Em serviço	2
Na reserva	4
Porta-Aviões de tipo leve	
Em serviço	3
Na reserva	2
Encouraçados	
Em serviço	1
Na reserva	4
Cruzadores	
Em serviço	11
Na reserva	15
«Destroyers» e Corvetas	
Em serviço	62
Na reserva	206
Lança-Minas	
Em serviço	2
Na reserva	1
Submarinos	
Em serviço	37
Na reserva	16
Caça-Minas, de tôdas as classes	
Em serviço	58
Na reserva	128

RÚSSIA SOVIÉTICA

Porta-Aviões	
Em serviço	NENHUM
Na reserva	NENHUM
Encouraçados	
Em serviço	[illegible]
Cruzadores	
Em serviço	20
«Destroyers»	
Em serviço	100
Corvetas	
Em serviço	38
Lança-Minas	
Em serviço	14?
Submarinos	
Em serviço	370
Caça-Minas	
Em serviço	92

ESTADOS UNIDOS

Porta-Aviões	
Em serviço	12
Na reserva	12
Porta-Aviões de tipo leve	
Em serviço	15
Na reserva	60
Encouraçados	
Em serviço	4
Na reserva	10
Cruzadores	
Em serviço	19
Na reserva	55
«Destroyers» e Corvetas	
Em serviço	248
Na reserva	388
Lança-Minas e Caça-Minas	
Em serviço	125
Na reserva	303
Submarinos	
Em serviço	110
Na reserva	97

COMPARAÇÃO DO NÚMERO DE NAVIOS EM UTILIZAÇÃO, NAS TRÊS ARMADAS

BASES RUSSAS

Embora as instalações marítimas de Hitler no Báltico fôssem eficientemente bombardeadas pela R.A.F. durante a guerra, a Rússia acabou por tomar posse de bons portos como Stettin, Gdynia, Dantzig e Libau, em adição às bases navais que já possuía em Krondstadt, próxima de Leningrado, e em Riga. Dos finlandeses, a Rússia se apoderou de outra base naval, em Porkhala, mantida atualmente tão bem guardada e protegida, que ninguém pode voar sôbre a mesma, andar em terra a menos de seis milhas dali, ou atravessá-la por trem, a menos que as janelas da composição estejam vedadas. A União Soviética tornou o Báltico, desde Leningrado até a Dinamarca, um lago secreto, onde as atividades navais são levadas a efeito sem qualquer intromissão das potências estrangeiras.

Como afirmou o Primeiro Lord do Almirantado Britânico, o Mar Báltico é de grande e especial interêsse para a Grã Bretanha. Com o formato de uma garrafa, tornar-se-ia, se deixado destacado, o centro potencial de um perigosíssimo e inviolado inimigo.

Mas a Rússia tem outras saídas para o Atlântico, além do Báltico; possui o pôrto de Murmansk, livre dos gelos da região, que constitui um centro bélico, no Oceano Ártico, regado pela célebre corrente marítima denominada **Gulf Stream**; e, ainda, importantes bases navais no Extremo Oriente, em Vladivostock, Nikolaevsk e na península de Kamchatka, cenário de mais um recente incidente aeronáutico. Em troca da quase inútil colaboração que prestou, na guerra contra o Japão, a União Soviética obteve a Península de Kwantung, de grande importância estratégica, com a base de Dairen-Port Arthur, onde agora estão sendo construídos redutos para submarinos; e, naturalmente, os russos têm a sua base tradicional de Sebastopol, no Mar Negro. Esta última constitui, no entanto, uma área de movimentos estritamente limitados, uma vez que a Turquia permanece em constante vigilância sôbre os Dardanelos.

Por necessidade, o poder naval russo tem de ser desdobrado em quatro ramos, para cobrir tôdas essas áreas, mas a União Soviética fêz com a habilidade, o que a geografia lhe negou. A conclusão recente do vasto Canal Volga-Don permite agora que os navios de maior calado que os «destroyers» possam navegar livre e despercebidamente a longa distância entre o Mar Negro e o Báltico.

Em segundo lugar, os russos fizeram, nos últimos 20 anos, esforços quase sôbre-humanos para vencer as dificuldades de navegação do Extremo Norte; quadros a respeito de tôdas as mutações das quatro estações; frotas de navios quebra-gelos e um grande conhecimento do mundo polar permitem, agora, ao Kremlin percorrer com os seus navios, a antigamente impenetrável passagem Norte-Leste, que constitui o meio de ligação entre Murmansk e a Sibéria. No período de 4 meses, durante o ano, as unidades navais russas podem cruzar livremente o teto do mundo. Qual a eficiência da Armada Russa? Os marinheiros soviéticos sofrem ainda uma certa deficiência, no contínuo trabalho naval. Êles não temem o mar, porém ainda não conseguiram torná-lo o seu segundo lar, como várias gerações de marinheiros britânicos o fizeram. No entanto, a sua artilharia é considerada [illegible], o mesmo se dizendo do seu sistema de comunicações.

AVIÕES A JACTO COM BASES EM TERRA

O poder aero-naval russo, embora essa potência não possua nenhum porta-aviões sendo, portanto, provida inteiramente de bases terrestres, é reputado muito vasto, com uma alta proporção de aviões navais a jacto. A Armada Soviética está suprida de navios lança-minas e é atribuído aos marinheiros russos, o galardão de serem verdadeiros «experts» na colocação de minas próximo à costa, e nos mares estreitos.

Permanece ainda a questão de como a Rússia utilizaria a sua esquadra, se tivesse que fazer a guerra. A composição dessa esquadra, com uma poderosa fôrça de cruzadores, muitos lança-minas e a frota de submarinos mais poderosa do mundo, dá oportunidade aos entendidos, de efetuarem algumas deduções de caráter muito simples. A primeira, é que a Rússia não estaria em posição de fazer frente tanto à esquadra inglêsa como à norte-americana, numa batalha naval em alto mar: sua Armada não possui poder ofensivo suficiente para isso.

A segunda, é que os cruzadores vermelhos poderiam desempenhar com perfeição o papel executado na última guerra, por navios do tipo do «Scarnhorst»: sortidas de longo alcance contra as Marinhas Mercantes de outras nações. E a terceira dedução, é que os submarinos soviéticos poderiam, como foi feito por Hitler, interceptar constantemente as comunicações marítimas em todo o mundo. Em suma, as operações navais russas sendo expandidas, poderiam levar a um perigoso e inesperado ataque.

Êste é o motivo pelo qual a Inglaterra precisa aumentar sua fôrça aero-naval e continuar a construir suas defesas anti-submarinas, mantendo uma vasta esquadra de unidades pequenas e ligeiras que operem em mares estreitos.

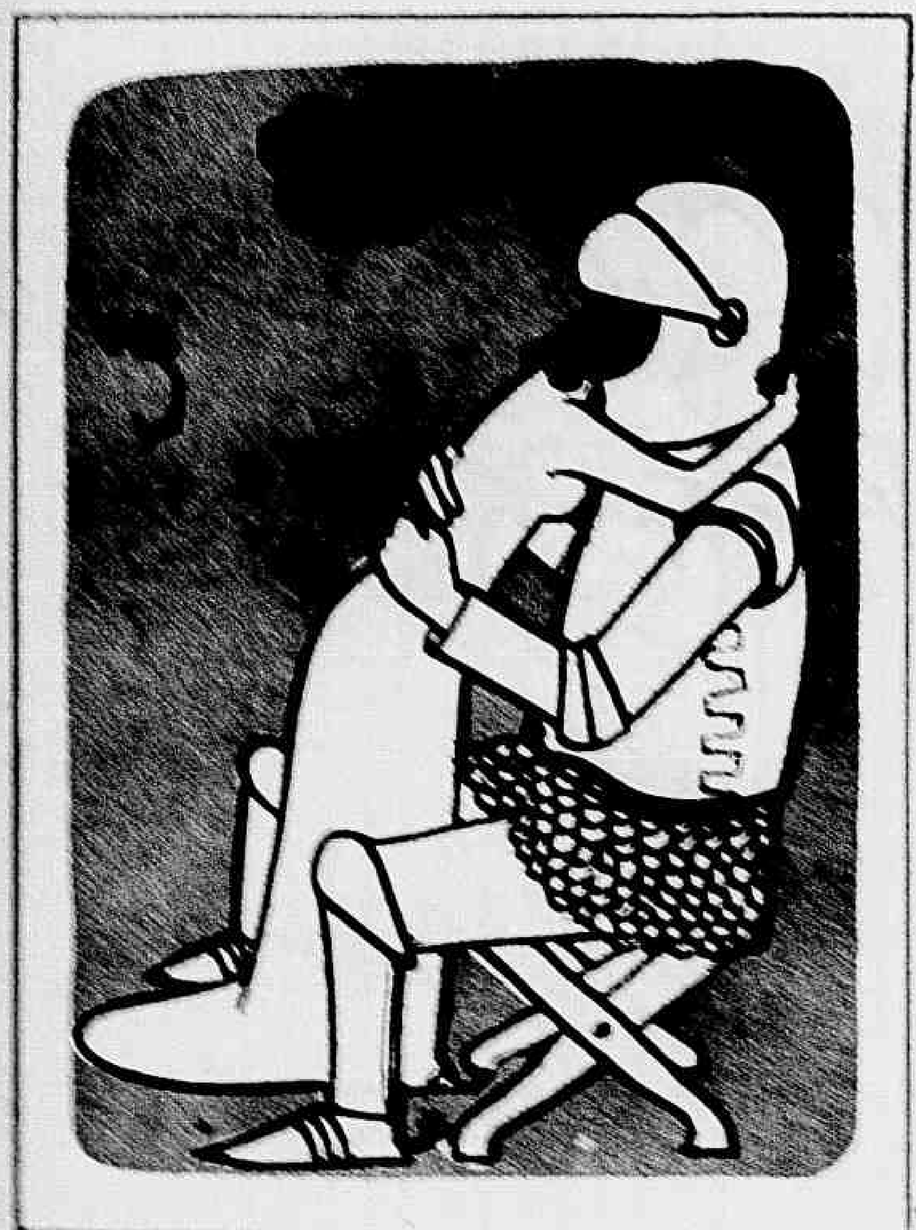


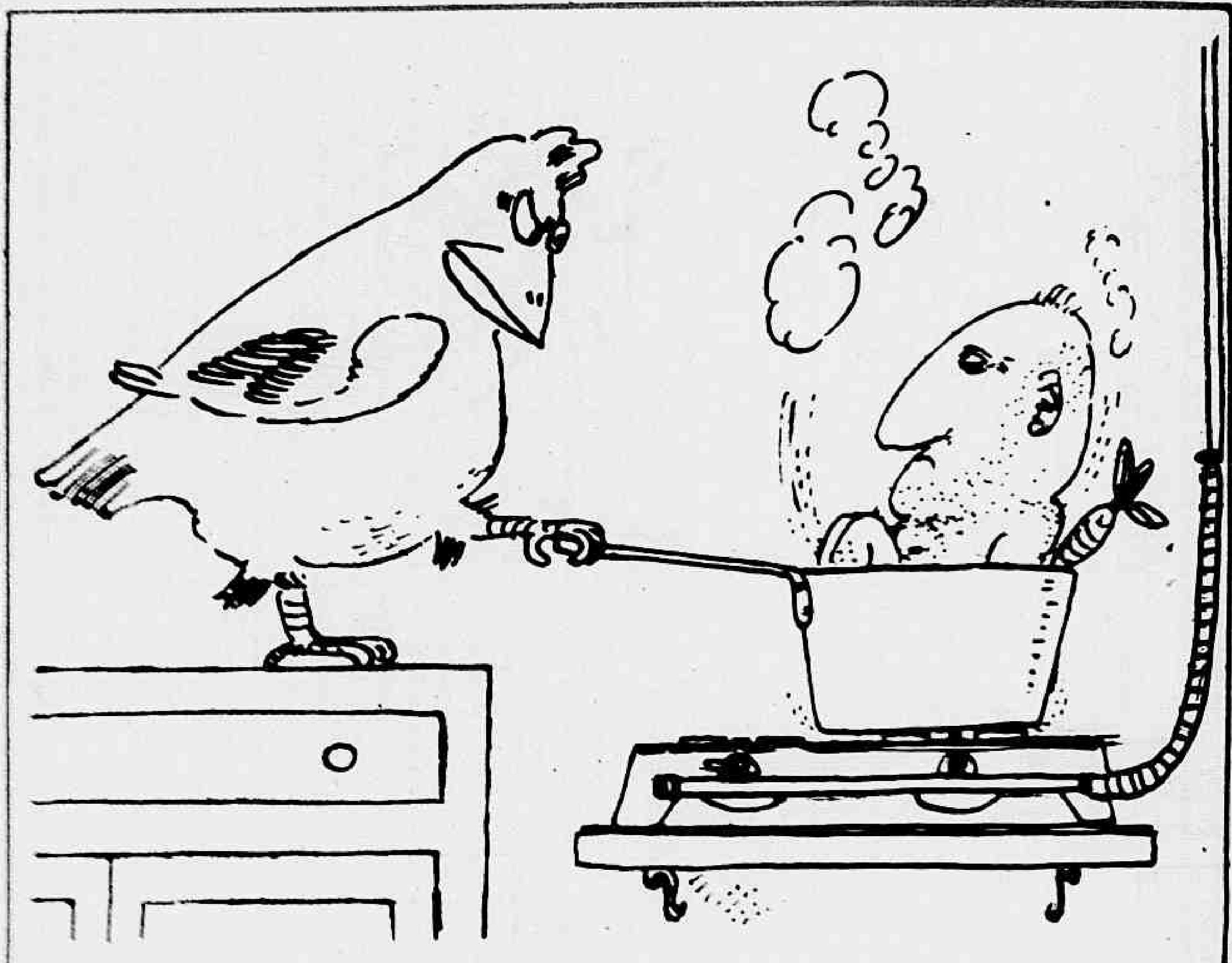
— Não imaginas como dá resultado! E é muito mais econômico...

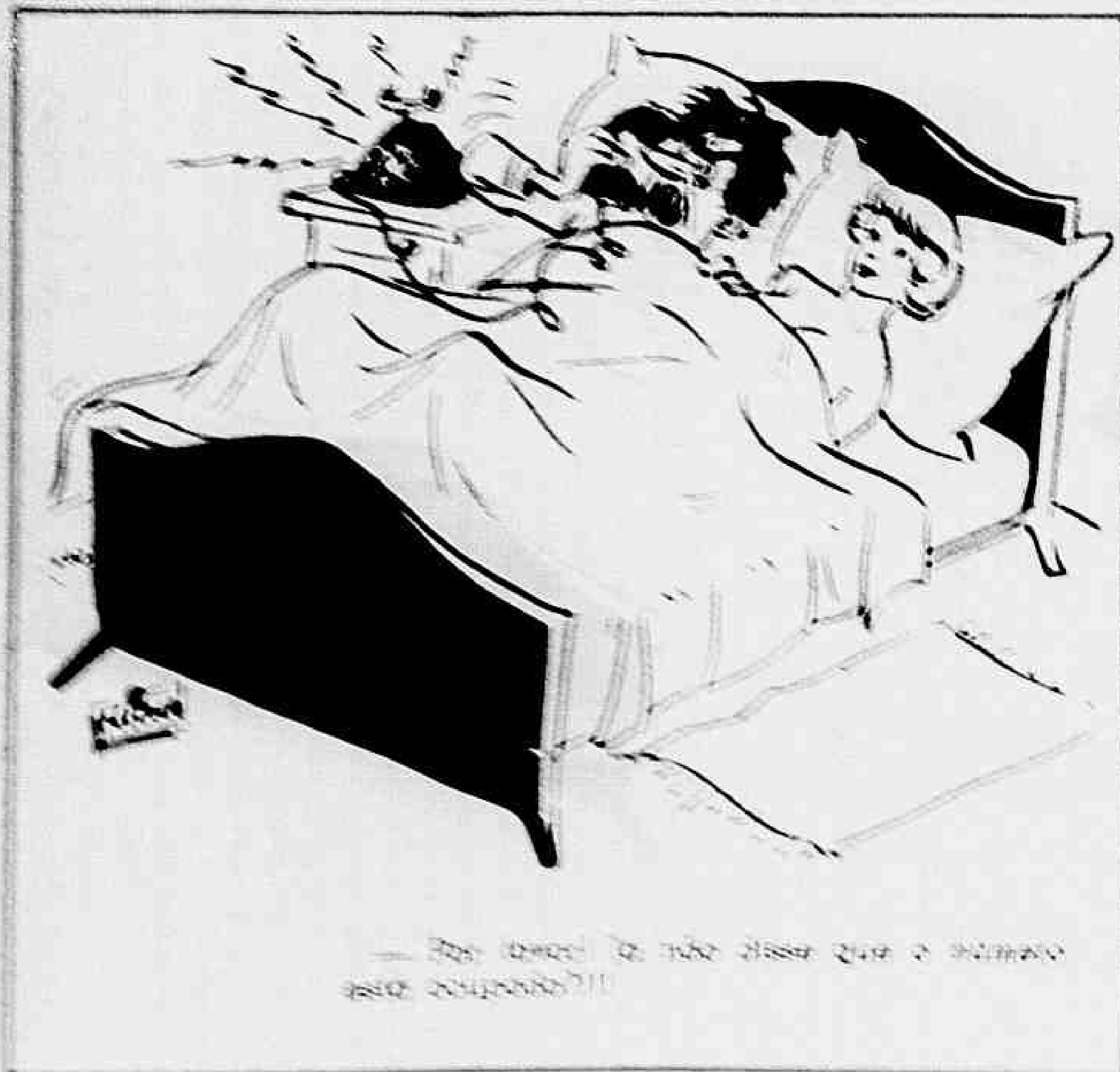
O RISO DOS OUTROS



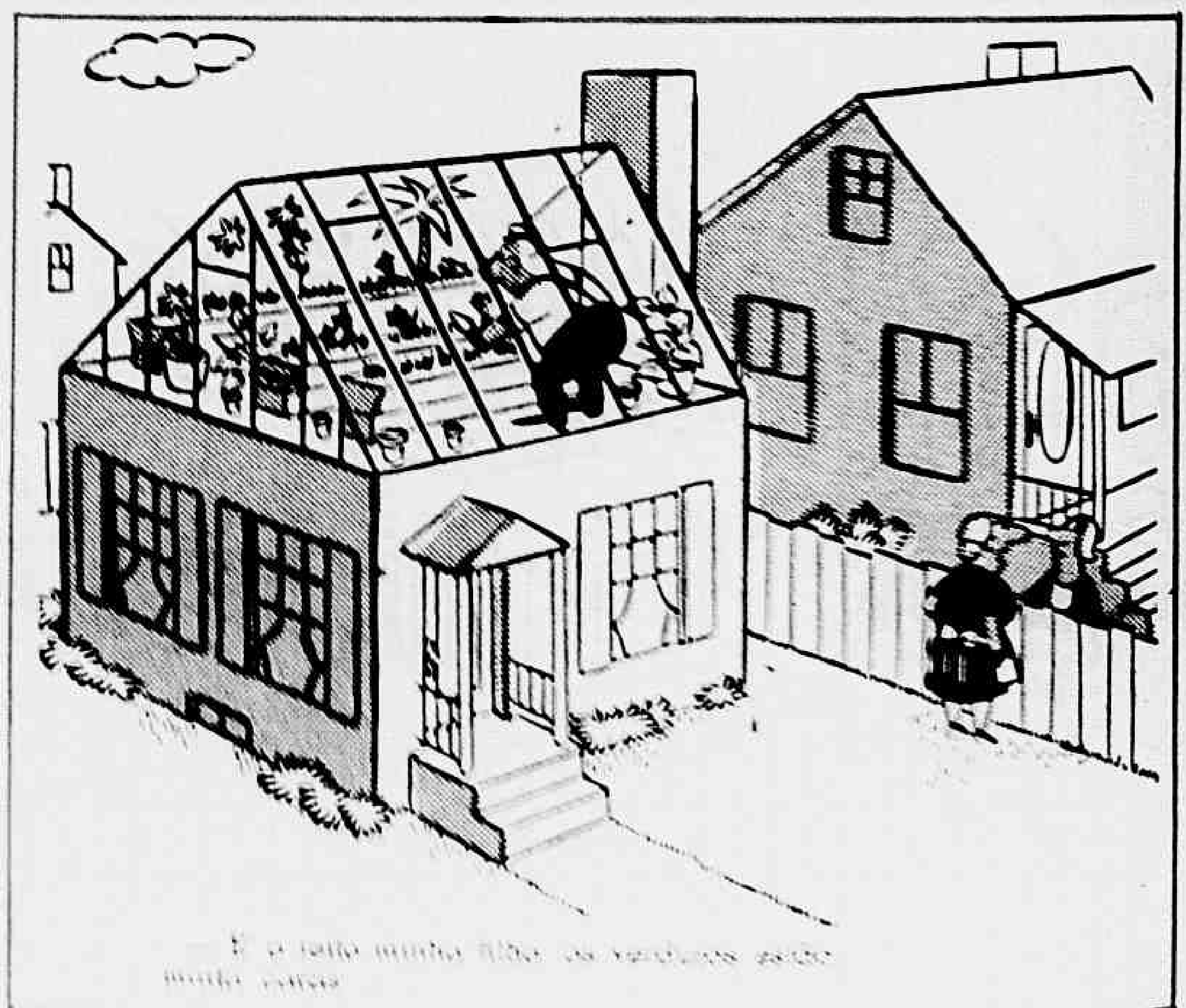
— Barão Von Schimidt, madame!







— Que horror! Já não disse [illegible]



— É o jeito minha filha: as verduras estão muito caras.



No Pavilhão da Aldeia do Rádio, onde mil e duzentas pessoas assistiam aos programas de aniversário da Rádio Clube do Pará

PRC-5 RÁDIO CLUBE DO PARÁ "a voz que fala e canta para a planície"

VINTE E CINCO ANOS DE FECUNDAS ATIVIDADES EM PROL DA RADIODIFUSÃO PARAENSE

O Rádio Clube do Pará celebrou, com festas excepcionais, a passagem de seu 25° aniversário de fundação. A emissora paraense que, na expressão de Vítor Costa, «tem quase a idade da própria radiodifusão nacional», foi a terceira estação que se inaugurou no Brasil. Presta assinalados serviços à tôda região amazônica e por isso mesmo o seu «slogan» é bem significativo: «a voz que fala e canta para a planície»...

Na noite de 22 de abril tiveram início as comemorações com um espetáculo de gala no Teatro da Paz, que estava completamente lotado, apresentando-se em desfile os elementos do «cast» regional e figuras brilhantes da Rádio Nacional do Rio e da Rádio Tupi de São Paulo, como Marlene, Nelson Gonçalves, Marion, Risadinha, Olivinha Carvalho, Romeu Ferez e Maria Eduarda. O Rádio Clube fêz seus convidados de honra Vítor Costa, diretor-geral da Rádio Nacional, do Rio, e Dermival Costa Lima, diretor de broadcasting da Rádio Nacional de São Paulo, os quais dêsse modo acudiram a um convite antigo da emissora paraense. São diretores do Rádio Clube do Pará os srs.: Edgar Proença, presidente; Eriberto Pio e Carlos Camalier, diretores comerciais.



Vítor Costa, da Rádio Nacional do Rio, proferindo uma saudação à Rádio Clube do Pará.



Edgar Proença, diretor da PRC-5, oferece um mimo a Marlene, que participou da grande festa.



Nelson Gonçalves interpreta um dos seus recentes sucessos, perante a enorme assistência.

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo entre 13 e 19 de junho de 1953.

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — Evite tôda e qualquer associação de interêsse, nos próximos sete dias. Sua caminhada, durante os mesmos, se fará entre perigos. Livre-se de atritos com vizinhos e de companhias duvidosas.

TOURO (21/10-20/11) — Com exceção do dia 13, o novo período será francamente favorável aos seus empreendimentos e aos seus negócios. A propaganda que fizer, na próxima semana, dará o máximo de rendimento.

GÊMEOS (21/11-22/12) — A semana será iniciada com um eclipse total do seu astro. Será inútil qualquer tentativa, de sua parte, para ficar em evidência. Seus apelos não serão ouvidos e, em muitos casos, procrastinarão seus direitos.

CANCER (23/12-20/1) — O consulente vai entrar num período de euforia, de verdadeira exaltação. E' possível que se exceda na apreciação das cousas vistas ao alto da sua egolatria e sofra uma profunda desilusão.

LEAO (21/1-20/2) — Apenas o último dia da semana entrante lhe será desfavorável. Aproveite a chance para processar o desejado reajustamento dos seus negócios. O período favorecerá o que empreender em tal sentido.

VIRGEM (21/2-22/3) — Limite-se aos casos ordinários da sua profissão. Não dará resultado a medida que tomar visando a expansão dos negócios. O ambiente não o favorecerá.

LIBRA (23/3-20/4) — Não dê limite às suas exigências e venda seu peixe muito caro. O novo período o favorecerá extraordinàriamente. Imponha-se em todos os setores de suas atividades.

ESCORPIAO (21/4-20/5) — Muito bom para os negócios, o ambiente formado pelos astros, não obstante, prejudicará os que dependerem de viagem. O dia 13 será particularmente mau.

SAGITARIO (21/5-26/6) — Suas possibilidades estão reduzidas consideràvelmente. Não espere grandes coisas nos próximos dias. As viagens aéreas serão perigosas, no seu caso, notadamente no dia 13.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — Uma semana insignificante lhe está reservada, de um modo geral e desfavorável à vida doméstica. Seu ambiente, no lar, será de desentendimento constante.

AQUARIO (23/7-21/8) — O novo período será muito favorável às viagens já programadas. Possibilitará novas e proveitosas relações e negócios de grande futuro.

PEIXES (22/8-20/9) — A despeito da objetividade dos seus empreendimentos, será forçado a ficar nos domínios da teoria e dos projetos. Não encontrará ambiência adequada à efetivação dos planos já amadurecidos.

Os Nomes da Semana

Junho 13 — Walter Irene
" 14 — Ronaldo — Diva
" 15 — Osmar — Elizabete
" 16 — Carlos — Aurora
" 17 — Érico — Vilma
" 18 — Rubens — Margarida
" 19 — Paulo — Otília.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol — Meio-dia de Greenwich.

Junho	13	22° 9' 44''	(Signo dos Gêmeos)
"	14	23° 7' 4''	(" " ")
"	15	24° 4' 24''	(" " ")
"	16	25° 1' 42''	(" " ")
"	17	25° 59' 00''	(" " ")
"	18	26° 56' 17''	(" " ")
"	19	27° 63' 34''	(" " ")

JANELA SOB



PICASSO ESPICAÇADO — Faz poucos dias os jornais publicaram telegramas de Paris, divulgando a contrariedade que causou, entre comunistas da França, um retrato de Stalin publicado no semanário «Les Lettres Françaises», do escritor comunista Louis Aragon. O caso foi tão gritante, que o próprio embaixador da URSS na França, Sr. Alexei Pavlov, protestou perante o P. C. Francês contra a obra de Picasso, a qual dá apenas ligeira semelhança com o falecido chefe soviético, estando, portanto, impossibilitado de ser publicado num órgão do partido. O episódio teve grande repercussão entre os adeptos da corrente política russa, assim como entre artistas em geral. E aqui estampamos o retrato picassiano, para que os leitores julguem.



VANJA ORICO, a festejada «Maria Clódia» de «O Cangaceiro», estêve no Festival Cinematográfico Mundial de Cannes, França, onde recebeu muitas felicitações pela performance, apesar de lhe não ter cabido papel principal. Vanja, que alia ao seu talento artístico, uma simpatia irradiante dentro de uma juventude eufórica, deixou-se fotografar numa das praias daquela cidade às margens do Mediterrâneo, quando se divertia a bailar como uma nereida saída das águas para embelezar a paisagem marinha. E' interessante registrar, que, para a imprensa européia, a bela canção que ela canta no filme é de origem índia! Ocorre também que há dois processos em andamento contra a «Vera Cruz», por apropriação indébita...

- O presidente Eisenhower e os chefes dos governos da Grã Bretanha e França vão se encontrar nas Bermudas dentro de mais alguns dias, a fim de estabelecer-se um plano de ação conjunta, anulando-se algumas divergências entre êles.

- Segundo informações procedentes de Londres, logo que se realizar a conferência das Bermudas, a Inglaterra e a França farão gestões junto aos Estados Unidos, para que se realize sem mais demora uma outra, mais importante, com a URSS.

- Anunciou o jornal egípcio «Al Ahram», que muito brevemente seguirá para Moscou uma missão militar do Egito. Essa missão será organizada nos mesmos moldes das que foram enviadas à Turquia, Paquistão e outros países orientais.

- Há mais de dez dias que as tropas comunistas martelam a defesa da «Linha Maginot» da Ásia, construída no delta do Hanoi, enquanto as guerrilhas vietminhesas atacam novamente no território de Laos. As batalhas são sempre noturnas.

- Ruth Miles, seguindo o exemplo da espôsa de Oatis, escreveu a Malenkov pedindo que libertasse seu espôso, o sargento Aubrey Milles, em território da Alemanha oriental. Informa-se, porém, que o militar está ali como refugiado e não como detido.

- A queda do gabinete francês criou dificuldades para a reunião dos Três Grandes, nas Bermudas. Serão necessárias novas consultas com o sucessor do sr. René Mayer, para que se possa fixar novamente uma data para a noticiada reunião.

- Estão tomando vulto as possibilidades de reconciliação entre a Iugoslávia e a Rússia. O marechal Tito, em discurso, se mostrou simpático ao reatamento de relações com o govêrno de Moscou, embora não signifique abandono do Ocidente.

- O sr. Vincent Auriol, presidente da França, resolveu oferecer à rainha Elizabeth, por motivo das festas da coroação, duas telas do pintor francês, Duncoyer de Segonzac. São telas de grande efeito nacional e obedecendo à escola atual.

QUEM DISSE ISSO?

1 — Deve-se ser lento na formação das convicções, mas, uma vez formadas, devem ser defendidas a todo custo.
2 — Assim como a água reflete a imagem, também o coração reflete o homem.
3 — Quem não encontra felicidade em si mesmo, é inútil procurá-la em outra parte.
4 — Para que tantos amigos? Basta um só, quando nos estima.
5 — O mundo é pouco para os insaciáveis.

(Respostas na pág. 38)

RE O MUNDO

O CARRO DO ADEMIR

Furtado no dia 26 de abril dêste ano, quando o conhecido jogador de futebol lutava no «Maracanã», foi-lhe devolvido, inesperadamente, quando fazia, precisamente, um mês de ausência. E, coisa curiosa: a pessoa que estava na posse e domínio do automóvel, devolveu-o com várias inovações e com o tanque cheio de gasolina. Frisamos «de gasolina», porque poderia estar cheio dágua, ou de terra, para ainda mais amolar o herói de campeonatos nacionais e internacionais. O carro havia rodado mais de dois mil quilômetros, o que dá a média de uns setenta quilômetros por dia. Como vemos, foi até pouco andejo o cidadão que o adquiriu por engano e que o devolveu dentro do maior cavalheirismo.

ARMISTÍCIO

Êste caso na Coréia toma agora um dos mais curiosos aspetos. Singman Ri, presidente da Coréia do Sul e aliado da ONU, está revoltado com a atitude do sr. Eisenhower, porque os Estados Unidos apresentaram aos sino-coreanos um programa mais objetivo para a assinatura do armistício naquele país. Elementos da política e da administração da Coréia do Sul se rebelaram contra o govêrno norte-americano e declaram que, de maneira alguma, aceitariam as condições patrocinadas pelos Estados Unidos, Inglaterra e outros aliados de maior responsabilidade. Ora, a Coréia do Sul está sobrevivendo graças aos Estados Unidos. Se êsse país aborrecer-se e largar de mão o sr. Ri, quem «rirá» por último?

- Milhares de fazendeiros dos Estados de Louisiana e Texas, estão lutando contra as maiores inundações dos últimos anos. As águas dos rios da região invadem povoações e fazendas, causando até 21.5, mais de 200 milhões de prejuízo.

- O sr. Harold Wilson, ex-ministro trabalhista inglês, foi recebido por Molotov, com quem conferenciou. Em seguida, o ex-titular do Comércio da Inglaterra foi avistar-se com Mikoyan, Ministro do Comércio russo, tratando-se de recíprocos interêsses.

- Para contornar o impasse surgido entre os aliados e os sino-coreanos, acêrca do armistício na Coréia, os delegados comunistas declararam que tudo estaria decidido se a ONU aceitasse uma comissão de cinco nações para administrar os prisioneiros.

- Os exportadores norte-americanos, que, até há pouco se manifestavam pessimistas quanto aos negócios com o Brasil, mudaram de atitudes depois do empréstimo dos 300 milhões de dólares. A impressão agora é de grande confiança no Brasil.







EPISÓDIO doloroso foi aquêle que sucedeu no vale selvagem do Niari, no Médio-Congo, a 280 quilômetros de Brazzaville. O comandante Dupont, em companhia de sua espôsa Janine, fundara a povoação colonial a que dera o nome de Aubeville, em 1947. A povoação ia progredindo. Tudo se encaminhando no sentido da civilização daquele meio, quando uma vizinha de Janine, querendo brincar com ela, ao vê-la a colhêr flores silvestres ao lado de sua casa, apontou-lhe um fuzil gritando: «Você está furtando meu jardim!» Um tiro partiu atingindo a espôsa do comandante. Desesperada, sua amiga e vizinha ficou atônita, pois ignorava que a arma estivesse carregada. E o sertanista ergueu a primeira cruz sôbre um túmulo, o de sua inesquecível Janine.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual dêstes três países tem maior área:
— Brasil?
— Austrália?
— Canadá?

2—Que Estado cedeu ao govêrno central norte-americano, a área em que está o Distrito Federal dos Estados Unidos:
— Maryland?
— Virginia?
— Pennsylvania?

3—Qual destas cidades teve o nome de Machambomba:
— Rezende?
— Nova Iguaçu?
— Rio Bonito?

4—De que Estado era Benjamin Constant:
— Do Estado do Rio?
— De Pernambuco?
— De São Paulo?

5—Quais eram os dois primeiros nomes do ex-presidente Rodrigues Alves:
— Francisco de Paula?
— Manoel Osório?
— Joaquim Manoel?

6—De que artista é a famosa tela «La Gioconda»:
— Tintoreto?
— Leonardo Da Vinci?
— Rafael?

7—Que significa música «amerindia»?
— Música sagrada?
— Triste?
— De índios da América?

8—De quem é êste pensamento: «As curtas ausências atiçam o amor; mas as longas o matam»:
— De Leibnitz?
— De Mark Twain?
— De Mirabeau?

9—Que epíteto deram ao primeiro automóvel em 1886:
— Milagre de Deus?
— Carro do diabo?
— Tira-sono?

10—Qual o maior jornal do mundo:
— O «New York Times»?
— O «Times» (Londres)?
— «La Prensa» (Buenos Aires)?

11—Em que mar se encontra a maior quantidade de peixe:
— O Mediterrâneo?
— O Mar do Norte?
— O Mar Amarelo?

12—Qual dêstes navios se incendiou no pôrto de Nova Iorque durante a última grande guerra:
— O «Bremen»?
— O «Queen Mary»?
— O «Normadie»?

13—Qual destas três ilhas é a maior:
— A Nova Guiné?
— Bornéu?
— Madagascar?

14—Em quantas horas um navio atravessa o canal do Panamá:
— Dez?
— Cinco?
— Dezoito?

15—Em que país se encontra a mais extensa linha telefônica do mundo:
— Na Índia?
— Nos Estados Unidos?
— Na Rússia?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 37)

Excluídos a Assistência Médica e o Seguro de Acidentes do Trabalho, o I. A. P. I. paga, por dia útil, em benefícios a seus associados e pessoas de suas famílias, mais de sete milhões de cruzeiros. Em cada hora de expediente diário, paga mais de um milhão. Paga, portanto, o I. A. P. I., por minuto, Cr$ 18 485,60 a seus associados e beneficiários.



Serviço de Fisioterapia para recuperação de acidentados no Pôsto Mauá — Rua Sacadura Cabral, 13, nesta capital. Êste pôsto funciona em três turnos diários, quase ininterruptamente. Atende por dia centenas de operários.



Fachada do amplo edifício do Pôsto Mauá. Todo o prédio está ocupado pelos serviços de Assistência Médica do I. A. P. I.

APARELHADO O INSTITUTO DOS PARA A REALIZAÇÃO DO SEGURO

ALGUNS ASPECTOS DOS SEUS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA MÉDICA E

ESTAS duas páginas constituem um sucinto documentário, com aspectos do atual aparelhamento médico e administrativo do Instituto dos Industriários para o atendimento dos acidentados do trabalho.

Tais aspectos abrangem principalmente edifícios e instalações do Distrito Federal e de São Paulo, mas poderíamos reunir dezenas de outras fotografias dos serviços médicos e de acidentes do trabalho mantidos pelo I. A. P. I. em todos os Estados, nas capitais e no interior. Contudo, são bem expressivas as ilustrações, pois sabemos que em São Paulo e no Rio localizam-se [illegible] dos associados do I. A. P. I.

Apesar de recente a criação do Departamento de Assistência e da Carteira de Acidentes, conseguiu o Instituto dos Industriários, na atual administração do Sr. Afonso César, imprimir notável desenvolvimento e dinamismo às atividades dêsses importantes setores.

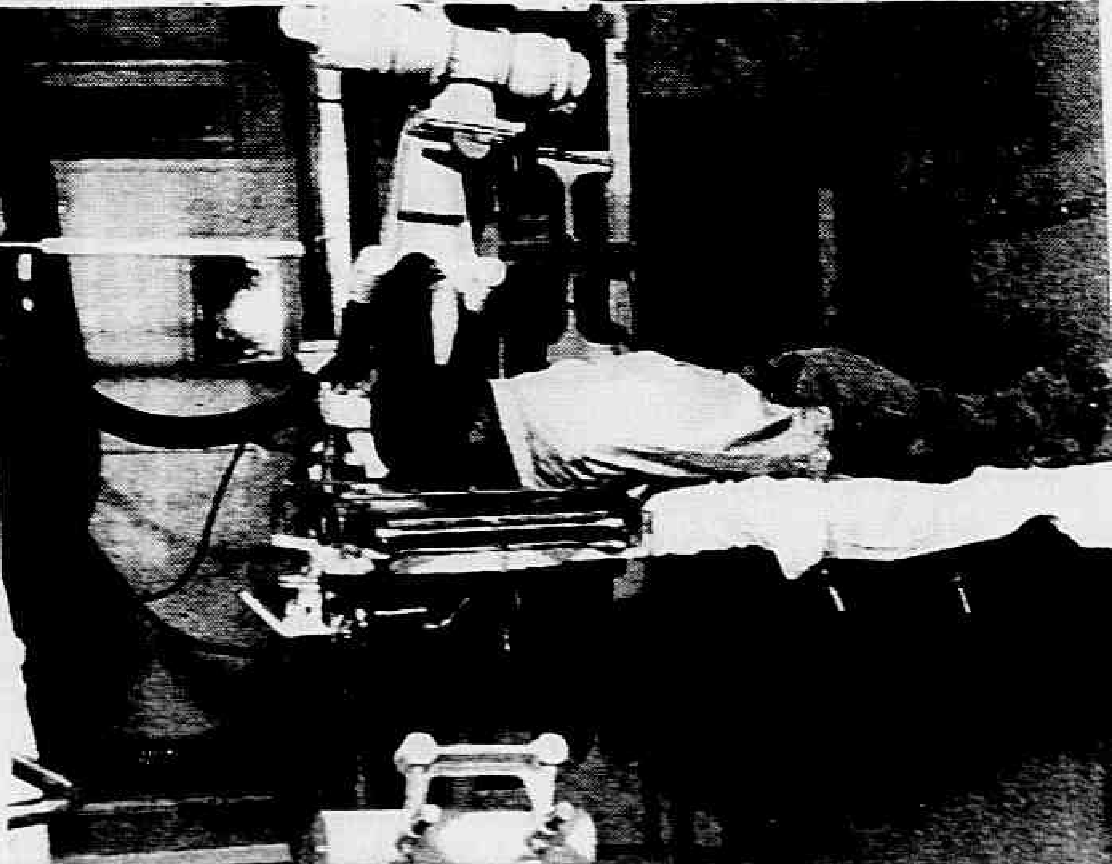
Presentemente, possui o Departamento de Assistência extensa rêde nacional de serviços médicos, de cujas excelentes instalações e elevado nível técnico damos testemunho irretorquível.

E' evidente, portanto, que o I. A. P. I. está plenamente capacitado para operar nos seguros de acidentes do trabalho na indústria, com exclusividade, a partir de janeiro de 1954, na forma prevista na Lei 599-A, de 26 de dezembro de 1948.

Aliás, os empregadores e empregados da indústria, em todo o país, receberam com a maior simpatia a criação da Carteira de Acidentes do I. A. P. I. e lhe vêm dando decidida preferência.







Sete das vinte ambulâncias recentemente importadas pelo I.A.P.I. já estão atendendo aos serviços de socorro urgente a acidentados do Distrito Federal. Breve chegarão quatro refrigeradores para Banco de Sangue.

●

Ambulância da Carteira de Acidentes do I.A.P.I. socorrendo um acidentado, à porta de uma fábrica do Distrito Federal.

●

[illegible] utilizando-se do craniógrafo (radiografia do crânio). Trata-se de um dos poucos aparelhos para êsse fim existentes no Brasil.





Um dos três aparelhos do Gabinete de Radiologia do principal Pôsto de Assistência de Pôrto Alegre.

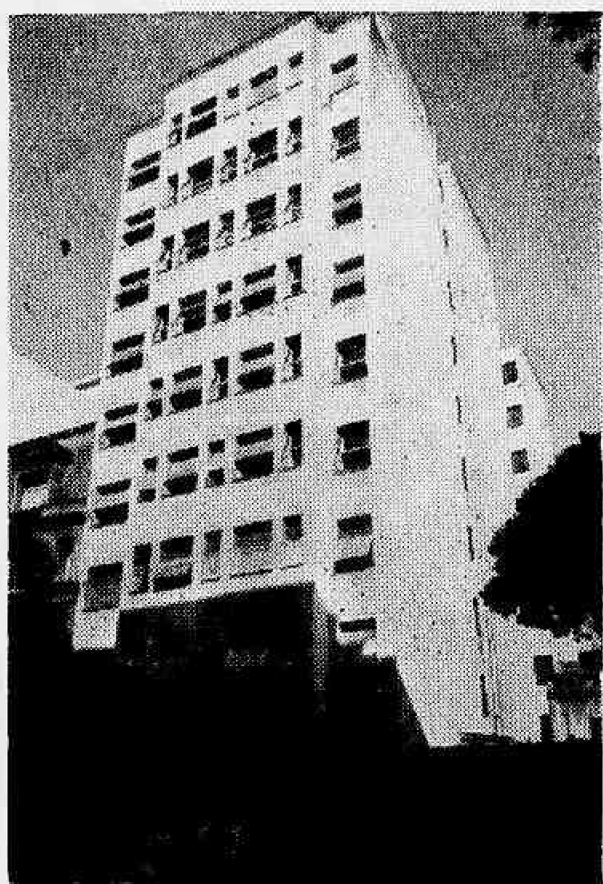
INDUSTRIÁRIOS DE ACIDENTES

DE SOCORRO A ACIDENTADOS

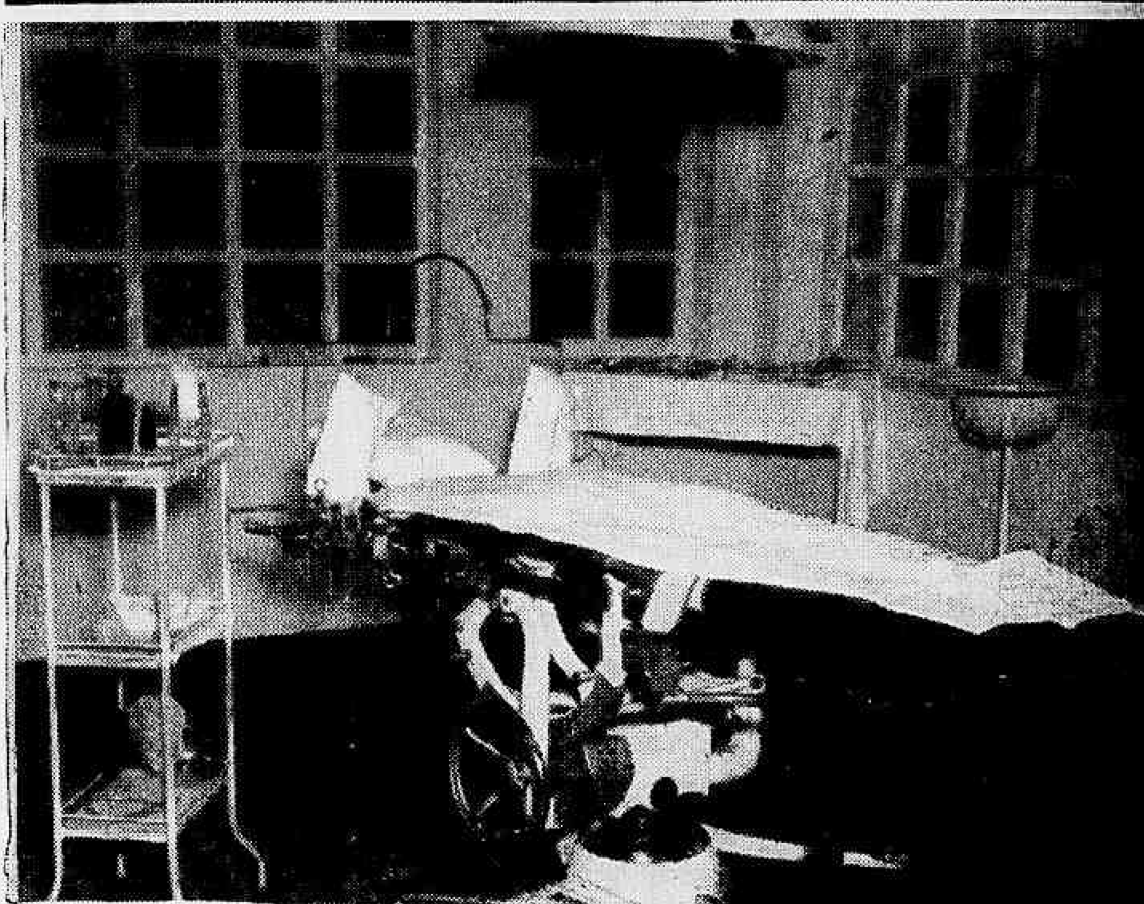
Outro aspecto do Pôsto Mauá. Acidentados estão utilizando o Serviço de Mecanoterapia, dos mais importantes para a readaptação profissional



O Presidente do I.A.P.I., Sr. Afonso César, e o sr. Márcio de Melo Franco Alves, Secretário da Companhia Siderúrgica Nacional trocam cumprimentos, por ocasião da solenidade de entrega da apólice que segurou contra acidentes do trabalho, na Carteira de Acidentes do Instituto dos Industriários, os doze mil trabalhadores da Usina de Volta Redonda



Fachada do edifício do Pôsto Central de Assistência do I.A.P.I. Êsse arranha-céu da Avenida Henrique Valadares, 147, é todo êle ocupado pelos serviços de assistência médica e para acidentados.



Mesa ortopédica do P. A. de Santo Antônio, S. Paulo.



Uma das salas de internação de associados do Hospital Regina Coeli, São Paulo.

APARELHAMENTO ADMINISTRATIVO E APARELHAMENTO MÉDICO

POSSUI o I.A.P.I. aparelhamento administrativo à altura das suas novas atribuições, em relação à prestação de assistência médica e atendimento dos casos de acidentes do trabalho, com 21 Delegacias nas capitais dos Estados e no Distrito Federal, 107 Agências no interior do país e 57 Postos de Benefícios. Para instalação neste exercício programou o I.A.P.I. mais 93 Agências, 150 Subagências e 21 Postos de Benefícios.

Quanto a órgãos específicos da Carteira de Acidentes do Trabalho, o I.A.P.I. estabeleceu extensa rêde de representantes e correspondentes abrangendo localidades onde não haja órgão local do Instituto. Em breve estarão integradas no conjunto dos serviços da Carteira de Acidentes do I.A.P.I. 837 localidades distribuídas por todo o território nacional.

Relativamente ao seu aparelhamento atual em Assistência Médica, Cirúrgica, Hospitalar, Farmacêutica e Odontológica, o I.A.P.I. mantém a seu serviço em todo o país cêrca de 5.000 médicos, 217 hospitais, 34 farmácias e 38 Postos de Benefícios.

OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

— «Um médico, aqui de minha terra, escreve H. E., de São Paulo, afirmou que a «histeria» de que sofre uma amiga, deve ser causada por uma «neurose obsessiva». Não posso admitir tal afirmação, pois esta amiga, afora os sintomas característicos da histeria, não apresenta outros quaisquer...»

— Assim como é possível encontrar detrás da neurose obsessiva, um núcleo histérico, não é menos verdadeiro que não há histeria que não seja mais ou menos eivada de neurose obsessiva; e, enquanto esta não é descoberta, a análise de uma histeria mantém-se incompleta e seus sintomas persistem.

● De J. L. P.:

«— Não acredita o doutor que, quase sempre, as perturbações nervosas sejam uma forma de se esconder doenças físicas?»

— «Quase sempre», não. Há, todavia, processos que se desenrolam seguindo vias psico-biológicas abertas, podendo, igualmente, efetuar-se numa ambiência normal. Numerosas lesões puramente orgânicas dão a impressão de serem neuroses.

Há, por conseguinte, neuroses que tem a mesma causa duma afecção orgânica banal. Inúmeras vêzes somos surpreendidos por sintomas somáticos duma afecção orgânica real, escondidos sob a cortina luxuosa duma neurose.

Escreve-nos M. S.:

— Não entendo o que significam «perturbações da sensibilidade subjetiva...»

— São perturbações que o doente acusa espontâneamente. São, por assim dizer, dores espontâneas: «parestesias» e «disestesias». Dependem elas de irritação, provocada por qualquer mecanismo e exercida em qualquer ponto das vias sensitivas.

● **A dor é uma sensação desagradável, penosa. São dois os elementos fundamentais: sensação especial de contato, de calor, de frio, de pressão, etc; e sensação de intensa tonalidade afetiva que a torna penosa. Sua intensidade varia dentro de amplos limites, desde a mais leve à mais violenta, intolerável. Há um fator individual que faz que a mesma dor seja leve para um indivíduo e intensa para outro, dependendo da raça, da educação, e de fatôres outros, acima descritos, pode determinar uma sensação prazeirosa: é a «algofilia», muito observada nos «masoquistas», nos místicos e em certos psicopatas.**

CORRESPONDÊNCIA

JAIRO (D.F.) — A concepção satírica da mulher-desgraça, liga-se a uma velha passagem de Hesíodo, segundo a qual Zeus teria permitido a Hefaístos criar Pandora com terra, a fim de punir Prometeu por ter roubado o fogo. A narrativa de Hesíodo termina assim: «Foi assim que o próprio Prometeu, o desviador de sofrimentos, não conseguiu escapar à cólera de Zeus e, mau grado tôda a sua astúcia, continua fortemente aprisionado por poderosas cadeias.»

Sôbre a verdadeira natureza dessas cadeias femininas, esclarece-nos uma das mais antigas pedras gravadas, que representa Prometeu na posição correspondente à do feto no útero materno. Esta pedra gravada, uma das pedras chamadas «insulares» do British Museum, proviria de Creta e pertenceria a uma forma de arte que talvez seja lícito chamar pelásgica.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **LIA — (Rio)**

SONHO — Eu ia casar-me, e, no dia marcado, estava muito aflita porque não tinha vestido de noiva. Consegui um emprestado, mas, qual não foi minha decepção ao ver que me batia pelo meio da perna? Fiquei triste e fui a uma costureira (já falecida) que, em outros tempos, cosera para mim, para pedir que desse um jeito de consertar o vestido. Achei-a muito mal; mesmo de cama, ela começou a costurar, e eu, à cabeceira, insistia para que se apressasse, pois se aproximava a hora da cerimônia. De repente, ao olhar para ela, vi que, ao dar o último ponto no vestido, ela virava a cabeça e morria. Apesar do meu abalo, apanhei a costura e saí correndo.

INTERPRETAÇÃO: — Todos nós, com nossos pensamentos de fracasso, de dúvida, de mêdo, criamos uma atmosfera de incertezas em nossa vida cotidiana. Por essa razão é muito comum têrmos sonhos cheios de ansiedade (ficar aflito) onde os objetos nos faltam (não ter vestido de noiva) ou somos perseguidos pela adversidade, ou por elementos estranhos à nossa personalidade. O casamento é um fator de grande importância nas interpretações oníricas, por vir confirmar os princípios básicos da psicanálise — a líbido e os recalques. E' fato por demais comprovado que a única preocupação — a finalidade máxima das criaturas — é a sua própria perpetuação, por meio da procriação, sendo tudo o mais que completa e preenche a existência, simples figuras decorativas que têm como objetivo, ainda despertar a atenção do sexo oposto para a vida em comum. Daí seu sonho com casamento. E a série de fatos inibidores (vestido curto, premência de tempo, etc.) completados pela moléstia da costureira que «morre» ao entregar a encomenda. Essa morte também é um símbolo real de sua falta de confiança num possível casamento. Não há a menor dúvida, Lia, de que viemos a êste mundo para completar «in totum» a nossa missão, porém, por várias razões que não cabem nesta coluna, deixamos de satisfazer a alguns dos nossos desejos; daí, devemos viver com espírito de superioridade, de maneira a não sermos afetados profundamente por essa lacuna.

PEDREIRO — A interpretação do seu primeiro sonho foi publicada na revista de 28 de março. O outro sairá em breve. A coluna é pequena e... há fila.

● **ALICE — (Rio)**

SONHO: — Via meu pai (a única pessoa com que conto) morto. Tinham-no colocado num caixão prêto e depositado numa eça em cima de três degraus. Eu chorava demais e estranhava a calma de minha irmã que é bastante nervosa. Perguntei-lhe porque não chorava e ela me respondeu sorrindo: — Papai não morreu; vai ver como resuscitará. — Meio incrédula, procurei consolar-me, embora continuasse a vê-lo morto. Em dado momento, meu cunhado, acompanhado de quatro homens, tirou meu pai do caixão e alguém lhe aplicou uma espécie de injeção, fazendo com que êle abrisse os olhos e acordasse. Estupefacta, acordei.

INTERPRETAÇÃO — E' a cousa mais comum dêste mundo acreditarmos que se alguém — parentes ou não nos venha a faltar, ficaremos desamparados e sós; porém, se quisermos nos dar ao trabalho de passar os olhos pelas páginas do maior e melhor livro que já se escreveu até hoje (a Bíblia), veremos que Jesus nos adverte dêsse modo errôneo de pensar, dizendo-nos: — Olhai os lírios do campo que não tecem nem fiam e se vestem de linda roupagem. — Assim, Alice, a única pessoa com que você deve contar é você mesma; tudo o mais é passageiro e como você, perecível (morte de seu pai). Porém, deve haver algo bem forte dentro do seu Eu, que a fará ver melhor (ressurreição do morto) as coisas, equilibrando a sua sensibilidade, controlando suas emoções, mostrando que podemos e devemos prescindir de tudo, desde que essa falta não seja provocada por nós e sim por uma Lei natural e vontade suprema de Deus. A Deus pertence tudo o que nos rodeia, de sorte que devemos nos conformar com os seus desígnios e conseguir viver sem mêdo e sem receio de acontecimentos que, às vêzes, nunca se darão.

● **ALICE PATON — (Rio)**

SONHO: — Via meu filhinho de oito anos — que se encontra atualmente em Portugal, em companhia do pai de quem estou separada — com a boquinha cheia de espinhas de peixe, que eu tentava tirar, para que não as engulisse. A certa altura, vi que êle estava sentado de maneira tal que só se via uma das pernas. Sobressaltada, passei-lhe a mão pelo corpo e com dolorosa surprêsa vi que, realmente, lhe faltava a perna direita.

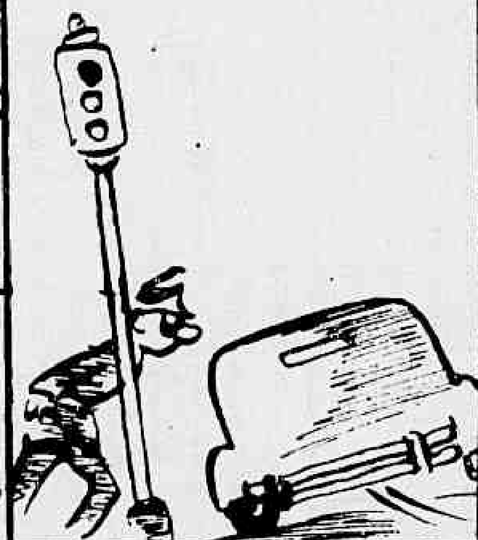
INTERPRETAÇÃO: — As espinhas de peixe que enchiam a bôca de seu filhinho outra coisa não são que as possíveis palavras acres que você tem proferido ao ver-se ludibriada em sua boa fé, visto não haver seu marido cumprido a promessa de devolver-lhe o menino, segundo me conta em sua carta. No seu desespêro de mãe, você deve estar vibrando ódio, malquerença, etc. e êstes sentimentos inferiores se apresentaram no objeto de sua afeição — seu menino. Entretanto, os peixes representam também a pesca miraculosa que fizeram os apóstolos de Jesus e me deixam ver que você, com calma, com expectativa esperançosa, dando a seu marido, espiritualmente, todo o amor que não lhe pôde dar em pessoa, poder reaver seu querido filhinho. Você sente, na sua angústia que êle, estando tão longe, não poderá fugir (estar sem uma perna) e sua tristeza chega ao auge, como demonstra em sua carta que é um grito de dor e de amargura. Alice, tenha fé, ore e espere com resignação, porque para Deus nada é impossível e só assim você será feliz e terá tranqüilidade.

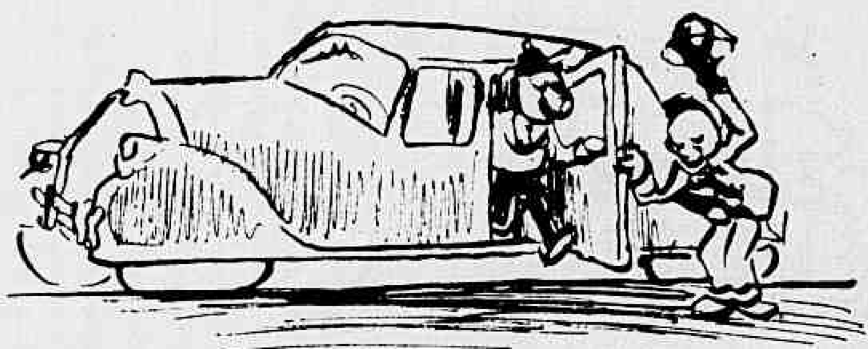
ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS
4 — Carro "Chapa Branca"

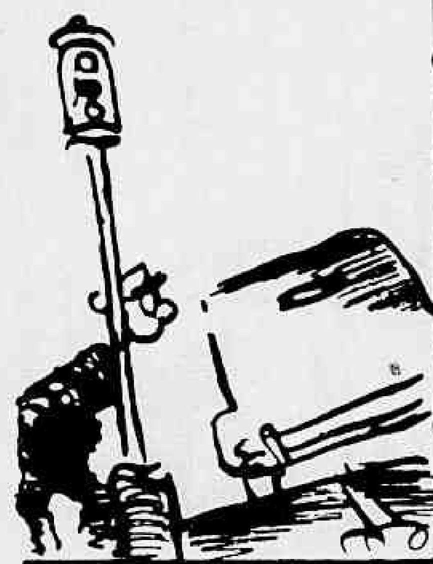




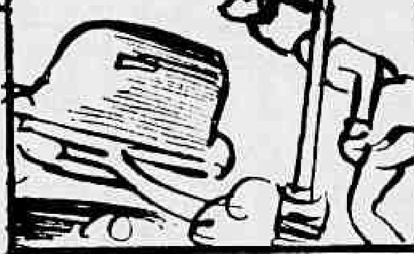


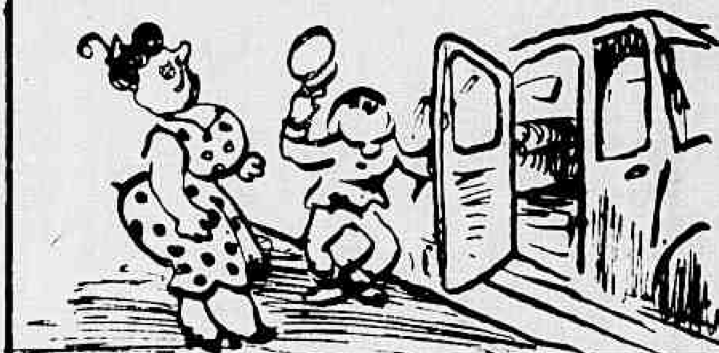
6 HORAS DA MANHÃ. A' PORTA DA RESIDÊNCIA DO CHEFE, LÁ ESTÁ O MOTORISTA A ESPERA. AS 8 E 45, SURGE S. EXCIA, ATRAZADO MAS APRESSADO. PARTEM VELOZMENTE

S.EXCIA DESCE A' PORTA DA REPARTIÇÃO, DEPOIS DE SOLICITAR AO MOTORISTA, QUE VÁ ATÉ AO JORNALEIRO, NA ESQUINA. ELE VAI... ELE VEM...





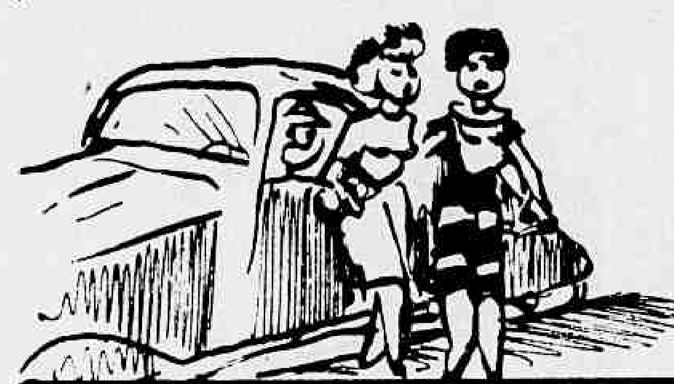


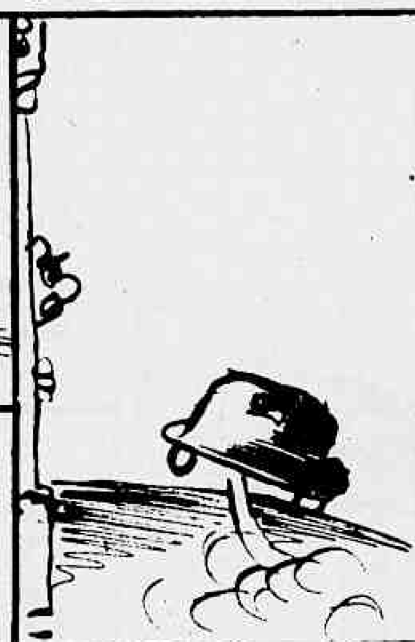


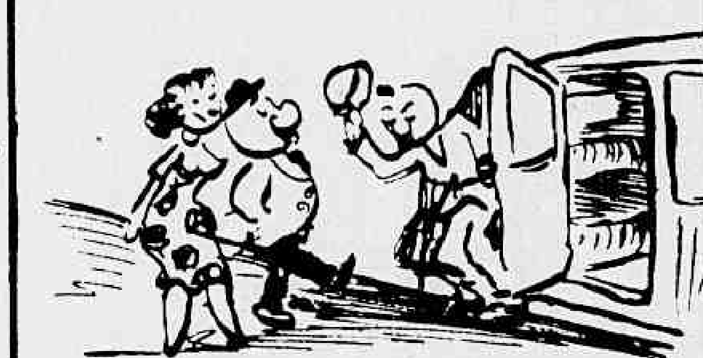
DEPOIS, VOLTA...

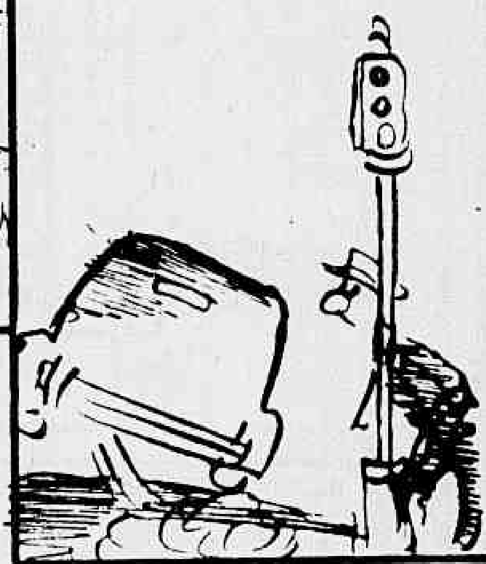
E' QUE ESTÁ NA HORA DE LEVAR OS FILHINHOS DE S.EXCIA Á ESCOLA. PRECISA SER RAPIDO POIS TEM QUE BUSCAR UM FRANGO NO MERCADO...

PARA VOLTAR RAPIDAMENTE, A TEMPO DE LEVAR E TRAZER DO DENTISTA, Á EXMA. SRA ESPOSA DE SUA EXCIA.



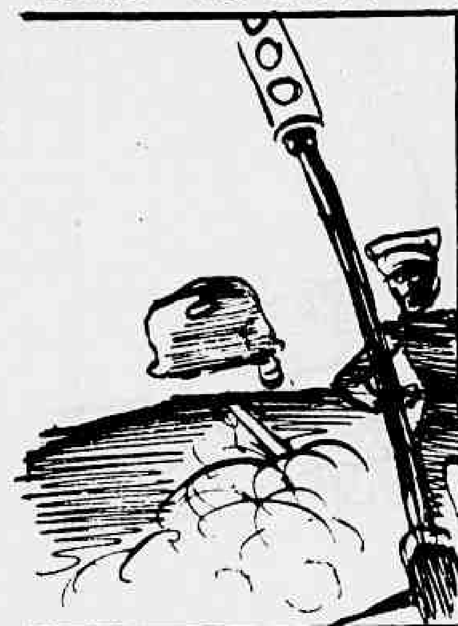






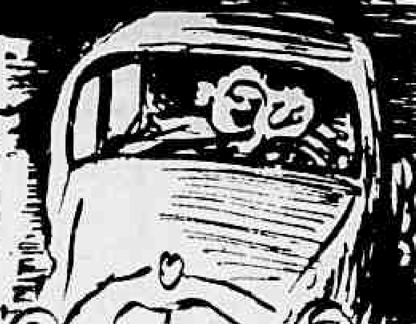
MAS TERÁ QUE VOLTAR DE NOVO Á CIDADE. E' QUE AS ENCANTADORAS FILHAS DE S.EXCIA. VÃO ÁS COMPRAS. DEPRESSA VAI Á...

...REPARTIÇÃO POIS SUA EXCIA. NÃO SUPORTA QUE ATRAZEM O SEU LANCHE QUANDO ACOMPANHADO DA SECRETARIA. E TORNA A VOLTAR!









BUSCAR OS GURÍS...

NA ESCOLA, AS 'MENINAS', MADAME E S.EXCIA. MAS DEPOIS DO JANTAR, AINDA HA UM EXPEDIENTEZINHO: S.EXCIA E FAMILIA VÃO TODAS AS NOITES AO CINEMA

E Á MEIA NOITE, AINDA ESPERA O FILHO DE S.EXCIA QUE FOI DAR UMA "VOLTINHA" NO CARRO...

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

CLEÓPATRA

Por ALMERICO RIBERA

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

CAPÍTULO II

A BELEZA DE CLEÓPATRA E SUA FINURA ESPIRITUAL DOMINARAM ANTÔNIO — INSPIRARA CLEÓPATRA A CONJURAÇÃO CONTRA CÉSAR? — AQUELA RAINHA DESLUMBRANTE E OPULENTA, TINHA MISTÉRIOS INSONDÁVEIS — NÃO AMAVA COM O CORAÇÃO, E SIM ATRAVÉS DE CÁLCULOS MATEMÁTICOS.

TUDO fôra um capricho, um grande capricho e uma ilusão gentil; mas, fôra, também, um intervalo de sonho na vida dos dois jovens, cujos caminhos deveriam ser tão diferentes e aos quais o destino separaria com enorme distância.

Cleópatra nunca esqueceu de que com o jovem romano aprendera beijos e carinhos que César não estava em condições de ensinar-lhe. Gneo pensou muitas vêzes nos verdes labirintos dos jardins do Nilo e nos ensombreados labirintos do corpo de âmbar de Cleópatra, nos quais o seus sangue jovem, confuso, enlanguecia. Intervalo de sonho, de um daqueles sonhos que tornam imponderáveis os corpos e fazem-nos extremecer subindo a píncaros inacessíveis.

Quando Gneo Pompeu partiu, ela seguiu com o olhar a trirreme que já pequenina sumia na vastidão do horizonte. Sentiu-se triste e consternada, como se a felicidade, a mais carinhosa das deusas, tivesse lhe voltado as costas.

Desde êsse momento, porém, resolveu esquecer... César chamava-a a Roma.

★

Roma acolheu Cleópatra entre templos e ricas mansões de mármore; entre estátuas e monumentos que recordavam os tempos austeros da primeira república; entre a plebe louca que tumultuava nos foros, jogando os seus votos; entre as brancas togas daqueles que, nostàlgicamente, ainda se faziam chamar senadores; entre os ecos das vozes de Catão e Cícero perdidas nos clamores da cúria. Atravessando o mar, ela atendera ao chamado do ditador. Refugiou-se numa casa às margens do Tibre, adornada de mosaicos e estuque, rica de alfaias de ouro, fulgurante de vestes preciosas e sapatinhos delicados, exalando perfumes que, de esguichos ocultos, saturavam o ar. Jovens palmeiras tinham sido trazidas das praias africanas, para que o jardim se assemelhasse aos de Alexandria, verdes e espessos. Também êstes se espelhavam nas águas do rio.

Naquele pequeno Eden, quando os afazeres de Estado e os outros mais calmos e razoáveis de Calpurnia o permitiam, César ia reviver, entre os braços de Cleópatra, as ilusões de sua juventude, já então irremediàvelmente passadas. O seu profundo desejo de não envelhecer chegava a suscitar fogueiras de amor para a sua sêde de amante.

Êle já tirara muito da vida, porém, e já lhe dera muito.

★

Ainda que êle já estivesse cansado e consumido, Cleópatra manteve-o, no entanto, junto a si, com todos os artifícios que inventava sua feminilidade. Ao instinto juntara-se a experiência. Da virgem áspera e incerta surgira a mulher segura que sabe e dispõe como quer dos meios que a natureza lhe forneceu.

Em Roma, «alma mater» a pequena rainha do Egito muito aprendeu. Dominada por fogosidade caprichosa, não hesitava em sair de noite, sem tochas, acompanhadas por um ou dois servos fiéis, para transportar-se além do Tibre, para os lados do campo de Marte, onde insígnias de tavernas e emblemas fálicos indicavam que a vida noturna da cidade se desenvolvia no torvelinho de todos os prazeres e de tôdas as sensualidades. Não era raro, de fato, que matronas com aparência e fama da maior austeridade, se divertissem de noite, por curiosidade, entre os caminhos dos vícios, e espiassem pelas portas entreabertas para assistir aos abraços de posse dos gladiadores e das meretrizes. Era um mundo que girava sôbre a roda lúbrica da libidinagem e da sensualidade embotada. Cleópatra aí respirava luxúria, a mesma que respiravam todos a sua volta.

Os tempos e as desordens políticas e morais alimentavam tôdas as formas ambíguas da carnalidade.

★

Que acontecera? Quem fôra? Quantos eram os assassinos? Seria possível que estivesse morto? Não era êle imortal?

Fôra nos idos de março. Era a derrocada e o início do cesarismo: a correção que se transforma em êrro, o êrro que se transforma em correção.

O gesto agressivo de Túlio Cimbro e a arma de Casca haviam iniciado o assalto dos conjurados contra César indefeso, e a estátua de Pompeu fôra o altar diante do qual se imolara a vítima.

A notícia da morte de César aturdira Cleópatra. Alguma coisa, muita coisa, talvez tudo, desmoronava à sua volta. As primeiras horas foram de angústia, as seguintes de resoluções, porque o mêdo, por uma aparente contradição, dá coragem. Deixar Roma, voltar para seu reino, desperta da sonolência tomar em suas mãos as rédeas do govêrno, atenta e alerta à espera dos próximos acontecimentos. Cleópatra fêz-se ao mar e voltou para o Egito. Lá, nas margens do Nilo, as agitações de seu reino haviam se acalmado, agora que Potino morrera. Teodoto estava sem ponto de apoio. A desonesta Arsinoé aprisionada, numa casa obscura dos subúrbios de Roma, com guarda à vista. O segundo irmão era muito jovem e não podia ser considerado um perigo.

A jovem rainha foi recebida com entusiasmo. Seus súditos pareciam ter enlouquecido de alegria. Hosanas e júbilo! Cleópatra, porém, sentia-se lânguida e triste.

César morto estava rompido o encantamento sensual, e as agitações de uma ligação irrazoável tinham sido queimadas sôbre a pira. O amor é o amor, ímpeto de juventude, prova de energia, medida de fôrça e lei de prepotência. A rainha era jovem e a maternidade embelezara-lhe o corpo com curvas acentuadas e meneios provocantes. Quando saía do banho, pela manhã, e nua sôbre o leito submetia-se às massagens e aos tratos das escravas, sob o tatear dos dedos leves sentia o sangue avivado, a carne mais disposta e uma aveludada sensação de alegria irriquieta. Vestida e perfumada, comedida nos ornamentos como tôdas as mulheres jovens quando sabem dêles ainda não precisarem, depois de ter dado audiência a seus ministros ficava horas e horas estendida sôbre uma pilha de almofadas, enquanto duas escravas abanavam-na com leques e uma outra contava-lhe histórias de amor, nas quais o humano se juntava ao divino. Compraz às criaturas ter o Criador como cúmplice de suas paixões. Muitas vêzes, porém, ela não ouvia. Como se a cantilena da narradora a adormecesse, fechava os olhos e, dos acontecimentos passados, tirava previsões a augúrios para o futuro. Que seria dela? Que lhe preparava o amanhã? A qual dos reis do Oriente se uniria em matrimônio? Ao mais rico? Ao mais poderoso? Ao mais jovem? Ao mais belo? A fantasia se desenfreava, impulsionada por desejos de experiências mais profundas.

Às vêzes, enojada com a própria direção de seus pensamentos, improvisamente ordenava a uma escrava que lhe trouxesse o pequenino César, apertava-o nos braços, cobria-o de beijos e de palavras amorosas, enquanto o menino olhava-a submisso e intimidado.

★

As incertezas da obscura política romana eram para Cleópatra causa de dúvidas e apreensões. O destino do mundo estava nas mãos de quatro homens, que o disputavam com tôdas as fôrças de que dispunham. De um lado Brutus e Cássio, os cabeças da conjuração que decidira a supressão do ditador e do outro lado Antônio e Otávio, o primeiro de caráter pouco e vacilante, fácil de se dobrar aos acontecimentos, o outro volitivo e tenaz, tanto nos empreendimentos privados quanto públicos, mais fechado e misterioso do que a própria esfinge. Quatro exércitos, frente a frente, para um empreendimento de grande proporções. Nunca no mundo houvera igual, desde quando os gigantes haviam tentado a escalada do Olimpo. Ninguém conseguia imaginar o que aconteceria com Roma depois da vitória de uma das partes contendoras. O enigma era obscuro e de qualquer forma se apresentava como uma catástrofe. As notícias que chegavam ao Egito eram incertas — através dos mares tornavam-se confusas, desconexas, irreais.

A rainha escutava. Habituada a não manifestar aos outros os seus próprios pensamentos continham suas esperanças e seus desesperos, suas alegrias e suas tristezas. Desafogava-as sòzinha quando podia retirar-se a seus aposentos. Quando queria aliviar um pouco mais suas profundas penas confiava-as a Iro e Cármio, duas mulheres que, sôbre tôdas as outras, lhe eram caras, e pelas quais era queridíssima.

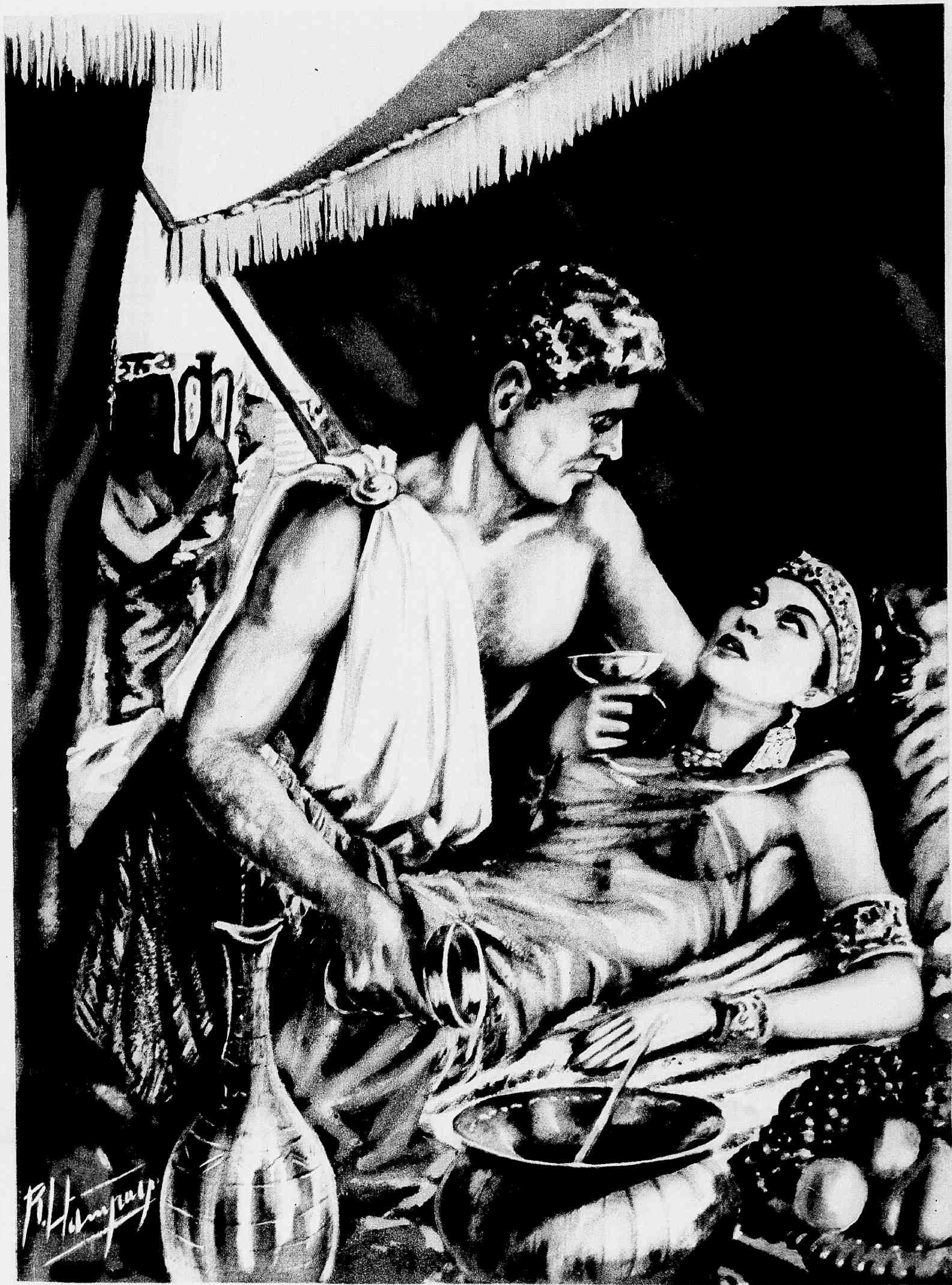
★

A repartição dos domínios imperiais, entre Antônio, Otávio e Lépido, não encontrara dificuldades por parte dos três árbitros das liberdades humanas. Otávio oferecera a Antônio a cabeça de Cícero. Antônio oferecera a Otávio a cabeça de Lúcio César, seu tio por parte de mãe. A Lépido foi oferecida pelos dois a cabeça de Paulo, seu irmão. Foi uma troca feroz e cruel que teve como contrapêso uma troca mais torpe ainda de propostas de casamento. Otávio se casaria com Clódia, filha de Fúlvia, mulher de Antônio, e os esposos passariam a soleira da mansão nupcial pisando sôbre as cabeças de trezentos proscritos.

Os três donos do mundo não eram homens com os quais se pudesse brincar e as suas vítimas eram a garantia de sua segurança pessoal.

Cleópatra foi acusada, com perfídia e cálculo, de ter favorecido a conjuração que tirara César do palco do mundo. Culpada ou inocente, sabia que Antônio devia julgá-la. Não valiam de nada a verdade, a justiça, a honra, os sentimentos, a estima dos homens. A razão de qualquer julgamento estava nas vantagens que dêle derivavam para os juízes.

(Cont. na pág. 38)





Príncipe Charles e Princesa Anne

Apesar de tôdas as jóias da coroa britânica à disposição da Rainha Elizabeth II, eis suas mais preciosas jóias: seus filhos. Êste casalzinho enche de harmonias a vida da Família Real inglêsa. Charles, o futuro Príncipe de Gales, tem cinco anos, e sua irmã, Anne, quatro. O quadro foi pintado por Margareth Lindsay Williams, artista que tem executado vários retratos da Família Real, desde quando era jovem estudante.

ANDOU 70 QUILÔMETROS PARA FAZER UMA SAUDAÇÃO FASCISTA ★ OS PRODUTOS DO SAQUE NA ABISSÍNIA ★ UMA GATA E UM CACHORRO ★ POBRE COMO JOB... ★ O MARECHAL FOI PROCESSADO E GANHOU NOVO INDULTO

ROMA (Via aérea) — Exclusivo da «REVISTA DA SEMANA».

RODOLFO GRAZZIANI, o marechal que era o lugar-tenente de Mussolini, o vice-rei da Abissínia, o chamado «Leão da Africa», voltou à política, participando de um «meeting» promovido pelo Movimento Social Italiano, organização tìpicamente fascista e que tem como dirigente máximo, embora não apareça, a sra. Eda Ciano, filha do «Duce».

Grazziani, está com 76 anos e, recentemente, foi beneficiado por um indulto. No outro dia reclamou as medalhas ganhas em campos de batalha. O seu esporte predileto é conceder entrevistas. Mora em Affile, 70 quilômetros distante de Roma, numa grande casa branca, apoiada na encosta de uma colina, com densa mata de pinheiros.

— Os pinheiros — disse Grazziani, — servem para tirar o marechal das aperturas financeiras...

— E o marechal é pobre?

— Pobre como Job...

SOMBRA DO PASSADO

— Aqui tenho a impressão de caminhar lentamente sôbre o meu passado que às vêzes me segue como a sombra — falou Grazziani no quintal vazio, indicando uma chapa de mármore, acima da porta da estrebaria e que leva o nome de «Ua-Ar».

— «Ua-Ar» era o nome do meu cavalo branco, um animal árabe que dividiu comigo os anos da minha vida. Foi pôsto em leilão pelos carabineiros e comprado por algumas dez mil liras pelo proprietário de uma feitoria. Estava cansado e não acostumado a viver em uma estrebaria comum, coitado, morreu em menos de uma semana...»

O marechal explica porque escolheu o arraial de Affile para viver os seus últimos anos.

— «A idéia de encerrar a minha existência entre o gentio humilde de Affile, sempre viveu no fundo das minhas aspirações, desde quando combatia na Africa Oriental. Tenho bons companheiros: um cachorrinho branco e um gato prêto, com o focinho claro. O cão «Concitella» é o substituto do «Conci», a cadelinha de Selassié, trazida de Adis-Abeba e sepultada debaixo de um pinheiro.

E fazendo blague:

— No fim da vida e vivendo com uma gata...

O MARECHAL NÃO QUER SER DE POLITICA

Quinze dias antes de aparecer em público, quando fêz a saudação fascista na Praça da Colônia, Grazziani declarou textualmente:

— Falam que voltei à vida pública. Nada mais falso. Participei, apenas, de uma reunião de ex-combatentes, visando, ùnicamente, encontrar meus velhos soldados. Dos cinco anos e meio que passei na prisão, não trago nenhum rancor. De minha vida militar, entretanto, conservo, entre outras cousas, uma recordação: 257 estilhaços que ficaram em minhas carnes depois do atentado de Adis-Abeba e três grandes cicatrizes provocadas por balas de fuzil. 257 estilhaços, murmurou, é muita coisa...



Marechal Grazziani, que na sua senilidade, pensa ser o novo «Duce»

GRAZZIANI QUER SER O NOVO "DUCE"...



Na intimidade dos criados, o Marechal Grazziani, que massacrou milhões de abissínios, toma um bom vinho.

Alguém perguntou se o marechal estava rico. A resposta:

— Não tenho quase nada... Todos os objetos da Abissínia, como as coroas de Teodoro, o cetro e a bola de ouro do Negus, o tambor com o qual Menelik levou o inimigo para Adua e os estandartes de ouro capturados em batalhas, deixo-os ao «Museu Colonial», onde criaram a «Sala Grazziani».

Êstes produtos do saque contra o povo abissínio, por sua vez, desapareceram do Museu...

PROCESSADO NOVAMENTE

O marechal Grazziani, pelo seu físico de gigante, desperta curiosidade. O seu prestígio, todavia, é como o de Badoglio, é ínfimo. Os fascistas exploram, apenas, o nome, a estampa do setuagenário. O marechal Grazziani foi processado por ter feito a saudação fascista, proibida pela Constituição Republicana.

Conversando com um líder do Movimento Social Italiano sôbre a discutida personalidade de Grazziani, ouvimos estas palavras:

— Êle quer substituir o «Duce»!

O jornalista falou consigo mesmo:

— Um pouco de fábula não faz mal e serve para diminuir os anos do marechal...

Na verdade, na Itália de hoje, Grazziani é zero à esquerda.



O povo de Oldensen, em volta do monumento a Andersen, manifesta ao artista Danny Kaye, sua visita à cidade, convertida em dia de festa.

OS DINAMARQUESES RECEBEM

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

ENTUSIASMO INTENSO CARACTERIZOU A VISITA À DINAMARCA DO "ASTRO" DANNY KAYE ★ GRATO O POVO DINAMARQUÊS PELA SINCERIDADE COM QUE INTERPRETOU A PERSONALIDADE DE ANDERSEN ★ SOLENIDADES EM HOMENAGEM AO GRANDE ARTISTA

Por KNUT ZIGURT

PELA primeira vez na história, Hans Christian Andersen foi visitado oficialmente por Hans Christian Andersen... E o povo dinamarquês, exuberante na sua hospitalidade e no seu amor pelo criador de tantos personagens que fizeram o encanto do mundo infantil, soube receber condignamente o seu herói predileto.

Referimo-nos à visita recentemente levada a efeito pelo «astro» cinematográfico norte-americano Danny Kaye, que estava na Dinamarca atendendo a um convite do povo dinamarquês, maravilhado e grato pela maneira brilhante com que o grande artista conseguiu interpretar a vida e os sentimentos do suave escritor das crianças.

O filme produzido por Samuel Goldwyn não teve pretensões biográficas, mas conseguiu mais isso, revivendo com veracidade a própria personalidade do escritor, penetrando o âmago de seu caráter, fornecendo uma versão fiel da suavidade de sentimentos daquele que tão bem soube compreender a alma infantil.

A RECEPÇÃO

O povo dinamarquês, satisfeito com a sinceridade com que Danny Kaye interpretou o papel de Hans Christian Andersen, dirigiu-lhe um convite oficial para uma visita ao país, organizando um programa de nada menos de quatro dias de festividades para comemorar o acontecimento.

À sua chegada em Copenhague, o popular ator teve que ser carregado aos ombros dos policiais para poder romper através da multidão que o ovacionava, entoando canções típicas da Dinamarca e tomada de indiscritível entusismo.

Um vasto programa de recepções havia sido organizado e foi cumprido à risca durante a permanência de Danny Kaye, mas, indiscutìvelmente, as solenidades que mais profundamente tocaram a alma do artista, foram as realizadas junto ao monumento de Andersen, no Kings Garden, que estêve literalmente tomado pela imensa massa humana que ali acorreu vibrando de entusiasmo.

AS SOLENIDADES

Um dos pontos altos e profundamente comoventes das solenidades realizadas em Kings Garden, foi proporcionada pelas crianças dinamarquesas, entre as quais se encontravam os alunos do Danish School Class Choir, que interpretaram, para Danny Kaye, as suaves canções de Andersen, mansas melodias que inspiraram a vida e a obra do imortal contista. As vozes cristalinas das crianças elevaram-se harmoniosamente para o céu, num ambiente de densa evocação, arrancando lágrimas dos olhos dos circunstantes. Danny, profundamente emocionado, ouviu atentamente os números cantados, não disfarçando o enlêvo ante aquêle soberbo e tocante espetáculo.

Logo em seguida, o «astro» subiu até o monumento de Andersen, de onde, repousando sôbre um dos joelhos da estátua, ouviu a saudação que lhe foi dirigida pelo presidente da Sociedade Hans Christian Andersen, da Dinamarca, mr. Philipsen, que agradeceu, em nome do povo dinamarquês, a honesta sinceridade artística que Danny empregou para viver o papel do maior ídolo da Dinamarca.

O momento culminante, porém, das solenidades de Kings Garden, que fêz o povo prorromper, mais uma vez, em frenéticos aplausos, foi quando Danny Kaye estampando nas faces profunda emoção e religioso respeito, depositou aos péus do monumento, ramalhete de flores.



O astro do cinema americano visita o Museu e examina, com emoção, objetos de uso pessoal do imortal contista Andersen, ídolo das crianças.

O entusiasmo popular chegou ao auge e Danny pôde ter uma nítida visão, do agrado intenso com que o povo dinamarquês recebeu a sua primorosa interpretação de Andersen.

V I S I T A S

Durante a sua permanência na Dinamarca, Danny Kaye realizou uma série de visitas oficiais, além de outras extra-programa. Pôde assim, obter um apanhado geral da vida dinamarquesa e não escondeu o seu entusiasmo pelo padrão de vida dêste país.

Copenhague, cidade secular, constitui um dos grandes patrimônios históricos do povo escandinavo. Datando das remotas eras de 1167, data em que Absalão construiu as muralhas destinadas a proteger o pequeno povoado de Havn, Copenhague viveu uma pacata existência de cidade de pescadores, até quando, em 1416 o Rei elegeu-a para sua residência, transformando-a no centro das atividades militares, comerciais, políticas e financeiras do país. A cidade floresceu ràpidamente, e embora modernizando-se aos gostos e exigências da vida, guarda intato o seu imenso patrimônio histórico, representado pelos seus museus, pela sua arquitetura antiga, pelas suas tradições.

Danny Kaye teve oportunidade de visitar quase tudo do que Copenhague tem de mais caraterístico, e entre as suas visitas, teve oportunidade de nos externar a sua admiração pelo cuidado que é dispensado aos nossos museu. Apreciou, particularmente, o Nationalmuseet, em Fraderiksholms Kanal, onde percorreu detalhadamente as seções de pré-história, Idade Média, folclore, coleções etnográficas, coleções de antiguidades egípcias, gregas e romanas, despertando-lhe particular interêsse a coleção de medalhas reais. No Carlsberg Glyptotek, admirou as coleções de arte, visitou ainda o Statens Museum for Kunst, o Museu de Armas (Tojhusmuseet) e o mundialmente famoso Thorvaldsens Museum, onde percorreu demoradamente as coleções de pintura, escultura e arte em geral.

O ASTRO COM A PALAVRA

Encontramos Danny Kaye quando almoçava no «Bellevue Strandhotel», em Klampenberg. A acessibilidade de Danny aos jornalistas, tornou, em breve, possível, uma palestra cordial e quente. O novo Hans Christian Andersen do cinema não deixou, por momento algum, de externar a sua admiração pela «Cidade Branca», como também é chamada Copenhague, pela sua alvura e imaculada limpeza de ruas.

— A recepção do povo dinamarquês — confessou-nos Danny, alargou-me o coração de tal maneira, que comecei a sentir-me como se fôsse na realidade, Hans Christian Andersen... Fiquei tão identificado com o seu povo e com o seu herói predileto como nos momentos culminantes da filmagem, em que me senti realmente fascinado pela personalidade do homem que procurava reviver. Foi um dos papéis mais agradáveis que jamais interpretei e o que mais comoveu a minha sensibilidade. A maneira como êsse povo adorável recebeu-me, veio solidificar de tal modo êsses sentimentos que, quando voltar a minha terra, vai ser difícil deixar de ser Hans Christian Andersen.

— Gostei da cidade e apreciei calorosamente os seus museus e recantos pitorescos. Adorei o Tivoli, que me fêz lembrar os grandes parques de diversão do mundo. Estou encantado com o seu povo e sinto que do fundo do coração, uma voz me dita sentimentos de imorredoura fraternidade para com essa gente de alma tão grande e tão exuberante simpatia.



Danny visita o monumento que perpetuou a memória do famoso mestre da literatura infantil no mundo inteiro, depositando um ramo de flores.



Danny Kaye, que encarnou a figura de Andersen, almoça a bordo do barco que o levou à Riviera dinamarquesa até Oldensen, terra do escritor.



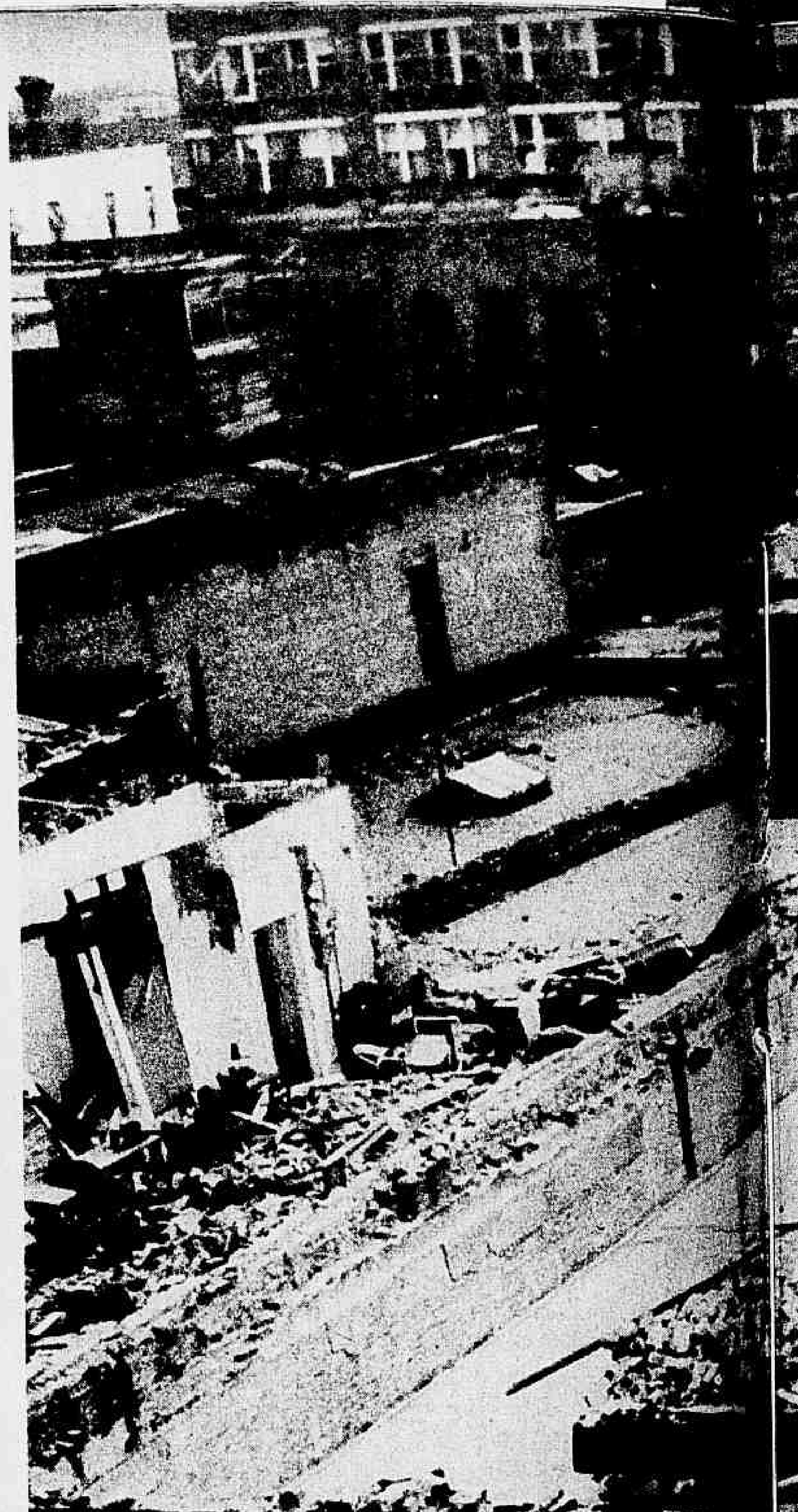
O primeiro Ministro Eric Eriksen, recebe o ator Danny Kaye **em sua** residência e lhe apresenta seus três filhos, fãs de Hans. **C. Andersen.**

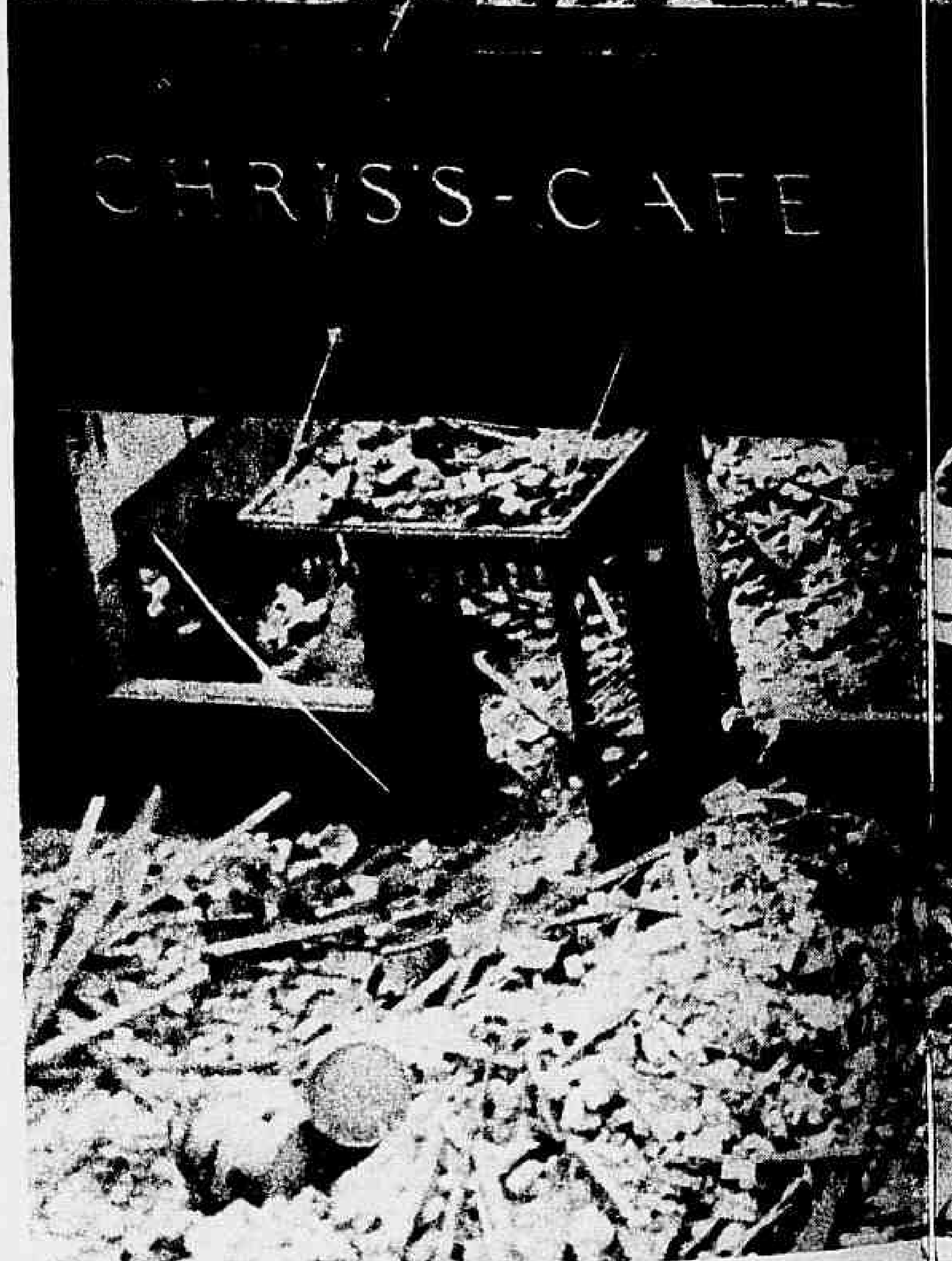
VARIAS CIDADES SOB A TRAGÉDIA DE UM CICLONE ★ PREJUÍZOS DE MAIS DE CINQÜENTA MILHÕES DE DÓLARES ★ MAIS DE CEM MORTOS E 300 FERIDOS ★ CENAS DE DOR ENTRE FAMÍLIAS QUE ERAM FELIZES ATÉ ENTÃO ★ LUISIANA E OKLAHOMA TAMBÉM SOFRERAM BASTANTE

Fotos RECORD

TÔDA aquela região dos Estados Unidos que fica adjacente ao famoso Golfo do México, é muito sujeita a ciclones, tufões e tornados. Embora tudo isso seja, mais ou menos a mesma coisa, uns se distinguem dos outros pelas caraterísticas de que se revestem na obra da destruição. A 12 de maio último, grande faixa do litoral daquele golfo sofreu as mais pesadas conseqüências advindas de terrível «tornado». Várias unidades da federação norte-americana, especialmente aquelas que têm cidades no vale do Mississipe e nos vales dos rios Brazos e Colorado, experimentaram as tremendas destruições de um ciclone de violência pouco comum.. As cidades mais castigadas pela fúria dos ventos que sopravam desesperadamente do grande golfo, foram a de Waco e a de Santo Angelo. Em Waco, à margem do Brazos, registraram-se mais de cem mortes, além de mais de 300 feridos, alguns gravemente. Edifícios de vários andares vieram ao chão, e suas ruínas davam a impressão de que a cidade havia sido alvo de mortais bombardeios. Cinqüenta milhões de dólares de prejuízos, eis o balanço aterrador após a passagem do vendaval devastador. Ruas inteiras, bairros completos, ficaram com seus edifícios esbarrondados, amontoando-se os destroços de alvenaria de cambulhada com prateleiras de casa de comércio e móveis de tôda espécie dos infelizes habitantes vítimas da furiosa visita da tempestade. Mais de duzentos estabelecimentos comerciais e industriais foram destruídos pelo ciclone, que arrastou o que ia encontrando pela frente, como se se tratasse de um caudal infrene de rio invisível Em face da consternação do povo, registraram-se algumas cenas que enterneciam pela natureza de sua inocência. Em meio aos destroços de vários edifícios no centro da cidade de Waco, duas crianças, — Sandra Moore, de 4 anos, e Bárbara Barfield, de 7, — riam contentes por terem encontrado seus «bebés», duas bonecas que sempre foram

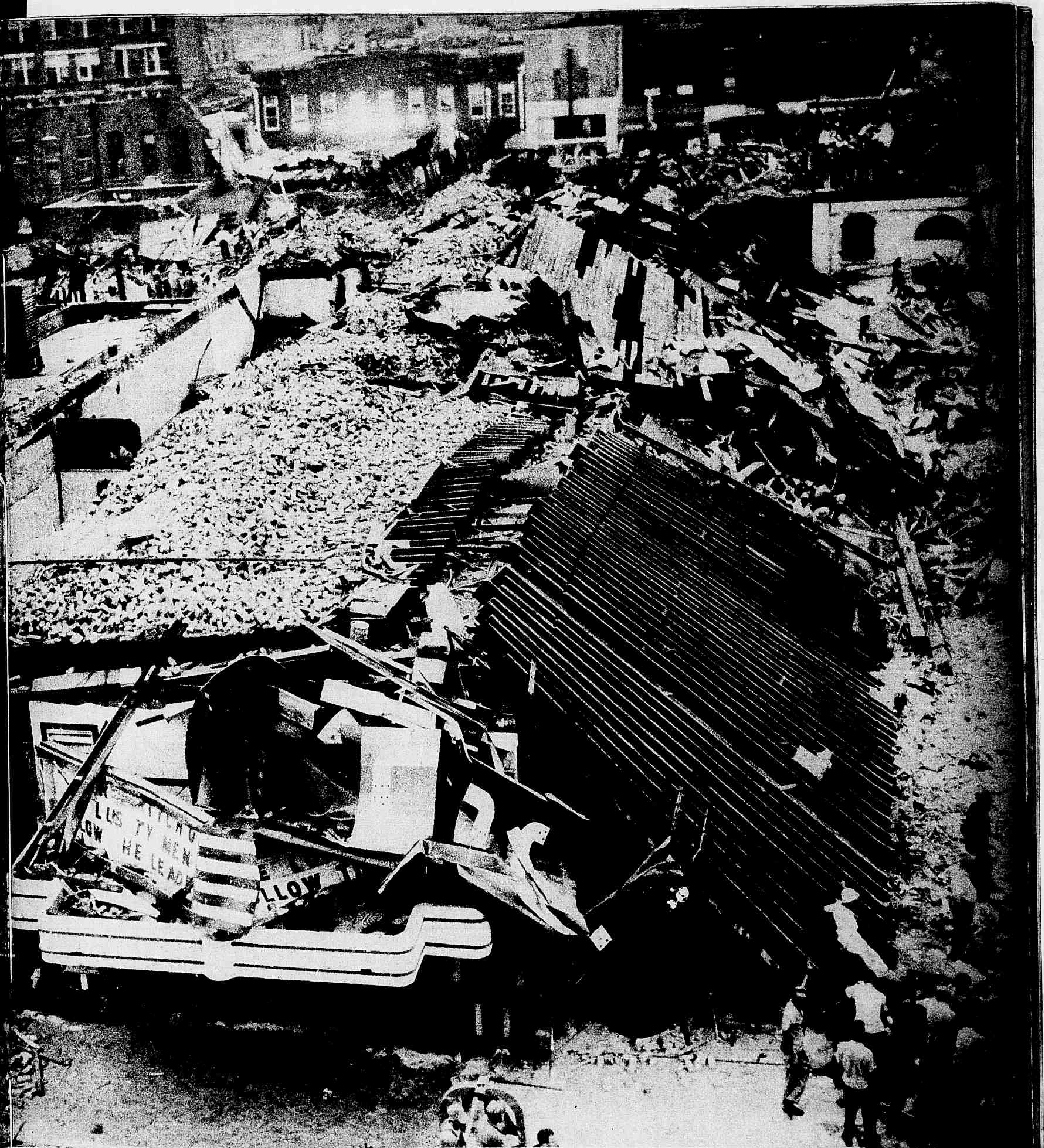






◀ Eis o deplorável estado em que ficou êste belo carro do

VIOLENTO



de passeio de um dos habitantes de Waco, Texas. Não é obra de bombardeio aéreo: trata-se do estado em que ficou o centro da cidade após o tufão.

TORNADO ASSOLA O TEXAS,

VIOLENTO TORNADO...



A zona industrial muito sofreu. Fábricas e outros estabelecimentos foram arrasados. O poder pú-



seu enlêvo, o treino para uma vida futura. Elas sorriam e conversavam na sua linguagem de anjos de carne e ôsso, indiferentes à desolação do ambiente, nem sequer imaginando a atrocidade do destino sôbre a cidade inteira. Para Sandra e Bárbara, a sobrevivência daqueles bonecos era tudo. Êles eram o seu mundo, o motivo de suas brincadeiras infantis, de suas conversas em família, de seus sonhos de criança. Depois, com certeza, a cidade seria reedificada. Mas, se as suas «filhinhas» perecessem nos entulhos? Aí é que estaria a verdadeira catástrofe...

Além de Waco, outra cidade houve que também muito sofreu. Foi a de Santo Ângelo. Numa fotografia desta reportagem vemos um homem residente nessa cidade, desolado, entre as ruínas daquilo que fôra o seu lar. Móveis destruídos por todos os lados, paredes demolidas, objetos de estimação e de arte, sabe Deus conseguidos com que sacrifícios, tudo destruído, tu-

Gene Scott, de 11 anos de idade, contempla os estragos feitos em sua casa em Santo Ângelo.



blico remove o entulho e salva o que é possível. Mas ninguém poderá impedir a dor pública.



«Home, sweet home», era a linda residência dêste trabalhador de Santo Ângelo, no território do Texas. Mas agora .. vejam a dor que lhe esmaga o coração. São muitos os casos iguais a êstes.

do aniquilado! E êle se sentou e apoiou a cabeça entre as mãos, esmagado pela fatalidade, com a alma destruída como a sua casa, numa expressão de dor que era a própria expressão de desespêro da cidade amargurada. Noutra foto aqui estampada vemos um garôto, Gene Scott, de onze anos, diante da destruição do lar de sua avó, Mrs. J.N. Scott. Mas, nem êle, nem a velhinha sofreram nada, pois que estavam distantes da casa em mais de meia légua. Foi a salvação. Logo que serenou a tempestade de vento, o menino veio ver o que sucedera com o lar de sua avó. E eis o que se lhe deparou aos olhos atônitos: devastação por todos os lados. Outras cidades em Luisiana e Oklahoma também sofreram os efeitos desastrosos do tornado, embora em menor escala. Não se pode descrever o desespêro de mães a fugir com os filhos nos braços; pais de família loucos de dor em busca de seus entes queridos; velhinhas curvadas ao pêso

(Cont. na pág. 36)



Sandra e Bárbara, duas inocentes, sorriem em meio da desgraça, porque salvaram as bonecas.

A BEM AMADA

Romance de **THOMAS HARDY**

EM circunstâncias ordinárias teria Pierston podido obter, imediatamente duas boas criadas; mas se contentou com uma, ou melhor, com menos de uma, isto é, com aquela moçoila matuta, trazida lá da ilha. O escultor havia adquirido o costume de fazer suas refeições em qualquer dos clubes de que era sócio; mas, naquele ano, ficara em casa, satisfeito com o mais simples cardápio possível, limitando-se a um bifezinho, por temer que Avícia se queixasse de muito trabalho para uma só pessoa e manifestasse desejos de voltar à ilha. De dois em dois, ou de três em três dias, vinha auxiliar nas arrumações e limpezas do apartamento, uma assistente que cor.ia como uma lôba. Pierston não se incomodava com isso, nem com a presença dessa estranha; mas sentia certa inquietação pelo que ela viesse a tagarelar com Avícia e lhe abrisse os olhos a respeito daquela situação equívoca. Avícia, porém, pudera ver que naquele apartamento houvera duas empregadas anteriormente. Não se tratava, pois, de nenhuma astúcia de seu patrão, e não se mostrou interessada pelos motivos que agora tivesse Pierston para prescindir das mesmas.

A intenção de Pierston tinha sido a de empregar Avícia, exclusivamente, no seu atelier de escultura; mas as circunstâncias alteraram seu intento. Uma manhã pediu êle que Avícia fôsse ao atelier e fizesse o que pudesse lá. Ao entrar, pouco depois dessas palavras, encontrou-a a sacudir o pó das estátuas, peças fundidas e moldes.

A jovem não se cansava de admirar a côr da poeira que cobria aquelas obras de arte, e dizia:

— Até parece que foram manuseadas por um mineiro de carvão de Budmouth. E as formosas caras destas figuras de argila estão completamente deformadas pelo pó.

— Acho que, algum dia, você se casará Avícia, — disse Pierston olhando-a pensativamente.

— Umas se casam, e outras não, — respondeu ela, com sorriso recatado, mas sem mudar a vista das estátuas.

— Parece que você não se preocupa, — interveio êle.

Avícia acolheu essa observação com ar jocoso, mas sem pronunciar uma só palavra. Sua conduta era mortificante, diante da carinhosa inclinação que Pierston manifestava por ela, especialmente quando mirava o encanto de suas curvas flexíveis, seu rosto bem traçado, com um nariz bem delineado, o pescoço aristocrático, o traçado do supercílios e as longas pestanas como uma moldura encantadora e artística de uns olhos brilhantes. Suas faces rosadas e frescas, ressumando mocidade e beleza, atraíam os olhares do escultor, que a amava sinceramente. Inùtilmente se havia esforçado Pierston para expressar na argila o «tonus» daquele rosto, e, embora materialmente o dominasse, parecia-lhe que não pudera instilar-lhe o sentido espiritual, resultando disso que o essencial não estava conseguido.

Naquela tarde, ao escurecer, teve Pierston necessidade de escrever algumas cartas, e mandou a jovem comprar selos. Um quarto de hora depois, lembrou-se Pierston que Avícia não conhecia nada de Londres. Imediatamente suspendeu a correspondência e ficou preocupado.

O Departamento Geral dos Correios, até onde ela deveria ir, ficava duas ou três ruas de seu apartamento; mas Avícia não sabia onde era o Departamento dos Correios! Pierston ficou admirado da maneira como a jovem recebeu a ordem e a executou imediatamente, sem ao menos mostrar-se indecisa sôbre a missão, nem pedir-lhe algum esclarecimento. E êle murmurava consigo mesmo: — «Como é que isso me sucedeu?»

Um tanto aflito pela inadvertência, abriu uma janela que dava para a rua e foi ao balcão. Uma lâmpada velada por um abajur verde evitava que seus raios se derramasse para a rua. Na praça oposta a luz da lua brilhava, e à direita se estendia uma rua larga, escassamente alumiada por lâmpadas, umas muito simples, outras em grupo, e, entre elas, várias de côr azul e encarnada. De uma esquina chegavam os sons de um realejo, através de ruidosa marcha de Rossini. As fantásticas e confusas figuras dos transeuntes deslizavam para lá e para cá, enquanto outras cruzavam o leito asfaltado da rua. Sôbre os telhados se estendia um manto de lívido nevoeiro, e mais além, clareiras de um céu azul esverdeado, nas quais se viam brilhar as estrêlas, embora ainda se vislumbrasse no horizonte a pálida claridade crepuscular, contra a qual se destacavam as silhuetas das chaminés de variadas formas.

Daquele cenário surgia profundo e surdo rumor de muitas milhas de extensão, sôbre o qual cavalgavam como borbulhas num mar, ruídos e estrépitos, vozes individuais, o apito de uma fábrica, o ladrido de um cão. Aquêle complexo rumor lhe sugeriu a idéia de que em sua massa enorme, nada precisava de descanso.

Naquele ilimitado oceano de gente havia uma pessoa, Avícia, que vagava ao acaso, perdida e sòzinha.

Pierston olhou o relógio. Já havia meia hora que ela saíra. Era impossível distingui-la à distância, mesmo que saísse à rua. Inquieto, voltou ao interior do apartamento e, pondo o chapéu, resolveu ir à procura da moça. Chegou ao extremo da rua e não viu nem rastro de Avícia. Dali poderia ela ter seguido duas ou três rotas diferentes, tôdas elas levando aos Correios. Não sabendo qual dessas vias a jovem teria tomado, o escultor seguiu por uma delas, ao acaso, chegando à repartição dos Correios, encontrando-a completamente deserta. Quase louco de ansiedade em face do que estaria sucedendo a Avícia, retrocedeu a sua casa com a mesma rapidez com que havia ido, pensando que ela já lá estivesse. Mas teve a decepção de ver que a moça ainda não tinha chegado.

Lembrou-se êle de que, certa vez, lhe dissera ela que, se viesse a perder-se em Londres, tomaria um côche de aluguel, que a conduziria à casa. Pensou êle que a duziria à casa. Pensou êle que a desaparecida já houvesse recorrido a êsse recurso. Aflito, novamente assomou ao balcão. Pela aristocrática rua em que estava situado o edifício do apartamento de Pierston, quase não se via ninguém a transitar, enquanto as lâmpadas da iluminação pareciam devotos à espera de uma tardia procissão. Sob seu olhar, no ponto situado onde estava a esquina mais próxima, havia uma lâmpada vermelha, vendo-se dois homens a conversar com repousada tranqüilidade, como se estivessem a tomar banhos de sol ao meio-dia. Pares de amantes de índole felina, dessas que nunca se vêem à luz do sol, iam agarradinhos a esfregar-se recìprocamente pelos portais das casas.

Pierston concentrou sua atenção nos côches que passavam, e retinha o fôlego quando os animais se acercavam da frente de sua casa; mas todos prosseguiam em direção da praça. Os faróis de cada veículo distante se ampliavam ao aproximar-se, e parecia que em cada um dêsses carros estava Avícia. Mais um apontou. Seria ela, seguramente. Não. O côche também passou de largo.

Quase frenético, Pierston saiu de casa e se encaminhou a um ponto mais ao centro da cidade, onde era mais intenso o rumor urbano. Antes de confundir-se com o tráfego ruidoso, foi sua atenção despertada para uma jovem que passava na calçada do lado oposto, a marchar com pressa. Pierston teve um pressentimento. Seria Avícia? Correu apressado e viu que não se enganara. Era ela.

Capítulo XXI

— Oh, Avícia! — exclamou o escultor em tom de ternura paternal. — Que fêz você, para alarmar-me desta maneira?

Ela se mostrou como se nada houvesse feito de particular, quedando inteiramente surpreendida em face da ansiedade e aflição de Pierston. Êste, já tranqüilo, perguntou-lhe se queria apoiar-se em seu braço, pois deveria estar fatigada.

— Oh! Não, senhor — respondeu a jovem. — Não estou cansada nem um pouquinho, e não preciso de ajuda. Agradeço o oferecimento.

Sem servir-se do elevador, subiram a escada. Pierston abriu a porta e ela se foi para a cozinha, enquanto êle caía a uma cadeira.

— Aonde foi você? — Perguntou-lhe com ares de censura velada. — Não devia ter gasto mais de dez minutos.

— Pois eu, como não tinha mais nada que fazer, pensei que poderia ver algo de Londres — respondeu a moça ingênuamente. — Assim foi que, logo que comprei os selos, fui até as ruas principais, por onde anda tôda essa gente como se fôsse de dia. E' o mesminho que ao regressarmos para casa à noite em **Street of Wells**, depois da feira de San Martin; a diferença é que, aqui, a gente é mais fina.

— Mas... Avícia! Avícia! Você não deve sair desta maneira. Não sabe que eu sou responsável pela sua segurança? Eu sou o seu... bem! Sou o seu guardião, e a você me ligam a lei e a moral, e não sei mais o quê, de forma que eu possa devolvê-la à sua ilha natal sem o mais leve arranhão. Mas, apesar disso, saiu você levada por um capricho e logo de noite!

— Mas, senhor, tenho a certeza de que o povo é mais respeitoso nas ruas do que em qualquer casa. Todos iam vestidos à última moda, e seriam uns vis, se me houvessem feito algum dano. Quanto às atenções nunca vi até agora, nada mais cortês.

— Bem. Mas você não deve fazer isto outra vez. Outro dia eu lhe direi por quê. Que tem você na mão?

— Uma ratoeira. Há muitos ratos aqui na cozinha, sujos e imundos. Não são limpos como os lá da ilha e pensei que devia tratar de pegá-los. Assim, tive que andar bastante para encontrar uma casa onde pudesse comprar a ratoeira, pois por aqui já não havia mais nenhuma loja aberta. Agora, vou armá-la.

Dizendo isto, Avícia começou a armar a ratoeira, enquanto Pierston permanecia sentado em sua poltrona presenciando a operação, que parecia absorvê-lo por inteiro. Na verdade, era extraordinário observar como estava ela limitando as suas ambições; com que contentamento recebia as coisas vulgares que a vida lhe brindava, e com quanta persistência resistia ou fingia resistir à certeza de que, por intermédio dêle, se abriria para ela uma vida infinitamente mais ampla, mais cômoda e bela! Se Avícia pronunciasse uma só palavra, obteria dêle a licença para se casarem na manhã seguinte. Seria possível que ela ainda não houvesse visto sua inclinação? Seguramente, não era ela mulher capaz de compreender isso. Mas, apesar de tudo, era Avícia uma mulher completa, por sua conduta, embora frívola, insubstancial e displicente.

— Com esta armadilha só se poderá pegar um rato de cada vez — disse Pierston com ar distraído.

— Mas, durante a noite, eu ouvirei quando cai, e a armarei de novo.

(Cont. no próximo número)



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, apaixonara-se por Ana Avícia, filha de uma ex-noiva do mesmo. Pierston já estava com seus 40 anos de idade, quando viu a segunda Avícia, jovem de pouco menos de vinte primaveras. Indo à terra natal, uma povoação que também era o berço de Avícia, êle convidou-a para vir servir em sua casa em Londres. Avícia era de cultura rasteira, e ganhava a vida lavando e engomando para terceiros, ao contrário de sua mãe, uma mulher culta e de outros predicados sociais. Pierston, porém, com a mania de descobrir sua «Bem Amada», ser puramente ideal, não sòmente desprezara sua noiva, como, em seguida, rompera diversos outros compromissos, terminando por ficar solteirão. Trazendo Avícia para seu apartamento, onde também estava instalado seu atelier, êle se afligia com a indiferença com que ela recebia suas provas de afeto. Certa tardinha, mandou-a comprar selos do correio para uma correspondência, tendo a jovem, que não conhecia ainda a cidade, demorado muito, causando séria preocupação ao escultor, que saíu à sua procura, até encontrá-la. Ela explicou ter demorado porque andara procurando comprar uma ratoeira.

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

DESDE TELEVISÃO A UTILIDADES DOMÉSTICAS. MAIS DE DUAS CENTENAS DE EXCELENTES PRÊMIOS. VIAJE PELO BRASIL, COLANDO AS FIGURINHAS ABAIXO NO "ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA". CONHEÇA NOSSO PAÍS E SE CANDIDATE AOS PRÊMIOS.



As figurinhas coloridas que deverão ser recortadas da **REVISTA DA SEMANA** e coladas no **ALBUM**, começaram a ser publicadas na **REVISTA** nº 12, de 21 de março de 1953, com os seguintes números: 155, 3, 76, 51, 102, 140, 57, 156, 7, 120, 15 e 39.

Daí por diante, foram publicadas as seguintes, até ao número presente:

Nº 13, de 28-3-1953: 32, 70, 142, 90, 72, 141, 123, 1, 86, 112, 25 e 114.

Nº 14, de 4-4-1953: 53, 92, 11, 127, 87, 34, 96, 20, 8, 144, 88 e 58.

Nº 15, de 11-4-1953: 29, 146, 26, 17, 3, 54, 94, 81, 134, 98, 4 e 22.

Nº 16, de 18-4-1953: 46, 68, 73, 19, 62, 37, 40, 64, 10, 153, 63 e 27.

Nº 17, de 25-4-1953: 2, 139, 44, 69, 115, 35, 75, 12, 85, 18, 42 e 131.

Nº 18, de 2-5-1953: 28, 154, 74, 60, 136, 82, 5, 100, 6, 113, 65 e 138.

Nº 19, de 9-5-1953: 16, 84, 83, 33, 103, 21, 23, 47, 13, 108, 121 e 36.

Nº 20, de 16-5-1953: 119, 67, 107, 97, 31, 55, 56, 111, 135, 99, 61 e 66.

Nº 21, de 23-5-1953: 79, 95, 59, 126, 49, 149, 78, 14, 104, 52, 30 e 152.

Nº 22, de 30-5-1953: 124, 43, 101, 122, 91, 9, 80, 106, 130, 132, 110 e 151.

Nº 23, de 6-6-1953: 41, 117, 128, 116, 89 e 137.

Quando não forem encontradas em jornaleiros, podem pedi-las à Companhia Editôra Americana, mediante selos do Correio ou Vale Postal. — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

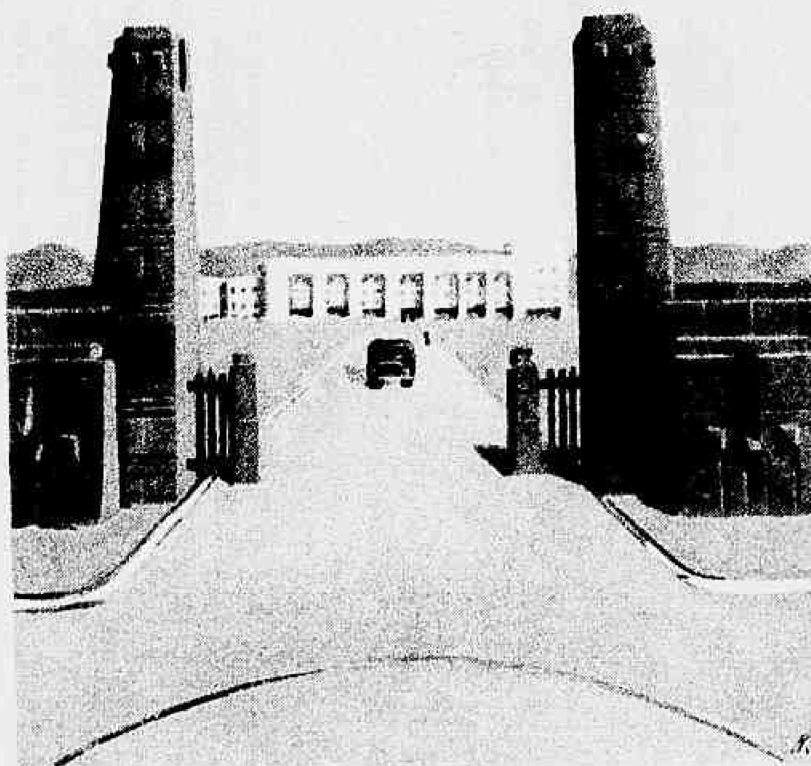


Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. —— Rua Visconde de Inhaúma, nº 134 —— Rio de Janeiro.

148



24



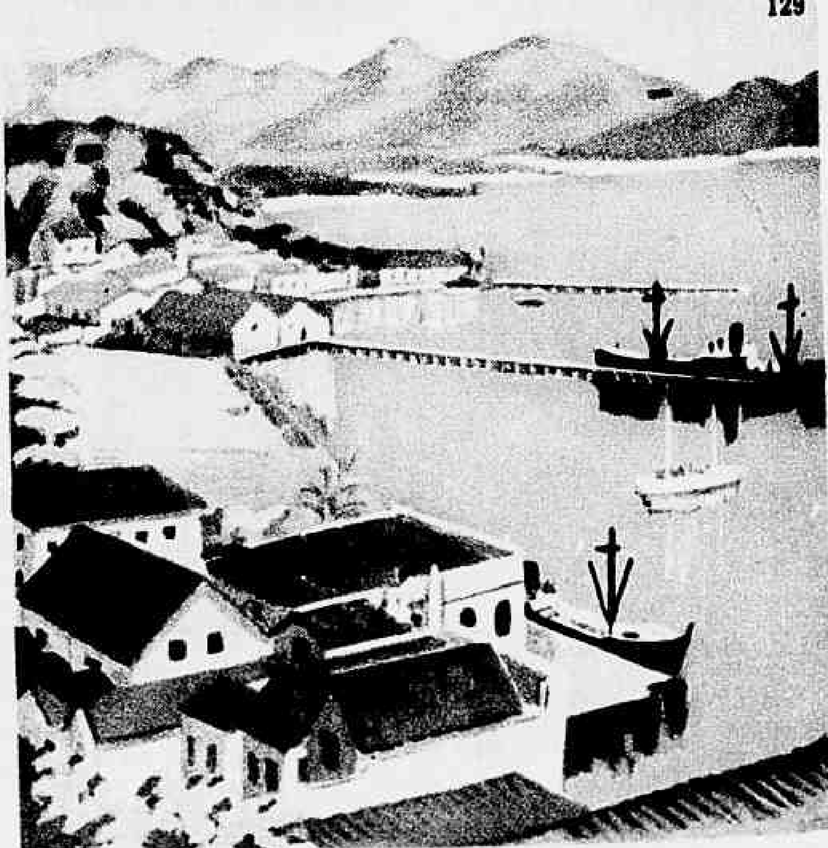




133



129



Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

MESTRE AUSTREGÉSILO



O homem de ciência, o pensador, o artista, se juntam em Antônio Austregésilo de maneira tão harmoniosa que êle relembra, em nossos dias utilitários e corriqueiros, a nobre figura do mestre que conheceram e amaram as idades ilustres. Por isso, diante de suas obras, de seu gesto sereno, de seus olhos que muito viram e muito aprenderam, só nos ocorre dizer dêle — Mestre Austregésilo. Mestre. Ser mestre não é muito saber, nem muito ensinar. Poderíamos dizer que ser mestre é muito compreender. E é assim que êle nos aparece, através de sua obra, extensa e qualitativa, onde a sabedoria não é arrogante, onde o método não se encerra em chaves, para os iniciados apenas, onde a compreensão mansa e singela dos problemas que nos afligem aprendem mais do que o verbo dogmático e muito mais do que a infalibilidade matemática. Com um profundo sentimento do belo e do bem, Mestre Austregésilo tem sido, afetuosamente, um professor da vida, de otimismo, de encantamento. Sente-se nêle o artista: de outra forma não poderia nos transmitir êste encantamento constante que encontramos nos seus livros, como que escritos, ainda os mais tristes, com um sorriso de estímulo e um gesto carinhoso.

ENSINAR a viver, não traçando regras severas, não fixando esquemas inflexíveis, não criando mandamentos rígidos, mas, mostrando os bons caminhos, apontando rumos, mostrando os horizontes para que lhes vejamos o azul das montanhas ou o ouro dos crepúsculos... Praticando de versos e de melodias, considerando o ser humano como um som, na sinfonia universal, examinando as criaturas com o mesmo interêsse, e a mesma ternura, com que se vê um belo quadro, com que ouvimos a melodia imortal... Tudo isso que ocorre a qualquer página escrita por Mestre Austregésilo, nos lembra aqui, diante de seu último livro, «Biótica», a que êle chama «Notas de Sociologia Humana». E' um livro de ciência, da alta ciência que ensina o homem social. Mas é também o livro de um sereno pensador e o livro de um poeta!... Nem por outro motivo é que lhe ocorreu por colocar-lhe ao pórtico um verso de Musset: «Mon verre n'est pas grand. Mais je bois dans mon verre.»

ESSA justificação do cientista, reduzindo a área de sua obra, não lhe limita, entretanto, o vôo. Êsse vôo, nós é que o vemos, na altura azul, levado pela poesia, por êsse saber que se alça acima da simples sabedoria

FORA DO PRELO

● **SEGREDOS SEXUAIS** — Mais um livro de Hernâni de Irajá, especialista no assunto, consagrado pelo público e pela crítica, sôbre assuntos de sexo. «Segredos Sexuais» é obra de estudioso que se recomenda pela importância do assunto e pela maneira de tratá-lo. Edição Pongetti.

● **O ENGENHO DE AÇÚCAR NO NORDESTE** — Na bela série que vem sendo editada pelo Serviço de Informação Agrícola, êste «O Engenho de Açúcar no Nordeste» a que se segue outro estudo, também muito interessante, «A Fazenda de Café em São Paulo». Sôbre êste último tema escreve Olavo Batista Filho, que nos dá uma visão panorâmica da evolução da lavoura paulista, em todos os seus aspectos. A respeito do engenho nordestino fala Manuel Diegues Júnior, também um conhecedor do assunto, que apresenta um admirável estudo a respeito da civilização da cana no Brasil.

● **ENTRE OS XAVANTES DO RONCADOR** — A reportagem literária tem sido gênero mal cultivado entre nós. Entretanto, algumas obras servem a demonstrar que não nos faltam nem material, nem homens capazes de realizar com grande brilho êsse gênero. Por exemplo, êste excelente livro de Lincoln de Souza que editou o Serviço de Documentação do Ministério da Educação e sôbre o qual voltaremos a falar pròximamente.

● **CÂNTAROS VAZIOS** — Waldir Ribeiro do Val é um poeta tradicionalista, como estamos vendo em «Cântaros Vazios» (Editôra A Noite). E' uma coletânea de poemas que recomenda um lírico novo e de inspiração. Êle confirma os elogios que mereceu o poeta ao aparecimento de sua obra de estréia, «Orvalho», e revela outras qualidades de talento criador e apurado sentimento estético.

TUDO QUE HAVIA

Havia uma ruína
E uma veneziana aberta
Como asa grande
De velho pássaro morto.
Uma palmeira solitária,
Sonolentos gatos,
Brancos jasmineiros.
Um velho triste
Que ao crepúsculo trazia um [peixe
Acendia um fogo
E não assava o peixe.
Um galho de roseira
Se retorcia por entre a vidraça [quebrada
E numa manhã de abril
Deu uma rosa vermelha.
Havia nas noites de lua
Quando o fluo navegar das som- [bras
Envolvia as coisas
Alguém que tocava um realejo...
Tocava, tocava noite em fora...
Repetia, tocava sempre uma [canção distante.
Era tudo que havia
Antes de oito pilastras de ci- [mento armado.

Djalma Tavares

TEMPORALIDADE

Ser nada:
— Vinte séculos em bloco pé [treo
Cobrindo-se de musgos.

Ser tempo perdido:
— Encontro álbuns de retratos
E folheio sorrisos
De parentes mortos.

Perder-me:
— Dissolver-me lento,
No córrego, mar
E praia deserta.
Esquecer-te.

Dirceu Quintanilha

UM LIVRO:

"Elegia Simbólica para Alfonsus de Guimaraens"

MANDADA editar pelo govêrno mineiro, por fôrça de uma indicação da Assembléia Legislativa, aparece agora, com retificações e acréscimos, esta «Elegia Simbólica para Alfonsus de Guimaraens», de Martins de Oliveira. O fato de ser esta uma segunda edição dispensaria comentário sôbre o livro, não fôsse o fato de não conhecermos até agora esta obra que realmente merece a atenção do público ledor e que nos deu momentos de comovido encantamento. Martins de Oliveira, acadêmico de letras, poeta e prosador dos mais fecundos de Minas, com uma extensa bibliografia, das mais expressivas de nossa literatura, é também um provinciano como Alfonsus, tendo com o cantor de «D. Celeste» muitos outros pontos de contato: vive prêso à sua província, como êle viveu, exerce o juizado em uma cidade do interior, S. João del Rei, muito parecida com a velha Mariana, onde Alfonsus foi juiz e onde escreveu seus versos imortais.

ESSAS coincidências naturalmente levariam o poeta montanhês a se avizinhar mais da obra de seu maior, tanto mais que Alfonsus é um «caso», na lírica nacional, e sob qualquer aspecto um dos valores estáveis de nossas letras, dos que maior prestígio sempre desfrutarão, tal a altitude da obra que nos legou.

Martins de Oliveira foi naturalmente levado ao assunto Alfonsus. Poeta, o que lhe ocorreu não foi uma fria análise literária da obra do saudoso trovador de «Ismália». Dedicou-lhe um poema, esta «Elegia Simbólica», tão tocante, tão espontâneamente sentida e trabalhada tão digna, principalmente, da poesia do mestre de Mariana. E' curioso o milagre de que foi capaz o poeta: transmitir a «atmosfera» lírica de Alfonsus, imprimir a êstes poemas o tom grato ao místico das montanhas. Sente-se, através dêstes versos, a «presença» de Alfonsus. Aqui o encontramos, nesse canto de louvor ao poeta ímpar, como em um reflexo, projetando-se na poesia de outro poeta.

RARAMENTE a poesia se presta a uma obra assim. Em nossa língua, poucos poemas dêste gênero conseguem subir à altitude que conseguiu o de Martins de Oliveira. Creio que, de momento, só podemos citar o que Raul de Leoni escreveu à morte de Bilac. Outros artistas do verso têm procurado êste processo memorial, sem conseguir sequer uma desculpa, pelo gesto simpático. Falta em geral, nessas obras, uma espécie de calor íntimo e o poeta, ou se excede no artesanato, ou cai no louvor convencional. Martins de Oliveira teve a felicidade de reproduzir essa atmosfera de Alfonsus, nas suas côres, nos seus entretons, na sua doçura triste, na sua polidez mortuária, nos seus acentos elegíacos, deu-nos todo o «décor» do príncipe simbolista. De certo seu livro falará menos aos que, menos íntimos de Alfonsus, deixarão de compreender êstes símbolos, êstes fragmentos, êstes epitáfios, estas nênias, os goivos e os cinamonos que êle veio trazer para ornar a campa do solitário de Mariana. Os outros, porém, os que leram «Escada de Jaçó» ou a «Pauvre Lyre», sentirão esta emoção que escorre das páginas do poema. Um belo, alto e emocionante livro de poesia esta «Elegia Simbólica para Alfonsus de Guimaraens» que Martins de Oliveira acaba de ver em segunda edição e que serve tanto à glória imorredoura do bardo da «Pastoral aos crentes do amor e da morte», como à vaidade da geração dêste poeta que soube dizer do bem-amado príncipe do simbolismo, que todos tivemos pelo mais alto mestre, aquilo que nosso coração sentia, sem saber palavras.

DE RÁDIO

GUARACY

DOIS TALENTOS



Heleninha Costa

ENTRE tôdas as cantoras que militam no sem fio carioca, podemos destacar Heleninha Costa como uma das suas mais legítimas representantes, por se tratar de um elemento de reais qualidades e que muito tem trabalhado para se impor aos ouvintes do Brasil, que já se acostumaram a ouvir suas atuações ao microfone da Rádio Nacional. Além de possuir uma excelente voz — amplamente comprovada pela crítica e os ouvintes — Heleninha consegue obter em todos os carnavais um grande êxito, sendo de uma extrema felicidade tôda vez que escolhe as suas músicas para o tríduo de Momo. Ainda neste ano, fêz um sucesso sem precedentes com o samba, que tôda a cidade andou cantando — «Barracão de Zinco», extraordinário em sua letra e em sua melodia. Heleninha Costa é uma veterana do rádio e se casou com um membro de um conjunto musical, sendo atualmente muito feliz em sua vida de casada, fazendo parte do «cast» da Rádio Nacional — a emissora líder — há bastante tempo, onde é uma das figuras mais antigas e tradicionais.

Outro valor do rádio carioca é Zé Trindade, um cômico que há muito tempo vem emprestando o seu talento à Rádio Mayrink Veiga — depois que se desligou da Rádio Clube do Brasil — onde ao lado de Matinhos, Sarah Nobre e tantos outros, vem fazendo a delícia de todos os sintonizadores daquela emissora. Nos diversos programas onde atua ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, cria os tipos cômicos mais hilariantes e dificilmente esquecidos pelos ouvintes, já acostumados com os seus excelentes trabalhos, sendo atualmente um dos pontos altos da emissora de César Ladeira. Zé Trindade conseguiu a sua popularidade junto ao público, quando formou aquela famosa dupla cômica com Silva Filho — que também alcançou a mesma popularidade, pois vinha atuando há muito tempo no teatro, tendo sido lançado no palco por Jardel Jercolis, mas ainda não havia conseguido chance de colar com o público. Isto se verificou no cinema nacional, quando ambos trabalharam no filme «O Malandro e a Grã-fina», sob a direção de Luís de Barros, aparecendo em seguida em «O Cavalo 13», novamente sob a direção de Luís de Barros.

Sòzinho, figurou em outros celulóides como «Fogo na Cangica», «Anjo do Lôdo» e «Tocaia», os dois primeiros dirigidos por Luís de Barros e o terceiro por Eurides Ramos. Todavia, Zé Trindade ainda não foi convenientemente aproveitado pelo cinema, pois não lhe ofereceram um papel onde realmente possa aparecer com destaque e mostrar realmente as suas qualidades de ator cômico, o que já não se dá no rádio onde já estão aproveitando o seu talento, escalando-o para os papéis onde possa compor os tipos mais interessantes e de acôrdo com a sua personalidade, tão do agrado dos ouvintes.



Zé Trindade

● Faleceu nas primeiras horas de segunda-feira, dia 18 do corrente, o diretor artístico da Televisão Tupi, César de Barros Barreto, ex-produtor de rádio, que se achava internado num hospital, vítima de uma grave moléstia. O entêrro foi realizado nesse mesmo dia, tendo o acompanhamento dos funcionários, diretores e artistas das Rádios Tupi e Tamoio e Televisão Tupi.

● A Rádio Clube do Brasil apresenta às sextas-feiras às 22,30, o programa «A Glória de Viver», escrito por Moysés Weltman, que focaliza vidas ilustres, famosas ou não, mas que tenham deixado um exemplo de dignidade, otimismo e fé.

● A Rádio Ministério da Educação apresenta tôdas às quintas-feiras às 20 horas, o programa «Falando de Música», mesa redonda crítico-musical orientada por Arnaldo Estrella e onde participam críticos e professôres especializados.

● A Rádio Ministério da Educação abriu as inscrições para o curso de redatores radiofônicos, a ter início no mês de junho e com a duração de três meses. Haverá duas aulas semanais: às quartas e sextas-feiras, das 12 às 20 horas, sendo as aulas seguidas de debates, a cargo de professôres e profissionais especializados. Os candidatos para ingressar no curso, terão que submeter-se a uma prova de seleção, com exceção dos que apresentarem o diploma do curso superior ou atestado de redator de agências de publicidade, estação de rádio ou jornal.

● Conforme a Mayrink Veiga vem apresentando Angela Maria em «A Princesa Canta», a Rádio Nacional lançará Emilinha Borba em «A Rainha Canta».

● Desligou-se da Emissora Continental, a equipe de rádio-reportagem de Carlos Pallut, que já se encontra em adiantadas negociações com a Rádio Vera Cruz.

● Dia 25 do corrente, a Rádio Jornal do Brasil apresentou um recital de música argentina e brasileira, das 21 às 22 horas, comemorando a data da independência da República Argentina, patrocinado pelo Centro Cultural Argentino e Brasileiro, sendo executado ao piano por Muraro, acompanhado de orquestra.

O CHANTAGISTA

(Cont. da pág. 11)

Mas, que desejam que eu faça? Que podem esperar de um vagabundo, sôlto ao léu e sem escola? Bombo para as pancadas do mundo? Além do mais, utilizando-me dêste meu sórdido cinismo, faço uma ação nobre, que me exaltará e me colocará em boa posição: Vingo minha mãe.

Não me envergonho desta condição: extorsionário de um homem que é meu pai em sigilo.

Nenhum sentimento de dignidade ou pudor. O dinheiro, para mim, supera tudo, encobre essas coisinhas.

★

3 de... — Descobri, um dia dêsses, novo «caso» do velho. Já aumentei minha receita. Vou indo bem...

28 de... — Hoje amanheci, radiante, com uma sensação deliciosa de paz e confiança no futuro. Parece-me que vou ficar rico... Notei ontem, que a filha do prefeito se interessa por mim. Que felicidade! Vou comepar a cortejá-la.

Quanto me dará o cretino do pai para que eu não me case com minha irmã?

VIOLENTO TORNADO...

(Cont. da pág. 31)

dos anos, com os olhos já ressecados pelos prantos de tantos lustros; crianças a gritar pelo furor do vento, o barulho das destruições e o alarido de populações em alvorôço, tudo isso misturado ao fragor dos desabamentos e o rugir do temporal infrene, da idéia do que foi um dos mais terríveis pesadelos de milhares e milhares de pessoas tangidas pela catástrofe. Sòmente a 15 daquele mês, serenados os ventos e refeita a população de seus sustos e pavor generalizado, pôde o govêrno daqueles Estados, com a assistência do poder da União, avaliar a extensão da desgraça que transformou tantas cidades laboriosas e pacíficas, num anfiteatro de sofrimentos indescritíveis. Agora, é reerguer o que foi destruído, restaurar edifícios, reviver as indústrias soterradas, rezar pelos mortos, reconstruir os lares desfeitos, curar os feridos e pedir aos céus que não mais permitam o galopar de ciclones infrenes como êsse que varreu tôda a região do Texas, entre o Brazos e o Colorado e se encaminhou com sua fúria devoradora, pelo extenso vale do Mississipe.

OS PARACANÃS

(Cont. da pág. 7)

São aborígenes calmos, não avançam para tomar os presentes, esperam cada um a sua vez e quando um recebe duas vêzes o mesmo objeto, entrega o brinde para outro que não tem nada.

Nos primeiros encontros, o que mais solicitaram eram ferramentas, mas nos últimos contatos já pediram farinha, tabaco e roupas. Interessante é que êles, de posse de um cigarro aceso, tiravam algumas baforadas e o cigarro passava de bôca em bôca, tal qual o uso do chimarrão.

A máquina fotográfica, a princípio, despertou pequena curiosidade, desinteressando-se, em seguida, por completo, do aparelho.

E dia a dia, em grupos que variam de 10 a 20, os Paracanãs chegam aos postos de atração Pucuruí, Pucuruizinho e Trucará, depois de longas caminhados através de pântanos e regiões inundadas.

Na verdade, êles não sabem que são chamados de Paracanãs pelos civilizados.

— Somos Urini! — dizem.

Falam tupi, são excelentes agricultores e suas aldeias, pela conversa dos nativos, estão a 150 quilômetros dos postos, os quais, por sua vez, distam 67 quilômetros da antiga Alcobaça. Pelo número de visitantes, cêrca de 100, presumimos que a aldeia seja das maiores. E assim foi possível pacificar os Paracanãs, cujo ódio mortal ao branco data do banditismo de um grupo de brancos que crucificou duas inocentes indiazinhas

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

AS MOLÉSTIAS DAS SENHORAS

Por que precisam elas de dois reguladores?

Por que precisam as mulheres de dois Reguladores? A razão é simples: para duas enfermidades diferentes: dois remédios diferentes. E os males da mulher são de duas espécies bem distintas: os males que originam as regras abundantes e os males que causam a falta de regras e regras diminuídas. Combatam as mulheres os males que tanto as fazem sofrer, roubando a sua saúde e a sua alegria. Mas não se esqueçam do conselho da ciência e da razão: Para males diferentes, remédios diferentes. Regras abundantes e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc., Regulador Xavier N.º 1. Falta de regras, regras diminuídas e suas conseqüências: dores em geral, cólicas uterinas, insuficiência ovariana, etc., Regulador Xavier N.º 2.



CORREIO DA REVISTA

● Crato, 12 de abril, 1953.

Meu ilustre confrade Edmundo Lys.

Sua crônica, «A lição das sêcas», inserta em local de merecido destaque da edição de 21 de março da «Revista da Semana», não é apenas uma bela página literária. E', acima de tudo, uma preciosa contribuição de um bom brasileiro à desejada, real e inadiável solução do doloroso problema da sêca no infeliz polígono nordestino.

Como filho do Ceará e homem de profissão intimamente ligada aos mais agudos sofrimentos humanos, achei do meu dever trazer-lhe meu aplauso às palavras que escreveu, e que não é de todo insignificante porque vivamente sincero.

Você, meu caro confrade, teve a acuidade de observar o fenômeno cruciante pelo prisma mais importante e, desgraçadamente esquecido pelos nossos homens de govêrno. Quero referir-me à circunstância de jamais haver o govêrno central encarado o flagelo como uma tarefa a exigir um plano de envergadura, prévia e detidamente estabelecido, com conseqüente execução de obras ininterruptas, que dotassem o nordeste de um completo e invejável labirinto de irrigação. Até aqui o drama do nordestino vem merecendo ùnicamente um criminoso paliativo sentimental, acudidas as populações como mendigos que se dessem por bem pagos com a esmola de alguns quilos de feijão bichado, na sua maior parte reprezados pelos que desumanamente fazem a rendosa indústria da sêca...

Você que não teve o infortúnio de nascer no Ceará ou na Paraíba, no Rio Grande do Norte ou em Pernambuco, se credencia na admiração de quantos aqui vegetamos, porque o seu grito de revolta traduz uma esplêndida facêta da sua compreensão de unidade nacional. Peço que você continue a repisar a necessidade dos governos realizarem uma larga e legítima assistência ao nordeste, através de trabalho fecundo, continuado, honesto e não mercê das esmolas que vão multiplicando os milionários aboletados nas posições chaves da nossa desmoralizada vida pública. Só não vou pras colunas dos jornais, espraguejar também a incúria dos responsáveis nucleares, porque desde alguns anos estou afastado das lides da imprensa. Quando estudante e, ainda nos oito primeiros anos de profissão, tinha o meu canto certo nos diários da Bahia e de Fortaleza. Um dia, a labuta clínica foi me absorvendo todo. E, paralelamente a descrença de que não valeria a pena, talvez, advertir por tantos e feios erros cometidos contra o Brasil... Parece que os nossos homens públicos perderam, por completo, a sensibilidade. Tanto faz um homem de bem provar, à evidência, que o governador fulano é ladrão, quanto documentar pùblicamente que êle é o mais santo e puro animal sôbre a terra. O patife recebe a louvação ou a descompostura com uma indiferença que vai gerando uma surda e expressiva revolta na alma da maioria...

Pois, é, Edmundo Lys: continue de qualquer forma. Vá assim de mãos dadas à intrépida Rachel de Queiroz. Provàvelmente não estaremos muito longe da hora em que a pátria redimida poderá pagar, com a gratidão mais viva, os saudáveis efeitos da poderosa influência que vem exercendo sôbre o espírito da massa o trabalho digno dos honrados homens de letras na nossa imprensa citadina.

Um abraço cordial do seu velho admirador, **Quixadá Felicio.**

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

AMOR E MORTE...

(Cont. da pág. 53)

Prestei à polícia, logo que o meu estado de saúde o permitiu, as declarações que me solicitou. Traduzindo a realidade dos fatos, mostram que agi em legítima defesa; quando acusado e agredido, cuidei tão sòmente de me defender, sem de nenhum modo pensar em tirar a vida de ninguém.

Quando tiver de comparecer, oportunamente, perante a Justiça, a ela relatarei com idêntica lealdade, como os fatos trágicos se desenrolaram. A certeza que ela terá de que atirei para impedir que me matassem, não resultará de uma fantástica legítima defesa, mas da realidade dos acontecimentos.

Embora moço, tenho um passado honrado que, atestado por todos quanto comigo convivem e conhecem tôda a minha vida, é a mais segura demonstração de que só a necessidade inevitável e trágica poderia forçar-me a praticar o gesto de domingo último, que mergulha na angústia o meu coração de homem sensível, pacífico e ordeiro.»

★

Estão assim, encerradas para elucidação dos fatos que ocorreram durante e depois da tragédia, as diligências policiais em sua primeira parte. Por causa do estado do criminoso, não poderá ser realizada a reconstituição do crime e a Polícia deverá contar apenas com os dados técnicos conseguidos pelo departamento competente. O depoimento do detective Carioca foi anulado, em virtude do estado emocional em que êste se encontrava nas primeiras horas que se seguiram aos sanguinários acontecimentos. No entanto, êle deverá depor novamente e, desta vez, deverá ser um pouco mais conciso. Verificar-se-á também a acareação da espôsa do delegado Bonilha com as autoridades que primeiro entraram em contato com ela, e, posteriormente, o mesmo deverá ser feito entre as demais pessoas que se viram, de alguma forma, envolvidas na tragédia, o que dará fim ao inquérito policial.

Não restam dúvidas de que existe ainda grande confusão em tôrno das manobras do assassino e dos próprios policiais, durante os momentos que antecederam o duplo homicídio. Ainda não está positivado se o advogado agiu em legítima defesa ou se premeditou os atos que deram causa à morte das duas autoridades policiais. Cremos, porém, que, até o final do inquérito, teremos uma visão senão perfeita, pelo menos bastante aproximada do que realmente ocorreu no Hotel Gruta do Tampolim. E assim, com o julgamento a que será posteriormente submetido o advogado, ficará provado, perante a Justiça, se êle agiu dolosamente ou em legítima defesa. Que fale a Justiça.

RESPOSTAS DAS PÁGS. 16/17

PUXE PELO CÉREBRO

1—Canadá
2—Maryland
3—Nova Iguaçu
4—Estado do Rio
5—Francisco de Paula
6—Leonardo Da Vinci
7—Dos índios da América
8—De Mirabeau
10—O «New York Times»
11—No Mar do Norte
12—O Normadie
13—A Nova Guiné
14—Dez
15—Na Rússia (8.200 kms. Moscou a Khabavorsk).

QUEM DISSE ISSO?

1—Mahatma Gandhi
2—Salomão
3—La Rochefoucauld
4—Florian
5—Sêneca

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Rua Maranguape, n. 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do Curso.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

UM NOME QUE PROMETE

QUEM assistiu à obra-prima de René Clair «Silêncio é de Ouro» (Le Silence Est D'Or), deve ter reparado numa pequena que fazia uma ponta com muito talento e que assinava o nome de Simone Michels. Atriz de excelentes qualidades artísticas, não demorou a vencer no cinema, aparecendo em seguida em outros filmes, como «L'Home Aux Mains d'Argile», «Le Martyr de Bougival», «Rue Des Sassais», «Gibier de Potance» e, finalmente, «Primavera de Escândalos» (Clochemerle), que já tivemos oportunidade de ver em sessão particular na cabine da França Filmes. Realmente se trata de um bom desempenho, pois Simone Michels vive com bastante desembaraço, a figura de uma «vamp» de cidade de interior. E' bonita e possui uma grande sensibilidade artística. Nasceu em Paris no dia 22 de janeiro de 1923, sendo seu nome verdadeiro êste mesmo, e é casada com o advogado M. Livet. Graduou-se em professôra com a idade de 19 anos, ingressando logo após no Conservatório, onde estudou com André Brunot, com quem tirou todos os cursos, além de tirar um outro de arte dramática com Maurice Escande. Sua estréia no teatro deu-se em 1944, tendo um enorme êxito, para em 1947, ter outro grande sucesso na zona francesa na Alemanha, sendo uma das poucas atrizes que atravessaram a cortina de ferro, representando do ocidente ao oriente.



Simone Michels, uma estrêla de grande futuro do cinema francês.

HAVIA corrido o boato nos meios artísticos, que Simone Michels ia abandonar a sua carreira para se dedicar ùnicamente ao seu lar. Mas acontece que ela declarou: — Ora essa! Imaginem vocês o que faria eu sem o cinema e o teatro... O que acontece é que eu sou mais exigente do que os outros na aceitação dos papéis que me oferecem, os quais só consentirei em desempenhar caso eu realmente os sinta... do contrário... nada feito. Para interpretar o papel de Judith em «Clochemerle», Simone Michels foi a escolhida depois do diretor Pierre Chenal fazer vários testes com diversas atrizes. Por isso, foi com certa apreensão que desempenhou êsse papel, dizendo: — Com Chenal se pode suportar o insuportável na parte técnica, durante as filmagens. Êle me animava constantemente, me encorajava e o resultado... vocês já conhecem. Simone Michels falando de suas preferências no gênero de papéis que gostaria de viver no palco e na tela, afirmou: — Dramáticos, ainda que eu saiba perfeitamente que é muito mais difícil fazer rir do que fazer chorar. Ao citarmos estas declarações, quisemos mostrar aos nossos leitores a personalidade desta intérprete do cinema francês, que, desde já, pode ser incluída entre as suas estrêlas de primeira grandeza, pois em «Clochemerle» ela faz o suficiente para merecer essa classificação, apesar de seu papel não lhe dar margem para poder apresentar um desempenho extraordinário em sua composição artística e capaz de provocar um grande entusiasmo. Todavia, ainda consegue, como a maioria dos caracteres de «Primavera de Escândalos», oferecer um tipo de certo valor artístico e que, ao lado dos outros, constitui a delícia dêste celulóide de Pierre Chenal, que tantos comentários tem conquistado no mundo inteiro.

SIMONE Michels pode se considerar uma atriz muito feliz, porque sua estréia no cinema se deu por intermédio de um cineasta da categoria de um René Clair e logo ao lado de um ator da expressão de Maurice Chevalier, como foi o caso de «Silêncio é de Ouro», por se tratar de uma obra de fôlego e que por conseguinte tem que chamar a atenção de todos os que se interessam pelo verdadeiro cinema. Desta maneira, Simone Michels viu-se citada por todos os críticos cinematográficos e sobretudo pelos verdadeiros fãs de cinema, ganhando uma certa popularidade entre o público de todos os continentes. Agora, em «Clochemerle», terá essa sua popularidade acentuada, em vista da excelência de seu papel, que além de possuir maior substância e conteúdo, ainda é extenso e com maior oportunidade para aparecer, dando expansão ao seu temperamento artístico sem, no entretanto, ver-se diminuída perante as outras personagens, que são verdadeiras jóias de criação artística, dignas de figurarem na galeria de tipos apresentados até hoje no cinema. Como vêem, Simone Michels tem um brilhante futuro à sua frente e acreditamos que saiba aproveitá-lo da melhor maneira possível, projetando-se dentro do panorama cinematográfico como uma das intérpretes de maior prestígio do cinema francês.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 58

A	Muro de fortaleza →	80	110	23	64	4	123	132
B	Perturbação da saúde, moléstia →	129	2	10	65	31	117	■
C	Esforçar-se; empenhar-se →	14	128	36	58	25	1	116
D	Garupa; quadris →	74	122	3	81	■	■	■
E	Pomposo; grave →	68	8	15	26	104	130	■
F	Pôsto em liberdade →	109	24	19	46	100	■	■
G	Separas; tornas solitário →	49	69	16	34	5	118	■
H	Fazem sondagens →	114	18	95	38	85	77	■
I	Grande navio a vapor →	40	62	87	21	35	96	125
J	Oportuno; propício →	75	120	90	105	28	■	■
K	Jactanciosos; «gargantas» →	71	50	13	30	42	103	93
L	Coisa que atrai →	73	52	7	■	■	■	■
M	Sem valor ou sem efeito (pl.) →	91	47	57	33	76	■	■
N	Justapor; aplicar →	94	54	39	6	■	■	■
O	Repreensão; descompostura →	79	115	56	32	43	■	■
P	Agrupam; agregam →	63	41	55	131	97	29	■
Q	Reflexão do som (pl.) →	44	27	60	82	■	■	■
R	Que se cobriu →	59	67	22	70	83	102	92
S	Luneta de dois vidros →	53	126	72	101	108	86	■
T	Elogio; enalteço →	111	134	11	99	124	■	■
U	Do Hindustão →	66	121	45	107	84	■	■
V	Abelha que nidifica no chão →	113	61	88	■	■	■	■
W	Prolongamentos da mão →	9	78	133	106	17	■	■
X	Rugosos; não lisos →	37	51	112	89	20	127	98
Y	Ruído →	48	119	12	■	■	■	■

EXPLICAÇAO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	C 1	B 2	■	D 3	A 4	G 5	N 6	L 7	E 8	■	W 9	B 10
■	T 11	Y 12	■	K 13	C 14	E 15	G 16	■	W 17	H 18	F 19	,
X 20	I 21	R 22	A 23	F 24	■	C 25	E 26	■	Q 27	J 28	P 29	K 30
B 31	O 32	M 33	,	G 34	I 35	C 36	X 37	H 38	N 39	■	I 40	P 41
K 42	O 43	■	Q 44	U 45	F 46	M 47	Y 48	G 49	K 50	X 51	L 52	S 53
■	N 54	P 55	O 56	M 57	C 58	R 59	Q 60	,	V 61	I 62	P 63	A 64
B 65	U 66	R 67	E 68	■	G 69	R 70	K 71	S 72	L 73	D 74	■	J 75
M 76	■	H 77	W 78	O 79	A 80	D 81	Q 82	■	R 83	U 84	H 85	S 86
■	I 87	V 88	X 89	,	J 90	M 91	R 92	K 93	■	N 94	H 95	I 96
R 97	X 98	,	T 99	F 100	S 101	R 102	K 103	E 104	J 105	W 106	■	U 107
S 108	■	F 109	A 110	T 111	,	X 112	V 113	H 114	O 115	C 116	B 117	■
G 118	Y 119	J 120	U 121	D 122	A 123	T 124	■	I 125	■	S 126	X 127	C 128
B 129	E 130	P 131	A 132	W 133	T 134	■	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA Nº 57: G. JUNQUEIRO. PROSAS DISPERSAS. «Adoremo-lo (**Camões**) para nos sublimar, para que nos atraia e venha a nós. As línguas de fogo só descem quando se desejam, e os santos só nos ouvem quando estamos próximos».

CLEÓPATRA

(Cont. da pág. 22)

Quando Antônio se preparava para iniciar a guerra contra os Partas, deu ordem à rainha do Egito para se apresentar na Cilícia, e mandou-lhe Délio, um de seus homens mais fiéis, com êsse propósito. Êste, apenas viu Cleópatra e constatou a fôrça de sua argumentação, a sagacidade e a ligeireza de sua inteligência, compreendeu que uma mulher como ela não sòmente não corria perigo algum num encontro com Antônio, mas adquiriria sôbre êle um poder supremo. Dedicou-se, por isso, a obsequiar a egípcia e a exortá-la a dirigir-se à Cilícia, depois de se ter arrumado a adornado, sem nenhum temor de Antônio, que era o melhor entre todos os generais romanos. Ela não se consternou, nem mesmo se preocupou. Contra Antônio, que marchava à frente de um grande exército, pôs em ação, de sua parte, as fôrças de sua irresistível feminilidade, e preparou-se tranqüilamente para a vitória. Preparou-se sem pressa, para que a espera se convertesse para êle em impaciência e, quem sabe, em ânsia. Fêz-se preceder de donativos de grande valor e embaixadas singulares, com as quais parecia quase dêle escarnecer e das suas legiões. Depois, fêz-se ao mar, em Cidono, dirigindo a prôa de sua embarcação para o acampamento de seu juiz.

Alta e magnífica era a nave com a pôpa de ouro. Deslizava impulsionada por quatro ordens de remadores, que fendiam com remos de prata a água sempre igual e tranquila, ao ritmo dos sons das *nablas* (flautas), das *tebuni* (sirenes) e dos *sistros* (harpas). Ela repousava quase deitada sob uma tenda amplamente aberta, recamada de ouro e púrpura, que, ao refletir-se n'água, tinha luminosidades iridescentes. Sucintamente vestida, menos do que o conveniente, assemelhando-se à própria Vênus, tinha, à sua direita e à sua esquerda, dois pequenos Eros. Muitas, belíssimas e florescentes jovens, com roupagens aderentes, abanavam-na com leques, enquanto num pequeno braseiro se preparavam bebidas aromáticas. A equipagem era constituída por moças quase nuas com os flancos cingidos por uma leve faixa com largas listras coloridas, que, no timão, no cordame e nos dois bordos se revezavam sorridentes, mais preparadas para uma dança do que para a faina marinheira.

Foi assim que ela apareceu a Antônio, que, entre a multidão, esperava-a na praça, enquanto à sua volta se elevavam cantos de alegria. Diziam as canções que Vênus, saída das águas, pura e branca de espuma, dirigia-se ao encontro de Baco para esponsais divinos.

★

Êste foi o primeiro encontro de Cleópatra com Antônio. Êle ficou deslumbrado e conquistado. Bastou-lhe a visão daquele luxo inesperado para reacender-lhe o sangue insaciável. Era tão violento e forte nas batalhas quanto débil frente aos prazeres, nos quais afogava as suas vitórias e os seus triunfos. Qando seus soldados, depois das pelejas, se recolhiam aos acampamentos para se refazerem com um longo repouso, nas tendas do general se realizavam ceias e encontros. Mulheres nuas embriagavam-lhe os sentidos. Prazer: quando o sangue avermelhava a relva por muitos estádios em volta. Prazer: quando nos cimos e vales circundantes estavam enfileiradas as cabeças dos inimigos. Prazer: quando os gemidos dos feridos e moribundos ressoavam no turvo silêncio das noites sanguinolentas...

Era um caráter estranho, o de Antônio. Nêle encontravam-se tôdas as prendas e todos os defeitos de uma natureza infantil, viciada por uma péssima educação: a avareza e a prodigalidade; a fôrça e a debilidade; a perversidade e a indulgência; o capricho e a ponderação; a sanguinariedade e a clemência; a desonestidade e a retidão. Exatamente como um menino, capaz de estraçalhar o que de mais caro possuísse e de divertir-se com a agonia dos sêres mais débeis que lhe caíam nas mãos. No seu corpo valente, debaixo de uma aparência robusta, ocultava-se uma alma indecisa e primitiva, incapaz de ponderar e de querer, submetida às contingências, arrastada à voluptuosidade, como se fôsse êsse o seu destino. Uma noite de amor sucedia a uma batalha; o leito ao campo de pugna; a bacanal a um triunfo.

Era assim um dos donos do mundo.

Foi assim, também, que o viu a rainha do Egito, a qual, por tôdas as suas fôrças e por tôdas as suas debilidades — talvez mais por estas do que por aquelas — agradou desde o primeiro momento. Cleópatra gostou do guerreiro vencedor de tantas batalhas, que ela deveria vencer por sua vez e levar como escravo atrás de seu invisível carro de triunfo. Agradou-lhe o homem em si, com seu sorriso aberto de rapaz e os olhos brilhantes de desejos impuros. Agradou-lhe o romano afoito e prepotente, com a couraça fuzilante e o manto de púrpura. Tudo nêle lhe

Êsse primeiro dia foi decisivo para a existência de ambos. Antônio mandou convidar a rainha para a ceia na casa que lhe servia de habitação. Cleópatra respondeu convidando-o, por sua vez, para ceiar no palácio que fôra pôsto à sua disposição. O juiz cedeu ao julgado e com dois de seus mais fiéis companheiros encaminhou-se para o palácio.

★

Quando êle entrou na sala do banquete foi ofuscado pela luz que vinha do alto, de inúmeros braços de candelabros, e que, ao mesmo tempo, vinha de baixo, de todos os lados, tão bem arranjada e estudada que, orá em retângulos, ora em círculos, resultava num espetáculo, o mais belo e o mais singular que jamais fôra descrito na história. A mesa estava posta de acôrdo com o esplendor da iluminação. Mais uma vez Antônio foi ofuscado pelo que via, atônito com o que ouvia, surpreendido com o que saboreava. Tudo fôra sàbiamente preparado para que a pesada austeridade romana se sentisse vencida diante do luxo oriental. As dançarinas, as cantoras, as servas que traziam as iguarias, se avizinhavam nuas: a pele luzente e lisa, os pequenos seios levantados, os flancos ondulantes. Despejavam nas taças de ouro vinhos escolhidos. Pétalas de rosas voltejavam leves, descendo do teto lavrado. Perfumes misteriosos aqueciam o ar já saturado de todos os aromas que evolavam dos vasos plenos.

Nesse festim frenético, Antônio, à proporção que o vinho sôbre êle agia, ia se libertando do fastidioso manto diplomático com o qual se havia coberto desde sua chegada. Com algumas palavras oportunas, com algumas impertinências mais audaciosas, com algum dito apimentado, revelava sua natureza verdadeira de apreciador dos prazeres, de amante de tôda liberdade. Não desgostou à rainha aquêle aspeto vulgarmente masculino do hóspede insigne, ao qual se adaptou, a ponto de responder-lhe, com sua graça natural, no mesmo tom, procurando assemelher-se coma linguagem um pouco soldadesca, um pouco suburbana, da Roma que ela conhecia.

Antônio olhava-a com os olhos já velados pela cupidez, e curioso por tudo que se passavaà sua volta. A rainha o encantara. Ágil, impulsiva, sorridente, ela ora se dirigia aos outros convivas, ora ao hóspede principal, ora às mulheres que serviam, falando-lhes nos seus vários idiomas nativos com pronúncia correta e linguagem castiça. Todos se maravilhavam e se admiravam do conhecimento perfeito que tinha de quantas línguas se falavam então no mundo.

Mulher singularíssima, sobretudo ciente de seus próprios dotes, ela jogou naquela noite a partida definitiva com o destino, e venceu-a. Porém, a aposta não era o que esperava: talvez o destino fizesse trapaça, talvez pagasse com moedas falsas...

Súbito, porém, sentiu-se cansada. Afastou-se furtivamente dos comensais e entrou no seu banho saturado de perfumes. Depois, estendeu-se sôbre um espêsso tapête e sentiu sono. Quando acordou o sol estava já alto. Perguntou por Antônio. Cármio respondeu-lhe:

— Está dormindo.

Antônio, de fato, dormia.

★

Cleópatra, felina e règiamente impúdica, tomou posse de Antônio. Antônio esqueceu-se da mulher, Fúlvia, que discutia em Roma com Otávio para obter maiores vantagens para o marido. Esqueceu-se das milícias dos Partas, que estavam prontas para a luta nos confins da Mesopotâmia e deixou-se levar por Cleópatra para

(Cont. na pág. 42)

ARABELLE a última sereia



Arabelle e "Flor-Azul" tomam um táxi e mandam rodar para a clínica do dr. Bimbleton. Estão confiantes que a situação melhorará.



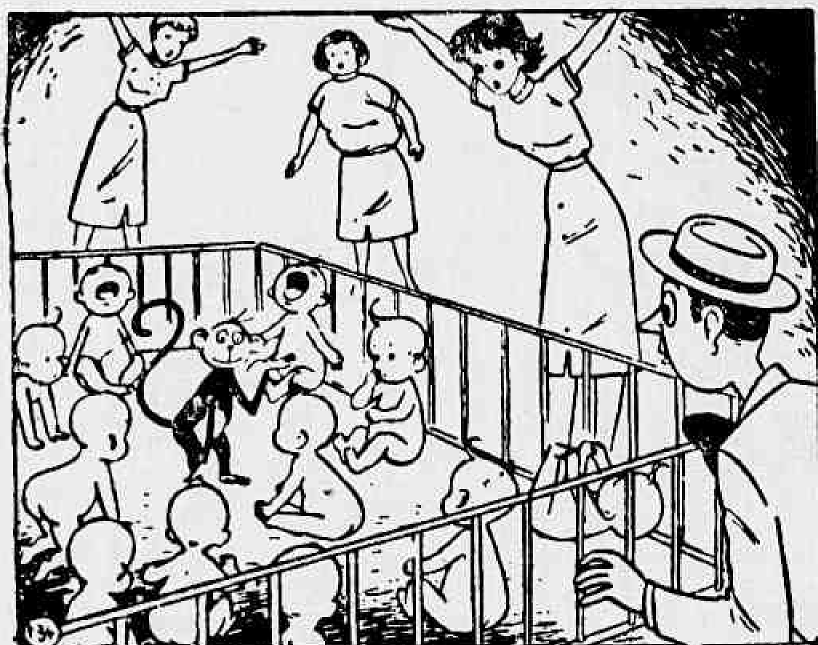
Chegam ao edifício Bimbleton, o mais famoso cirurgião do mundo, capaz de tornar em fascinação a cara mais feia do nosso planêta.



Arabelle é introduzida com os seus amigos em luxuoso salão, mas não esconde a inquietação por ver que Kouki desapareceu.



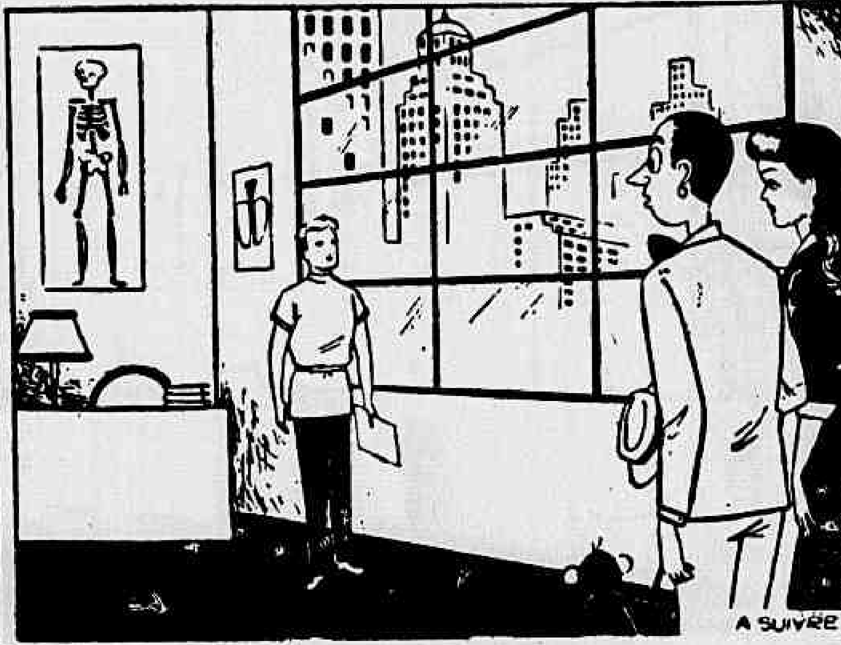
"Flor-Azul" procura, imediatamente, agarrar o macaco, pois sabe que êle é cheio de malícias e astúcias. E lá se vai de gatinhas pelo soalho...



Depois de pesquisar por detrás de muitos móveis da clínica, "Flor-Azul" entra na "creche" do estabelecimento e lá estava Kouki a divertir as crianças, enquanto as enfermeiras estavam alarmadas.



"Flor-Azul" ri a valer e tranquiliza as "nurses" conduzindo o macaquinho Kouki até Arabelle, que, naquele instante, era convidada a ir falar a Mr. Bimbleton.



Ao invés de encontrar o velho pai adotivo, quem apareceu foi outro Bimbleton, que perguntou a Arabelle quem era ela e o que desejava. "Eu desejo falar a Bimbleton!". — "Sou Bimbleton, senhorita!"



Depois de explicações, o médico responde: "Ah! querem falar a meu pai!" O novo Bimbleton olhava atentamente para a jovem.



"Com certeza é Arabelle, filha adotiva de meu pai! Êle ficou desolado com a sua fuga. Mas vai ficar muito alegre, agora..."



O médico a abraça com afeto, como se o fizesse a uma irmã, enquanto Flor-Azul pisca o ôlho para jovem, achando que tudo vai bem.



O jovem Bimbleton os conduz ao jardim, onde seu velho pai cuidava das flores. Arabelle lhe salta ao pescoço, enquanto Flor-Azul lhe aperta a mão...



O velho não se cansa de abraçar Arabelle, como se o fizesse, realmente, a uma filha. As saudades eram muitas e Bimbleton estava radiante.



Bimbleton lhe fala de Jacques Pommier e a jovem se mostra ferida no coração, lembrada do que sofreu.



Bimbleton lhe conta que o detective continua brilhante e prendeu todo o bando de "Branca de Neve", hoje em trabalhos forçados.



"Flor-Azul" suspira de Alivio. Já nenhum dêles poderá persegui-lo. Mister Bimbleton pede à linda Arabelle que lhe conta as suas últimas aventuras.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

MOYSÉS DUEK micro-novelisou

A SANTA MADRE

HAVIA duas coisas desfavoráveis a Seu Cícero, no seio da família: fraqueza de autoridade e ateísmo. Êsses defeitos estavam em flagrante contraste com a fôrça e a beatice de Dona Conceição. Ainda assim, o casal se estimava e quase vivia em completa felicidade. Felicidade, sim, porque Seu Cícero pouco se importava de executar os serviços domésticos e Dona Conceição já estava conformada com a incredulidade do marido. Mas havia coisas que amofinavam Seu Cícero; por exemplo: a excessiva liberdade das filhas. Estava certo que namorassem, mas não concordava com aquêle namôro de Cidinha e Jorge. Era demais: mal saía para o trabalho, já o rapaz se metia em casa para conversar com Cidinha. Certo dia, arrumando as gavetas das filhas, Seu Cícero encontrou até mesmo um pijama de sêda.

— De quem é isso? — perguntou a Rosa. — Eu não tenho pijama de sêda.

A criadinha encabulou, embatucou, e por fim confessou:

— E' do Seu Jorge, o namorado de Dona Cidinha.

Era demais. Ultrapassava o máximo de sua tolerância. Mas Seu Cícero não tinha fôrça para reprovar dràsticamente o comportamento da filha.

Mãe e filhas eram religiosíssimas — e com a religião escudavam suas fraquezas. Em sua concepção, de nada importava que as moças voltassem já pela manhã, sòzinhas com Jorge, depois de passarem a noite nas «boites». De nada importava porque propalavam-se católicas praticantes, como se assim estivessem vacinadas contra qualquer ataque ou censura.

Não obstante, ninguém era mais intolerante do que as três no que se referia à irreligiosidade de Seu Cícero. Reconheciam-no bom e saudável de alma, porém um portador de grande pecado, qual seja o ateísmo, a negação de Deus.

Três atos de Joracy Camargo
Produção de Oswaldo Eboli

Distribuição pela ordem de entrada em cena:

Rosa	**Geny França**
Jorge	**Carlos Alberto**
Cícero	**Jayme Costa**
Conceição	**Cacilda Gonçalves**
Cidinha	**Lisete Barros**
Maria do Carmo	**Gilma Coelho**
Carneiro	**Ribeiro Fortes**
Elias	**Arlindo Costa**

Cenário de Fernando Camargo

— Cícero — dizia a espôsa — você tem um grave pecado: é pagão.

— Que sou pagão ninguém tem dúvida: sou eu que pago tudo aqui.

— Precisamos trazer você à Salvação! — insistiam mãe e filhas, em côro.

Seu Cícero sacudia os ombros. Preocupava-se, isso sim! com o que o futuro pudesse reservar a Cidinha — apaixonada por um rapaz sem profissão, sem atividade, inteiramente entregue aos prazeres dispersivos. Mas, o rapaz também pretextava forte devoção à Fé de Cristo. E quando Seu Cícero dizia à mulher que o moço não convinha à sua filha, Dona Conceição replicava:

— Ora, Cícero, pois êle é um verdadeiro soldado de Deus!

— Sim — comentava o irredutível pai — é um verdadeiro soldado de Deus! E transformou minha casa em um quartel.

Objetava em vão; dêle só queriam a conversão.

— Cícero, seu ateísmo vai levar você à fome.

— Que tolice, Conceição! A minha agência funerária está progredindo.

— Você vai ver! Quando as famílias descobrirem que você é ateu não vão chamar você para providenciar o entêrro de seus parentes.

Mas Seu Cícero confiava no futuro:

— Hei de prosperar enquanto a morte me proteger.

Seu Cícero estava precisando ter umas conversas com uma pessoa que realmente entendesse de religião, uma pessoa que pudesse esclarecê-lo de algumas dúvidas. E ninguém melhor do que Seu Carneiro — homem puro e erudito. Foi relutante que Seu Cícero concordou em ouvir aquêle homem grave e quase santificado. Mas acabou aceitando sua visita.

Não foram necessárias muitas visitas do Carneiro para que Seu Cícero rechaçasse de sua consciência os maiores entraves que seu raciocínio impunha à conversão. Alguns ainda resistiam — como, por exemplo, a confissão aos padres (que êle chamava de «corretores» do Céu) — mas ràpidamente Seu Cícero foi-se transformando. Em verdade, há tempo que não era um verdadeiro ateu, um ateu como se proclamava. Dir-se-ia que sentia vergonha de ser crente, como se fôsse fra-



Cheia de júbilo, a família assistia Seu Carneiro doutrinando.



Depois da conversão e do casamento religioso, o retrato da família.

queza ser católico. E, provando isso, certa vez, Seu Cícero, sob ingentes pedidos de segrêdo ao seu catequizador, recitou para êle todo o Padre-Nosso — porém com tôda a cautela, a fim de que não fôsse surpreendido, nem pela espôsa, nem pelas filhas, em tão poderosa prova de fé.

O júbilo da família era total.

— Que bom, Cícero, você está se tornando religioso!

— Ah, papai, que felicidade! Você está se tornando um dos «nossos».

Até o jovem Jorge mostrava-se exultante com a transformação.

Mas Seu Cícero, não era por estar tomando o suave caminho da religião que se ia tornando mais manso. Ao contrário, até: dia a dia ficava mais forte — fortalecido.

— Só peço a Deus — dizia à família — que vocês não se arrependam de minha conversão.

Passava o tempo disponível estudando e decorando o Catecismo. Queria ser um crente consciente, um católico bom-conhecedor da religião.

Aos poucos, foi alterando os hábitos da casa. Assim, atirou pela janela todos os livros profanos que formavam a biblioteca das filhas. Substituiu-os por obras de edificação religiosa.

Chegou, afinal, o dia da conversão. Conversão e casamento religioso. Em casa, à sua espera, lá estava o jovem Elias, que vinha pedir a mão de Maria do Carmo. Porém, para grande tristeza da filha, o rapaz era protestante. Grande barreira para a realização do sonho de amor dos dois moços. Seu Cícero pensava nos filhos do casal, na separação dentro da família. Temia perder seus netos que deviam servir Jesus Cristo na concepção da Igreja Católica Apostólica Romana. A seu ver, deviam as filhas, até mesmo, renunciar ao casamento, fôsse com quem fôsse, e entregarem-se ao serviço de Deus.

No mesmo dia Seu Cícero entregou a Jorge um embrulho: — era o pijama de sêda. Que o levasse consigo. E não voltasse nunca mais, mesmo sem o pijama. Não servia para sua filha.

★

COM os dias, a fé de Seu Cícero — que na pia batismal acrescentou ao seu nome Peregrino — foi transformando-o. Tornou-se intolerante.

— Intransigente como um cristão-novo — classificou o Carneiro.

A vida, em casa, mudou totalmente. Trazia a mulher e as meninas em severo regime moral e a própria criada preferiu partir e voltar ao Orfanato, «onde há muito menos rigor». As moças tiveram que abandonar seus vestidos sem alça e passaram a adotar, compulsòriamente, um feio traje que Seu Cícero chamava de tapa-tudo. O vestido, de fato, tapava tudo: o decote até as orelhas, as mangas até os dedos, a saia até o meio das pernas. Claro está, tiveram de dizer adeus às «boites», aos passeios, aos cinemas, às amizades. As moças choravam pela liberdade perdida. Dona Conceição lamentava pelas filhas, também saudosa dos bons tempos de ateísmo do marido. Que grande tolice fizeram! Por que não o deixaram como era? Não incomodava ninguém... Pelo contrário até: tão complacente!

Mas uma esperança raiava no horizonte: o Carnaval. Bem sabiam que o Seu Cícero era um folião inveterado: saía no sábado e só voltava na Quarta-feira de Cinzas. Quem sabe se o Carnaval não mexeria com êle, dessa vez, devolvendo-o à família em sua forma anterior? Nessa esperança, Dona Conceição fêz fantasias para as meninas, para ela própria e, também, para Seu Cícero.

— Para papai? Que fantasia você escolheu para êle?

— De Odalisca. Êle deve ficar muito bem

Sim, desconfiavam da sinceridade de Seu Cícero. Planejava uma viagem. Essa «viagem» não seria uma incursão ao passado, não seria a volta ao Cícero de antes da conversão? Ficariam atentas.

Afinal, o chefe da família empunha a valise. Tôdas três esperam um passe de mágica. Existe, ainda, a esperança de uma grande reviravolta.

— Para onde vamos, Cícero?

— Para onde vamos, papai?

Seu Cícero olha seu rebanho. Tôdas três olham-no fixamente. E diz:

— Estamos no Carnaval. Sábado de Carnaval. Faremos o que todos deveriam fazer.

Ainda há esperanças. Seu Cícero ainda não se pronunciou com clareza. Afinal, êle dá umas passadas em direção à porta.

— Para onde iremos, papai? — é a pergunta angustiosa.

— Nós? Está claro que iremos a um retiro.

Suspiram mal-conformadas e seguem a voz de comando.

A SAÚDE DO BEBÊ

Proteínas na alimentação

Dr. Sabóia Ribeiro

As albuminas exercem um papel eminentemente plástico na alimentação infantil, e junto ao tecido muscular, vísceras, sangue.

São elas que incorporam à matéria viva, já existente, nova matéria viva. As albuminas, pois, constituem um dos mais importantes fatôres do desenvolvimento corpóreo da criança.

Aliás, nessa ação plástica, são elas acompanhadas e complementadas, numa certa medida, pela ação dos sais e vitaminas. E' muito ilustrativo o quadro de Aron, por onde se vê que, quanto mais rápido é o desenvolvimento corporal das espécies, no primeiro ano, tanto mais é rico delas o respectivo leite.

Vejamos:

ESPÉCIES	Dias em que o indivíduo dobra de pêso após o nascimento	Albuminas por %
Homem	180	1.2
Vaca	47	3.3
Cabra	20	5
Ovelha	12	6.6
Veado	8	7.5
Coelho	6	15

● No leite as albuminas são representadas, sobretudo, pela caseína, a lactoproteína e as proteínas, variando as proporções recíprocas consoante as diversas espécies animais de que provém. Algumas farinhas possuem também albuminas, se bem em quotas verdadeiramente deficientes face às necessidades da criança.

Em plano secundário, possuem as albuminas, ainda, uma função energética, produzindo fôrça e calor, porém insuficientes, ambos, para cobrir as necessidades da criança, o que é suprido pelas gorduras e carbo-hidratos.

Nos primeiros meses da criança, o leite preenche satisfatòriamente as necessidades de albuminas, porém com a sua diminuição, no regime, pelo sexto mês, cumpre vigiar a sua quota no regime. Há uma certa avidez pela água, na alimentação, nos primeiros meses de vida da criança. O leite, assim, é o alimento indicado nesses primeiros tempos. E' a carne que vai, nessa altura, entrado o sétimo mês, tomar o lugar das proteínas do leite, e com o acréscimo de outros componentes nos respectivos pratos.

REGIME COM SUPRIMENTO DE PROTEINAS DO LEITE (ao 7º mês):

Aguá.... 1 litro — Carne.... 250 grs. — Batatas.... 6 — Legumes variados da estação e 4 colheres de chá de uma farinha. Cozer até engrossar e passar por peneira. Dar 200 gramas dessa sopinha, 2 vêzes ao dia. Salgar no momento de dá-la à criança. Pode-se juntar 1|2 banana crua.

REGIME COM A MESMA FINALIDADE AOS 11 MESES:

Às 7 horas, leite (200 gramas).

Às 11 horas, sopa, caldo de feijão ou lentilhas, 50 gramas de carne (carne cozida e moída, bife mal assado e raspado), frango desfiado e picado, peixe cozido e magro; pirão de fígado, timo e miolo.

Às 18 horas, sopa.

Sòmente um regime encerrando proteínas variadas (além dos elementos minerais necessários, e vitaminas, como sempre temos frisado, por meio de frutas e legumes) será capaz de proporcionar à criança, findo o primeiro semestre, uma aparência sadia, de carnes firmes e boas côres, tudo isso servido por uma resistência às infecções que o regime correto assegura. A continuidade do regime de leite muito prolongado conduz, inevitàvelmente, à anemia e ao enfraquecimento da criança, quase sempre, nestas condições, vítima das infecções catarrais repetidas.



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

CLEÓPATRA

(Cont. da pág. 38)

Alexandria. Lá, entregando-se aos divertimentos e aos passatempos, como um rapazinho que levasse uma vida despreocupada e ociosa, desperdiçava o tempo, esquecido, fascinado, despido de tôda energia.

Na realidade, Antônio nunca teve tempo de se perguntar com que espécie de amor amava Cleópatra. Cercou-o ela de tantos cuidados e prendeu-o com tantos encantos que continuou a viver como num sonho, pedindo ùnicamente que não o acordassem, pois o despertar seria doloroso e trágico. Ela guiou-o, conduziu-o, susteve-o com freios invisíveis, mas tenazes, fêz dêle um instrumento de sua própria segurança, mais do que de seu poder. Antônio era para ela um penhor de infinito valor, aquêle que partilhava sem reservas com a amante irresistível um império sem limites e colocava-o aos pés de seu trono. Era uma gema mais preciosa do que aquelas que adornavam o seu diadema. Ela bem sabia o valor daquele homem endoidecido e mantinha-o pela coleira como um cãozinho em adestramento.

Havia amor no coração da rainha? Se havia, era êle sufocado pelo cálculo? Enigma misterioso que levou consigo para o eterno silêncio de seu túmulo.

Não se pode negar que tiveram uma vida conjugal reciprocamente afetuosa; nem que êle a cercava de respeitosa admiração; nem que ela retribuía com todos os carinhos que sòmente um sólido apêgo pode sugerir a uma mulher. Êle, porém, vivia adormecido, e ela estava desperta e insone. Êle se confiava com tôda a passividade de um caráter incerto e ela não afrouxava, nem mesmo por um instante, uma só malha da rêde com a qual todos os dias o prendia.

Viviam no prazer, porque o prazer era a chave de suas existências e o prazer tomava até mesmo o lugar do amor. No entanto, se ela amava ou se não amava Antônio é inegável que lhe foi fiel e nunca se deixou dominar por desejos caprichosos enquanto êle viveu — e ela viveu com êle — a vida que terminou com a morte de ambos. Talvez a fidelidade fôsse um dos muitos meios de mantê-lo vencido. Quem, porém, poderá assegurar que foi apenas um meio e não um sentimento? Cleópatra deixou uma recordação profunda de si na história humana, porém, uma recordação coberta pelo manto do mistério. Seu coração sempre permaneceu fechado a tôdas as indagações.

Havia acordos tácitos na união de ambos, talvez muitos e talvez até declarados. Antônio aceitava plenamente a presença de Cesariano na côrte, isto é, do filho de César, seu primeiro rival. Cleópatra recebia com afetuosa cortesia o mais velho dos filhos de Antônio, filho de Fúlvia. Portanto, o ciúme, que também é retrospectivo, não exercia sôbre nenhum dos dois os seus cegos e irrazoáveis direitos. Há quem diga que quem não tem ciúmes não ama e, provàvelmente, há alguma verdade nessa afirmação. Tratando-se, porém, de Antônio e Cleópatra tudo está envolvido numa espécie de mistério que esconde a própria verdade.

★

A tão delicado sonho sucedeu, para Antônio, um período de alerta, determinado por fatos graves que aconteceram em curto intervalo: seu irmão Lúcio e sua mulher Fúlvio haviam declarado guerra a Otávio, tinham sido vencidos e obrigados a sair de Roma. Labiênio, com os Partas, conquistava a Ásia, da Lindia à Jônia. Antônio correu a lutar contra os Partas. Depois embarcou para a Itália e soube, durante a viagem, que Fúlvia havia suscitado todo êsse movimento guerreiro para afastá-lo de Cleópatra. Tomou a decisão de puni-la por essa audácia, mas a morte chegou antes dêle e deixou-o viúvo. Libertado da espôsa fêz as pases com Otávio e à paz seguiu a divisão do mundo: Antônio ficou com as regiões orientais, Otávio com as Ocidentais, e a Lépido coube a Líbia. Foi uma negociação provisória e aviso de acontecimentos muito mais graves.

Um pacto de paz, porém, foram as núpcias de Antônio com Otávia, a belíssima Otávia, meia-irmã de Otávio e, também ela viúva, de Caio Marcelo, morto pouco tempo antes. Longe de Cleópatra, subtraído a seus encantos, aceitava outras decisões e deixava-se por elas sufocar. À sua sensualidade e ao seu orgulho de homem, Otávia, a divina Otávia, magnìficamente bela de corpo e de espírito, não podia desagradar. Rica, nobre, generosa, era dotada de tôdas as qualidades que podem tornar feliz um marido. Desgraçadamente, Antônio não apreciava os seus melhores dotes e deixava-se influenciar apenas por aquêles que não são os mais aptos para estabelecer relações duráveis entre os cônjuges.

Enquanto viveu com Otávia, pareceu esquecer-se do Egito e dos apaixonantes atrativos de sua côrte mágica. Otávia deu-lhe uma filhinha. Com ela viajou pela Itália e pela Grécia. A sorte de seu casamento mudou, porém, quando a vitória de Ventidio contra os partas, a morte em combate de Labieno, a derrota de Parcoro, filho do rei dos partas, enfim, a certeza do próprio Ventidio ao perseguir o inimigo e muitas outras fases daquela guerra sangrenta, decidiram Antônio a voltar para o Oriente.

Para Otávia o Oriente significava Cleópatra e Cleópatra significava a perda do marido. Usou de todos os seus recursos de mulher, de espôsa e de mãe. Dera ao marido uma segunda filhinha e educava com cuidado e também com grande afeição os filhos de sua primeira mulher. Procurava tornar-lhe a vida confortável e serena. A guerra na Sicília, contra o filho de Pompeu, separou, porém, os dois cônjuges. O destino tecia as suas tramas invisíveis e da Sicília levaria Antônio de volta à Ásia e depois à África.

Foi culpa dos ventos ardentes da África se êle, à proporção que regressava, sentia o corpo e o espírito atirados para os locais de sua cega paixão? Foi mérito dos adivinhos egípcios, que Cleópatra lhe mandara, e que prediziam que sua salvação futura estava em separar-se de Otávia e dos seus? Foi o trabalho lento, subterrâneo e contínuo de Cleópatra que, durante o período de abandono tramou de tôdas as formas, para reaver o homem cujo poder era-lhe mais do que nunca necessário? Quem poderá dizê-lo?

★

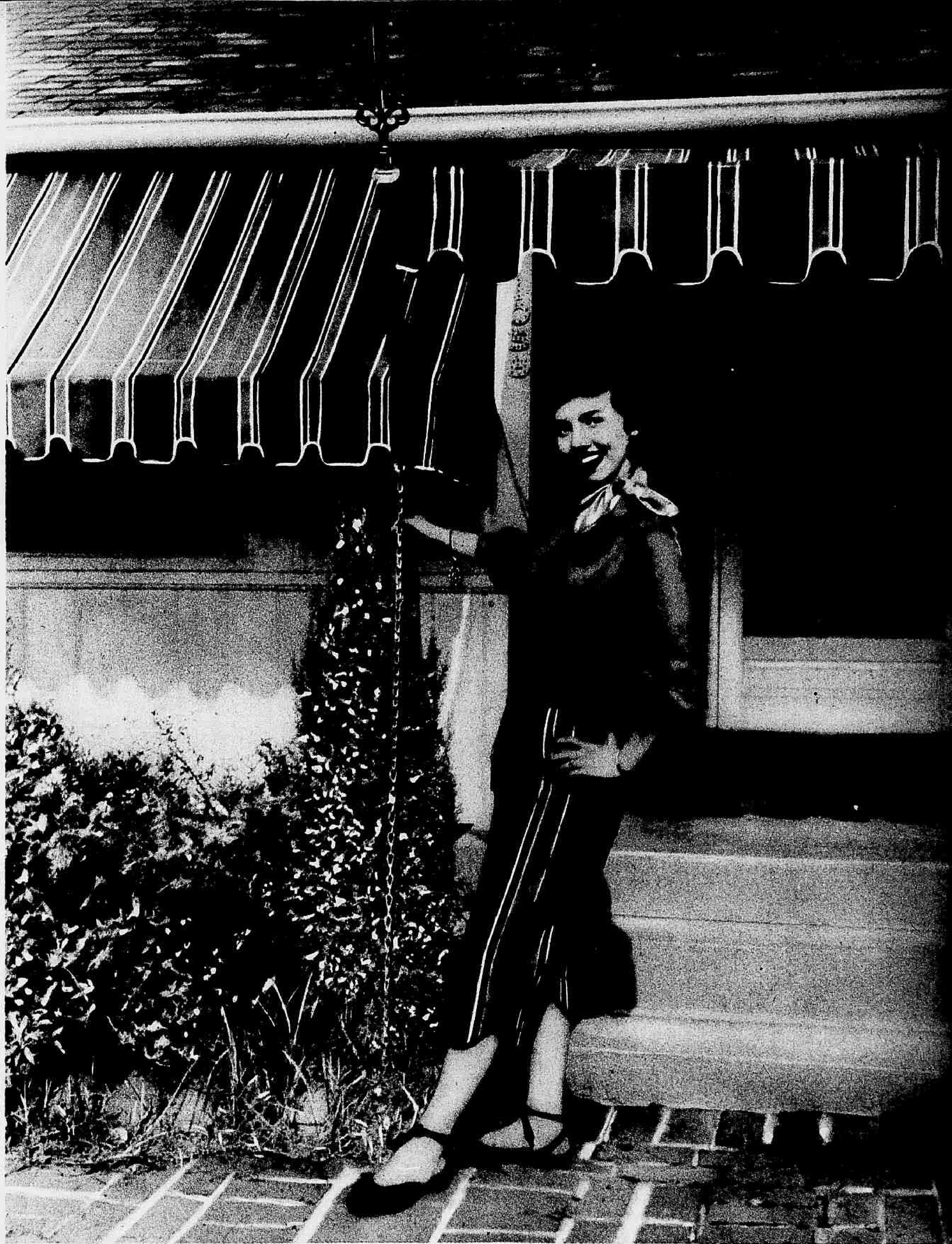
Mandado por Antônio, Fonteio Capitone conduziu Cleópatra à Sicília. O encontro de ambos se deu sem recriminações, cheio de humildade da parte de Antônio e de grande condescendência da parte de Cleópatra. Êle fazia todo o possível para ser perdoado e ela procurava apenas perdoá-lo. Presentes régios foram por êle oferecidos à sua reconquistada amante: a Fenícia, a Cirenaica, Chipre, e algumas regiões da Cilícia, tôdas as partes da Judéia que produzem bálsamos, e tôdas as terras dos Nabateus que descem até o mar.

Pareceu incrível tal generosidade, aos romanos e a muitos outros. Cleópatra, no entanto, agiu de forma que êle não ouvisse as lamentações e as recriminações e aproveitou-se de sua própria gravidez para aproximá-lo mais de si, ainda que não fôsse preciso. Deu-lhe dois gêmeos: Alexandre e Cleópatra. Êle, porém, acrescentou ao nome do menino a denominação do Sol e ao da menina a da Lua, desgostando a classe sacerdotal que nisso viu uma profanação.

Aos que lhe reprovavam a doação de tantas terras à rainha, no que se poderia ver uma usurpação, respondia que a grandeza dos romanos não estava no que conquistavam mas no que davam.

Depois de feitas as pazes com Cleópatra, sua existência foi um delírio. Mais uma vez ela o fêz perder tôda noção de seus deveres civis e militares. Não lhe deixava nem liberdade, nem um pouco de ar para respirar. Dia e noite seguia-o como uma sombra, participando intimamente de todos os seus pensamentos e de tôdas as suas decisões, dando-lhe as mais vivas e as mais doces provas de amor, como se quisesse uma compensação pelos tempos de solidão e de abandono. Antônio, surprêso, mas orgulhoso no fundo do coração, por despertar em plena maturidade uma paixão tão profunda naquela mulher jovem, desejada e agradável, deixava-se embalar na ilusão de um novo e miraculoso desabrochar de juventude em sua carne e em seu espírito. Cleópatra, para êle, era o indissolúvel, a condição de sua existência, o absoluto de sua alma. Sair do círculo de sua influência era voltar a seu mundo de responsabilidades, de compromissos, de planos de guerra, de intrigas, de alianças, de convenções e iniquidades. Era perder, por outro lado, a felicidade de enlear-se tôdas as noites nos dois braços amorosos, sôbre o seio de uma mulher que dêle nunca se saciava.

Em algodão liso e listrado... com um bonito lenço no pescoço... eis o conjunto ideal para se pular a fogueira em qualquer festa junina. Repare no original corte da calça.



Pulando a fogueira

AS festas juninas constituem ainda, felizmente, uma tradição bem nossa, bem brasileira. Nas noites estreladas de nosso inverno espoucam rojões e caem chuvas de fogos de artifício para alegria dos pequeninos e entusiasmo dos grandes. E a nossa mocidade se diverte pulando a fogueira, comendo pés de moleque ou participando dos engraçados casamentos de roça. Não há quem não tenha oportunidade de ir ao menos a uma festinha dêsse gênero, na casa de amigos que moram na periferia da cidade, num sítio, numa chácara ou, apenas, numa casa com jardim bem grande. Aqui no Rio fazem-se fogueiras até nas praias e em São Paulo, em alguns largos dos bairros.

● Os trajes, porém, vão aos poucos mudando, e hoje as nossas jovens preferem pular a fogueira com umas confortáveis calças de pescador, nas quais ficam mais à vontade também para dançar os divertidos passos das quadrilhas de roça. Poucas são aquelas que ainda se enfiam em vestidos de chita compridos, e isso quase sempre sòmente para ir a algum baile em cujo convite esteja expressamente especificada essa exigência. Por isso mesmo apresentamos nestas páginas maior número de modelos de calças três quartos que, com um chapéu de palha, um lenço e tamanquinhos, ficarão ótimos para essas festas e poderão ser usados, depois, sem nenhum inconveniente, para os passeios de bicicleta ou o fim de semana nas montanhas, pois que são de corte elegante e confeccionadas em tecidos de boa qualidade. — (Flama)

São João

Um macacão gracioso em piquê escuro, com aplicações de lanterninhas e bandeirinhas coloridas. Complete com um grande chapéu de palha e terá um original traje de São João.





A bonita roceirinha mais parece saída de uma idéia de vaqueiros norte-americanos! Pudera! Se é um modêlo que nos veio dos Estados Unidos, criado por Arnold Soaz.



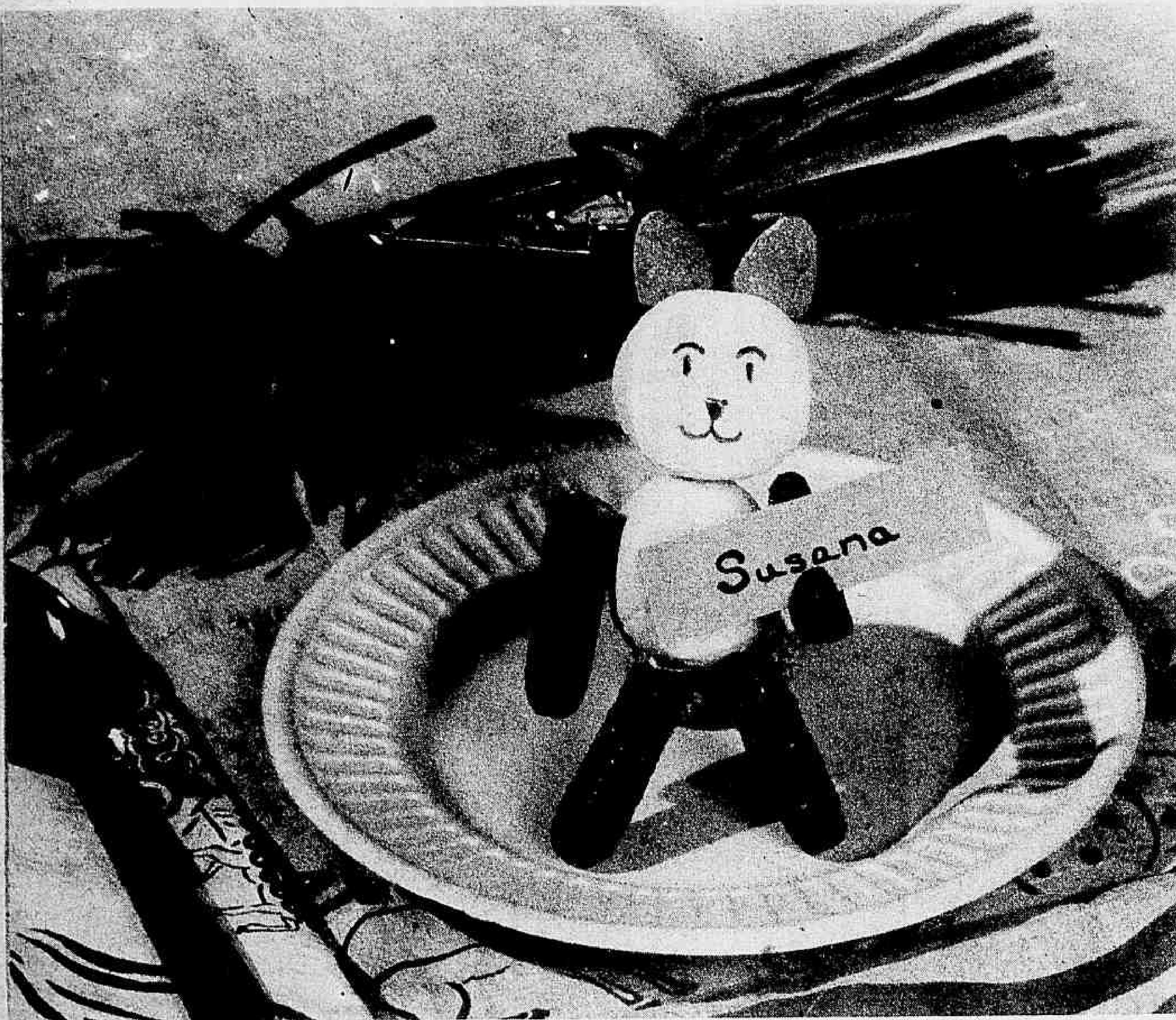
Calças de pescador, muito justas no joelho, em lonita listrada prêto e branco, piquê branco no decote. Com tamanquinhos rústicos e um lenço na cabeça, êste traje ficará ótimo para "uma noite na roça".



Um modêlo de Alex Colman em jérsei de lã xadrez, vermelho e azul, com blusão de côr lisa combinando. Complemento? Um chapéu de gaúcho e um lenço em côr berrante, no pescoço, completará, muito bem, êste traje.



Para se dançar a quadrilha nada mais encantador do que essa saia muito rodada que esvoaça ao som dos volteios da sanfona. Blusa camponesa em popeline lisa.



WEEK-END NA COZINHA

SÃO as crianças que mais se divertem nas alegres festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Porque não dedicar-lhes, pois, uma dessas datas, oferecendo-lhes uma festa exclusivamente infantil? Enfeite a mesa com balas de estalo e bonequinhos, como o da fotografia. O bonequinho é feito com «marshmallow» e balas de goma, e armado com auxílio de palitos. — TIA DULCE.

BISCOITOS DE SÃO JOÃO

INGREDIENTES

1/2 xícara de manteiga

1 xícara de açúcar

1 ôvo

1 colher das de sopa, de leite

1 colherinha de essência de limão

1 colher das de chá, de fermento em pó

1 colher das de chá de noz-moscada

1 pitada de sal.

MANEIRA DE FAZER

1. **Bata a manteiga, até ficar cremosa e esbranquiçada. Junte gradualmente, batendo sempre, o açúcar.**
2. **Acrescente os ovos, o leite e essência de limão.**
3. **Ponha a farinha peneirada com o fermento em pó, e, em seguida, a noz-moscada, e o sal. Misture bem. Cubra a tijela e deixe descansar em lugar fresco, uma meia hora, preferivelmente na geladeira.**
4. **Abra a massa, depois de meia hora, com a espessura de 1/2 centímetro. Corte-a em bastõezinhos, com uma faca afiada.**
5. **Asse os biscoitinhos em forma de palitos compridos, numa assadeira untada, em forno moderado, de 5 a 7 minutos.**
6. **Depois de assados, arrume os biscoitos em pratinhos, formando com os mesmos uma fogueira. No centro da «fogueira» ponha papel celofane vermelho, cortado em tiras finas, para dar impressão de fogo.**

NOTA: — Se desejar, pode pincelar os biscoitos com gema de ôvo antes de assá-los.

CONSELHOS ÚTEIS

- *Uma porção de gostosas* roscas fritas, *polvilhadas com açúcar e canela, e enfiadas em varas, constituirão um ornamento original para sua mesa de festa infantil. E como divertirão as crianças!*
- *Use uma* glace cremosa de chocolate *e o biquinho mais fino de seu aparelho de enfeitar bolos, para desenhar, em bolinhas de marshmallow, umas carinhas de palhaço, como mostra a ilustração desta página.*
- *Se a festa que vai dar, para as crianças, prevê uma refeição sentada, os banquinhos de marshmallow servirão para* marcar os lugares, *se se colocar, em cada um dêles, um cartão, como mostra a fotografia.*
- *Pinte pratos de papelão simples com tinta esmalte, em côres alegres. Sirva as crianças nesses pratos pintados. Para que dê tempo de secar a tinta, pinte-os com bastante dias de antecedência.*

PONCHE DE SANTO ANTÔNIO

Sirva-o quente, que será confortante nas noites frias de junho. Eis a receita:

INGREDIENTES

4 litros de suco de morangos, diluído

1/4 de xícara de suco de limão

1 xícara de passas sem caroço

1/2 xícara de amêndoas descascadas e picadas

1/3 de xícara de laranja em calda, picadinha

2 paus de canela

1 colher das de chá, de especiarias

10 cravos

1/2 colher das de chá, de extrato de amêndoas.

MANEIRA DE FAZER

1. Esquente os 4 litros de suco de morango diluído (1 garrafa de suco concentrado, para 3 litros dágua).
2. Junte todos os outros ingredientes, tendo o cuidado de mexer com uma colher de pau o ponche, enquanto esquenta.
3. Sirva quente, enfeitando cada copo ou xícara com uma rodela de limão e com fôlhas de hortelã.

CLUBEMANIA

UM dos mais interessantes aspetos da vida das mulheres norte-americanas são os clubes ou associações femininas. Proliferam por todo o território dos Estados Unidos e o número de suas associadas é de mais de 15 milhões. Reunem-se as norte-americanas com as mais diversas finalidades. Existem sociedades de leitura, de beneficência, de viagem, de reflorestamento, de proteção à infância e à maternidade, de bridge... enfim, uma multidão, com os fins os mais disparatados e desencontrados. Cada norte-americana pertence a, no mínimo, 4 ou 5 clubes diversos: um social (especializado em receber e banquetear personalidades), um cultural (desde cursos sôbre problemas doméstico, até sôbre teorias atômicas), um prático (para a solução de problemas locais, ou de beneficência) e outro profissional, de mulheres do mesmo ofício.

NAS REUNIÕES tratam de asuntos relativos à administração e expansão do círculo ou clube, do intercâmbio com outras sociedades congêneres, depois falam sôbre o assunto do dia, quase sempre novas iniciativas ou esclarecimento de um problema em foco. Finalmente, é servida uma lauta mesa de doces... Os caricaturistas se valem dessa última parte para criticar as mulheres que se reúnem. A verdade, porém, é que os clubes de mulheres dos Estados Unidos conseguem coisas fabulosas. Sua influência é incomensurável e a maior parte dos governantes ou administradores locais preferem ter o seu apoio do que receber suas críticas. Quando uma associação feminina protesta, seja ela da mais longínqua cidadezinha, pode contar que, dentro em pouco, êsse protesto será repetido por milhões de outras bôcas femininas em todo o país... porque, é uma verdade, as mulheres associadas são muito unidas.

ENTRE as mais brilhantes vitórias das sociedades femininas, contam-se: a lei que torna obrigatório o ensino para as crianças até 14 anos; outra lei obrigando o registro de tôda criança ao nascer; o contrôle dos alimentos e medicamentos por parte dos poderes públicos; a criação de mais de 85% das bibliotecas públicas... e outras medidas como, logo depois da guerra, a remessa de mais de 600.000 pacotes de alimentos e roupas para as populações européias. Por ocasião das calamidades públicas prestam auxílios inimagináveis com suas contribuições espontâneas. Essa avalanche de associações começou de maneira muito pitoresca, em 1868, por ocasião de um banquete em homenagem a Dickens, ao qual não foi permitido o comparecimento de uma jornalista, espôsa de um jornalista que foi ao banquete. Exasperada, fundou ela uma sociedade, juntamente com outras senhoras, com o nome de «Sorosis», para que também as mulheres pudessem trocar idéias com personalidades importantes, e instruir-se, o que os homens lhes negavam. Vinte anos depois já eram 96 os clubes fundados e hoje, existem cêrca de 900 clubes em cada cidadezinha de 18.000 habitantes.

UNIDAS, as mulheres norte-americanas podem fazer demonstrações de fôrça, com base. Como sintetizou uma das presidentes da Federação Geral de Clubes Femininos. «Nós vivemos mais anos que os homens e somos mais numerosas do que êles,



As norte-americanas possuem no lar 92 invenções que lhes economizam tempo nos afazeres domésticos, por isso, dispõem de muitas horas vagas para suas associações. (Na foto Doris Day experimenta uma dessas invenções: um moderno batedor de bolos).

Temos em casa mais de 90 invenções que nos poupam trabalho e aumentam o nosso tempo livre, temos a oportunidade de poder pensar mais do que os homens nos problemas atuais. Gastamos 85% de cada dólar que se gasta nos Estados Unidos e sugerimos aos homens como gastar os outros 15%. Temos mais ações de grandes firmas comerciais e industriais. Os homens não fabricam sabão nem constroem castelos para êles, mas para nós. Por isso, sôbre nós cai a responsabilidade da preservação da maneira de viver democrática dos norte-americanos.» — L.J.

★★★★★★★★★★★★★★★ *Sugestões para o lar* ★★★★★★★★★★★★★★★

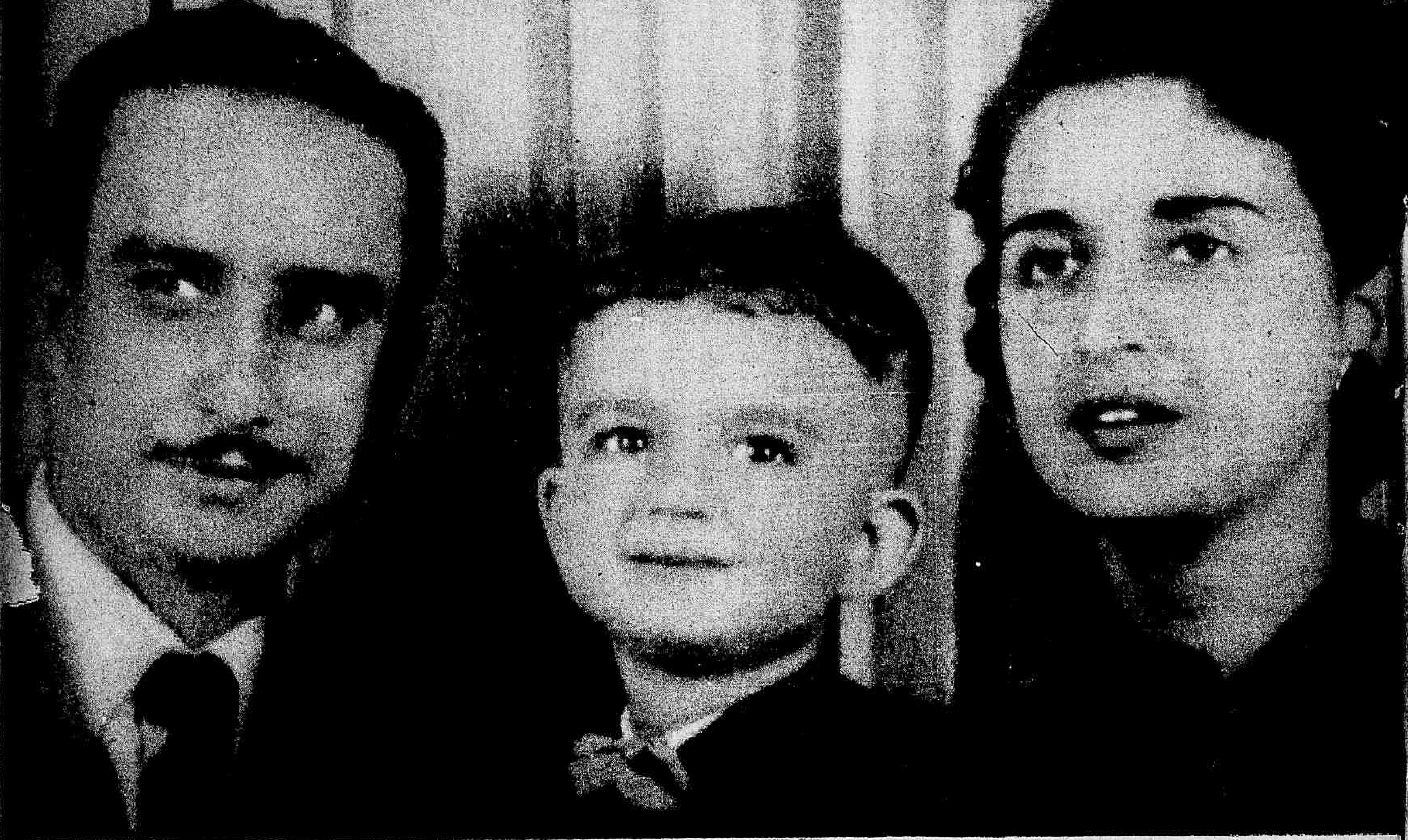


ESTA simples fotografia, de uma cama de criança, encerra uma porção de idéias interessantes, que você poderá pôr em prática, sem muitas despesas. Vejamos por partes:

● A própria cama é de modêlo muito prático. As grades são removíveis, de modo que, depois de ter servido durante muitos anos para a criança pequenina, poderá ser útil, por muito tempo ainda, para o menino ou a menina maiorzinhos que não se conformariam em dormir com grades.

● O babado da colcha não é prêso à mesma, como pode parecer à primeira vista. E' separado desta e pregado com tachinhas no estrado, por debaixo do colchão. A parte que cobre a cama é lisa, e, na hora de arrumar, ajeitada entre o colchão e o estrado, para que fique bem esticada. Pode fazer essa parte também em tecido liso, e variar de vez em quando. O almofadão oculta o travesseiro e é fechado pelo lado de trás com um «zip». Também dentro do almofadão podem ser guardados os pijamas e o roupão que a criança usa para se levantar.

● O enfeite que ornamenta a tábua do pé da cama é gracioso. Pode usar uma decalcomania para o mesmo. Pode também colar uma gravura qualquer, colorida, muito bem recortada. Use cola branca, que não penetra no papel. Depois de bem sêca passe com um pincel uma camada muito fina de verniz cristal, bem clarinho. Parecerá que o desenho foi pintado sôbre a madeira. — NIKE



O delegado Newton Bonilha, sua espôsa Maria Lúcia (causadora de tôda a tragédia) e o filho único do casal

AMOR E MORTE NO "TRAMPOLIM"

MAIS UM CRIME PASSIONAL ★ VITIMADOS O DELEGADO NEWTON BONILHA DE FIGUEIREDO E O COMISSÁRIO RAUL DE CAMPOS GAY ★ TERIA O ADVOGADO PREMEDITADO O DUPLO HOMICÍDIO? ★ "ATIREI PARA IMPEDIR QUE ME MATASSEM." LEGÍTIMA DEFESA?

Reportagem de SAMUEL AVERBACH

A tragédia do Hotel «Gruta do Trampolim» constitui um dos mais tristes e sangrentos crimes passionais já registrados no Rio de Janeiro. Nela perderam a vida dois elementos de grande prestígio na Polícia, tanto por sua reputação de homens probos e honestos, como pelas indefectíveis qualidades que demonstraram, em suas carreiras até agora brilhantes e que foram, assim, tràgicamente interrompidas.

Recapitulemos os fatos, até agora um tanto imprecisos, que antecederam e deram causa a tragédia:

Há tempos, o sr. Newton Bonilha de Figueiredo, titular da delegacia do 2º distrito policial, tivera freqüentes discussões com a espôsa, Maria Lúcia de Figueiredo, porque esta alimentara dois romances amorosos.

Passaram-se as semanas, e êle julgou que a companheiro voltara a manter conduta normal, dedicando-se ao lar que com ela formara. Mais uma vez porém, desiludiu-se, ao saber que ela tornava a traí-lo. Vendo assim, que a única solução para o seu drama conjugal seria o desquite, aguardou ansiosa espectativa o momento azado para efetuar o flagrante de adultério, contra a espôsa e o seu amante.

E num domingo, 24 de maio de 1953, logo depois do almôço, o delegado Newton Bonilha foi avisado por um dos seus auxiliares de confiança, o detective Jaime Sena Carioca, de que o advogado João de Alencar Athayde, suposto amante de Dona Maria Lúcia, o qual chegara ao Rio na sexta-feira e se hospedara no Hotel Serrador, estava em companhia da espôsa do delegado, num hotel situado na Gruta do Trampolim.

Imediatamente, o delegado Bonilha avistou-se com o detective Carioca rumando em seguida para o 1º distrito policial. Ali, em breves palavras, contou ao comissário Raul Campos Gay o que pretendia, e a necessidade do comparecimento da autoridade, já que o local referido pertencia à jurisdição do 1º distrito policial.

Numa camionete, os três rumaram para a estrada da Gávea nº 558 e, ali chegando, entenderam-se com o «garçon» Manuel Fernandes Maia. Deram-lhe os traços físicos de João de Alencar, e o empregado lhes disse que o mesmo havia alugado o quarto nº 10.

A partir daqui, os acontecimentos se tornaram imprecisos, havendo várias versões para a tragédia que ocorreu em seguida. De acôrdo com o que declarou o «garçon», ao ser interrogado posteriormente, êle fôra informado pelo comissário Gay de que a presença da polícia ali era por causa de uma deligência. Perguntou o «garçon» se desejavam que fôsse chamado o casal, o delegado Bonilha respondido, que não era preciso. Aguardariam a saída do par.

Minutos depois, ainda segundo o depoimento do «garçon» Manuel Fernandes Maia, a porta do quarto foi aberta, ouvindo-se, em seguida, diversos tiros, ao fim dos quais saíram feridos o delegado, o comissário e o advogado. Uma guarnição da Rádio Patrulha, que foi solicitada ao local, conduziu todos, inclusive a mulher para o Hospital Miguel Couto.

O detective Jaime Sena Carioca, após as sangrentas ocorrências, declarou o seguinte, ao ser inquirido.

Sexta-feira, 22 de maio, quando de serviço no 2º distrito policial, o delegado Newton Bonilha, seu amigo particular, dissera-lhe que precisava tomar uma séria medida contra a espôsa. Ela o traía com outro homem, e o delegado queria provas concretas da sua infidelidade, para a formação do processo de desquite. Carioca tentou dissuadi-lo, mas o seu chefe manteve-se firme no seu propósito. E, assim, rumaram para o Hotel Gruta do Trampolim, no domingo.

Ao se depararem com o advogado, depois da chega-



Manoel Visgueiro Montenegro, amigo íntimo do casal, que prestou declarações a respeito dos fatos que antecederam o lutuoso acontecimento.



O «garçon» Manuel Fernandes Maia, que avisou o criminoso da presença dos policiais, e foi uma das testemunhas das ocorrências.



O motorista de praça José Cerqueira Fontes, que levou os amantes ao «Hotel Gruta do Trampolim» e ali ficou aguardando pelos dois.



A Sra. Maria Lúcia de Figueiredo esconde o rosto ao deixar o Hospital Miguel Couto, protegida por seu tio, o Deputado Federal Moura Brasil.



O delegado Guerreiro de Castro, do 1º D. P., que dirige o inquérito a respeito dos trágicos acontecimentos.

da ao hotel já referido, o comissário Raul Gay, tendo ao seu lado o delegado Bonilha, deu-lhe voz de prisão. João de Alencar Athayde baixou a cabeça, como se estivesse refletindo e, ato contínuo, sacou de um revólver, dando ao gatilho.

Tentando proteger o delegado, o comissário saltou à frente, sendo atingido no abdome. O advogado continuou atirando, e o delegado Bonilha, que, como o comissário, não estava armado, caiu ferido ao solo.

De revólver em punho, o criminoso correu pela estrada particular. No seu encalço correu, também, o defective, gritando para o motorista da Polícia: «Pega! Pega!» Ao mesmo tempo, atirou contra o criminoso, ferindo-o nas pernas.

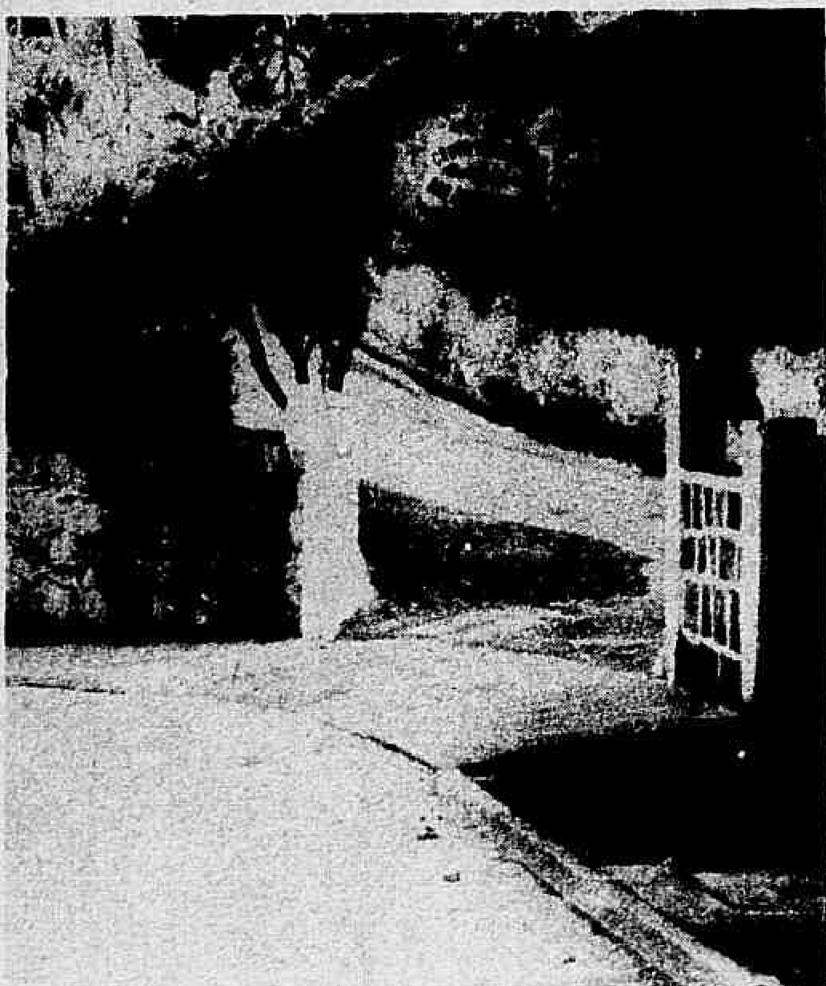
★

Dez minutos após a sua entrada no Hospital Miguel Couto, o delegado Newton Bonilha faleceu, quando, na mesa operatória, recebia uma transfusão de sangue.

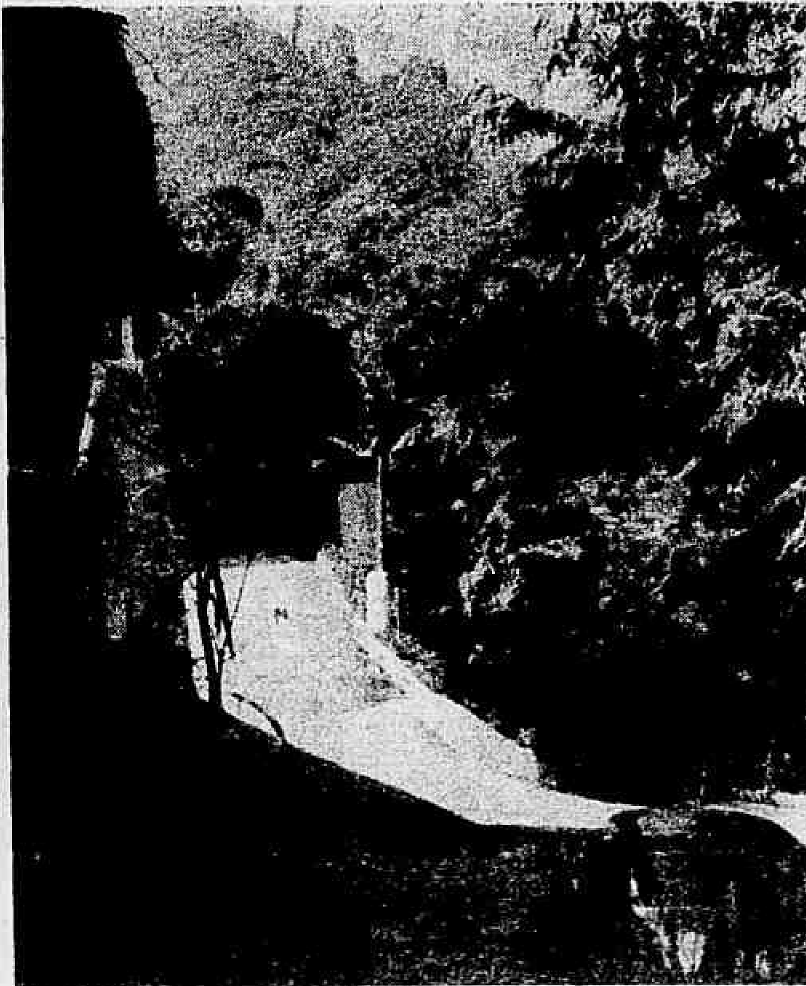
O advogado João de Alencar Athayde, apresentava esfacelamento interno da coxa esquerda, contusão na região occipitofrontal, e ferimento penetrante na perna direita.

O comissário Raul Gay, gravemente ferido, pois o projétil que o atingiu perfurou o fígado, trespassou quatro vêzes os intestinos e raspou pelo baço, acabou

A fachada do hotel Gruta do Trampolim, onde se desenrolou o drama de amor e morte



A estrada particular que conduz ao hotel onde ocorreu a tragédia; note-se a expressiva placa dependurada à entrada da mesma.



No cimo da ladeira, há um pequeno local de estacionamento e, em segundo plano, nota-se o caminho que conduz aos fundos do hotel.



Assinalada por uma seta, vê-se a porta lateral que conduz ao quarto número 10, situado no extremo do corredor, no andar térreo.



O Sr. Antônio Carlos Vilanova, diretor do G. E. P., quando ditava esclarecimentos sôbre o duplo crime.

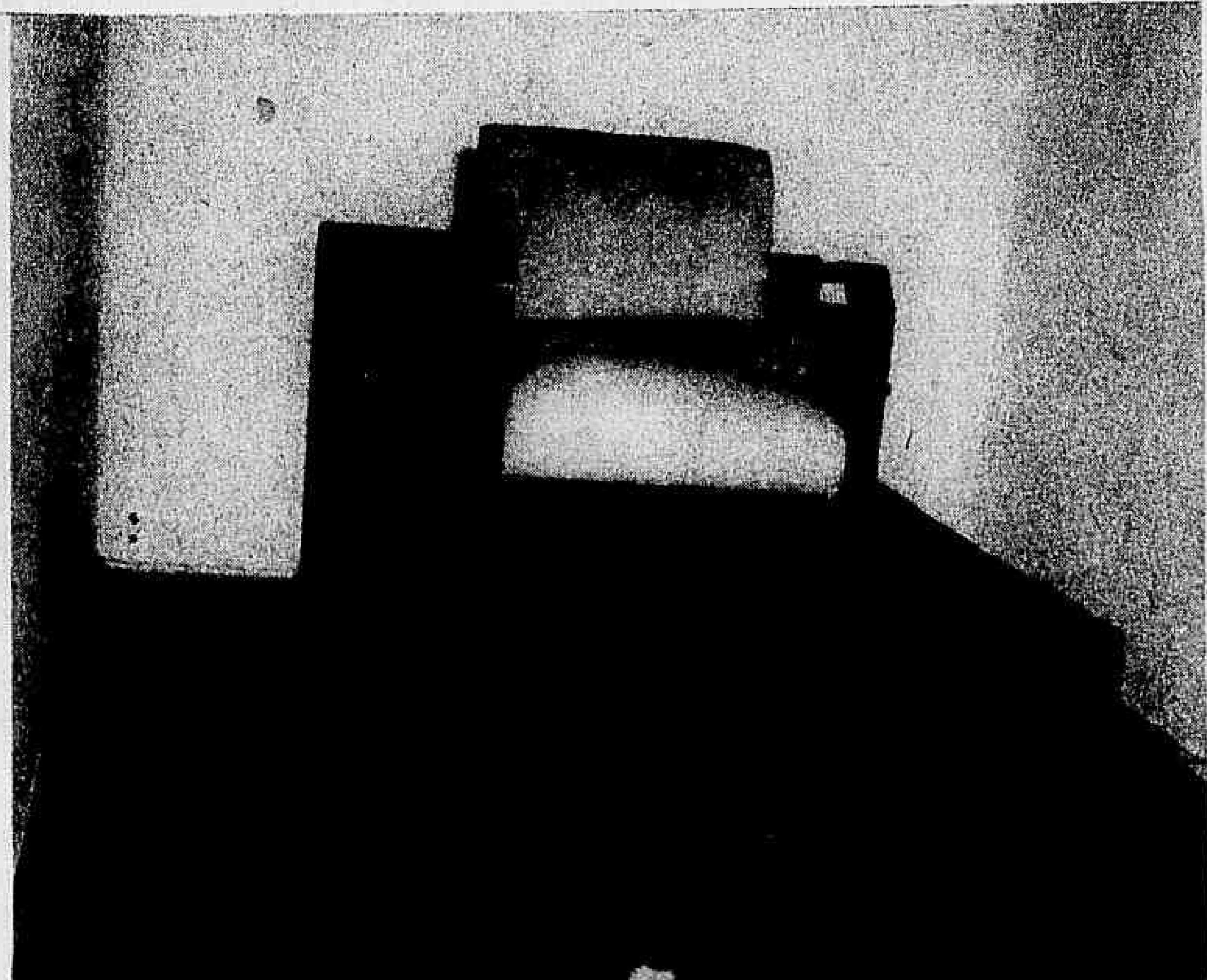
por falecer, sem que pudesse ser ouvido pelo delegado Guerreiro de Castro, titular do 1º distrito, o qual, desde logo iniciou o inquérito em tôrno da sangrenta ocorrência. Falando à imprensa, lamentou não ter sido possível ouvir o comissário Gay, a quem competia, na qualidade de autoridade policial que iria efetuar o flagrante de adultério, esclarecer o ocorrido.

TERIA PREMEDITADO O CRIME? — Baseado no que diziam os depoimentos prestados pelas partes arroladas, disse o delegado Guerreiro de Castro:

— Não tenho dúvidas de que o advogado João de Alencar Athayde premeditou o crime. No depoimento do «garçon» Fernandes Maia, que entregou as chaves do quarto nº 10 ao casal, ficou bem claro que êle, tendo sido chamado pelo causídico, atendendo ao toque da campainha, que é instalada em todos os cômodos, informou-o da presença do delegado Bonilha no hotel. Se não houvesse intenção de dolo, o criminoso teria fugido sem que o marido ultrajado pudesse vê-lo, pois se encontrava no bar, que fica no pavimento superior. A fuga seria facilitada pelo fato de que o auto que conduzira o casal ao hotel ainda ali se encontrava, a serviço do causídico. Entretanto, preferiu Athayde aguardar no cômodo o desenrolar dos acontecimentos, naturalmente prevenido com a sua arma, de que não se separa um só instante, conforme em seu depoimento.



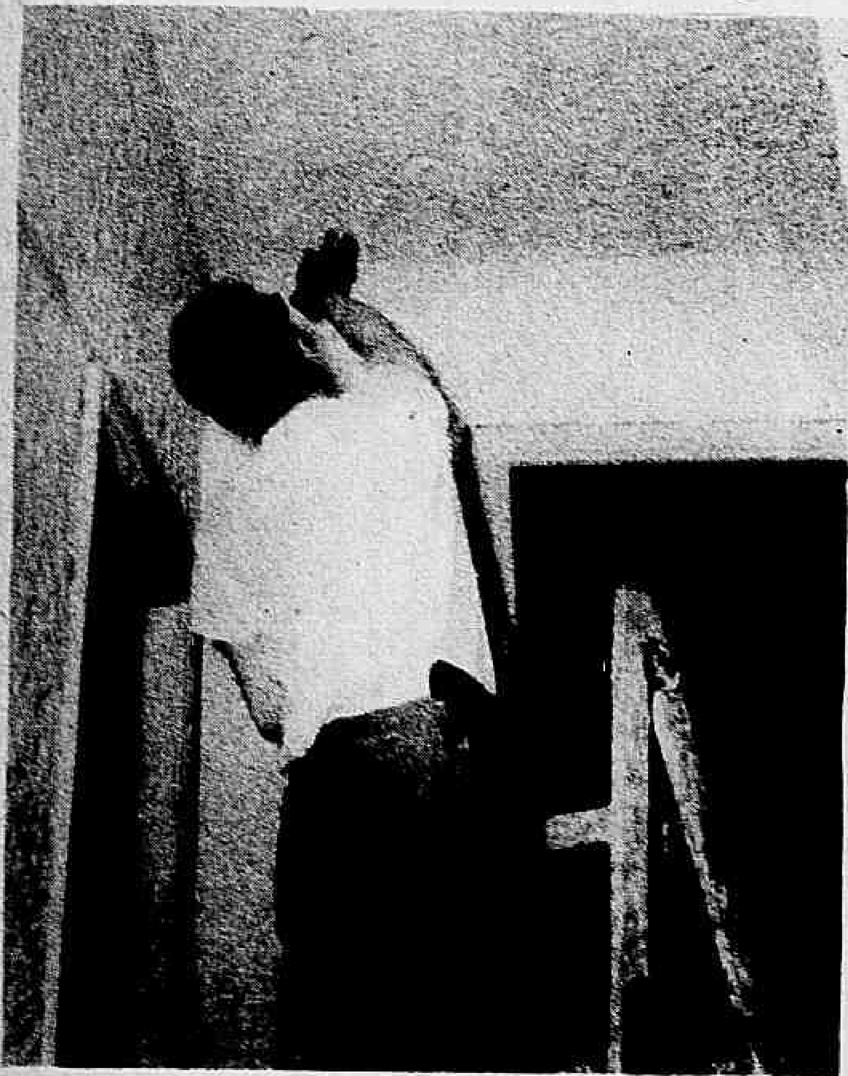
A irmão do comissário Gay debruça-se sôbre o corpo, enquanto a espôsa deposita flores.



O quarto fatídico, notando-se parte da mobília que o guarnece. Não aparecem na fotografia o guarda-roupa e a mesinha de cabeceira.



O General Morais Âncora, o seu oficial de gabinete e o delegado Padilha são vistos ao darem entrada no cemitério, transportando o caixão.





O levantamento do local onde se verificou a tragédia: o delegado Pereira da Costa, em missão particular, examina o que se julgara ser uma mossa no teto do corredor. O delgado Guerreiro de Castro prepara-se para entrar no quarto fatídico. Alguns jornalistas procuram reconstituir os fatos sangrentos desenrolados no Hotel Gruta do Trampolim, de acôrdo com o depoimento do detective Carioca (anulado posteriormente).

O delegado Darcy Froes da Cruz, que foi a primeira pessoa a interrogar a sra. Maria Lúcia Figueiredo, prestou o seguinte depoimento, numa das fases do inquérito instaurado a respeito do duplo homicídio:

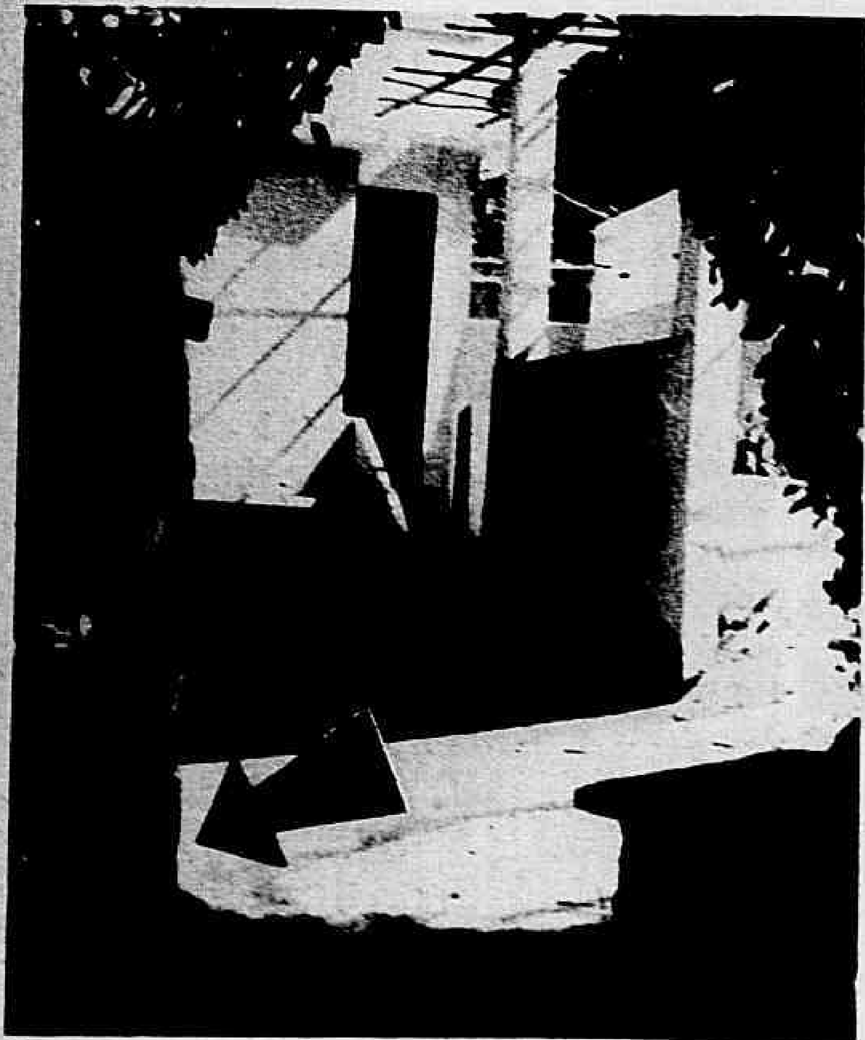
«Que o depoente, cêrca das 19 horas do dia 24 de maio, teve conhecimento dos fatos ocorridos no hotel «Trampolim», na Estrada da Gávea; que por volta das 20 horas chegava ao Hospital Miguel Couto, onde teve ocasião de se avistar com a sra. Maria Lúcia de Figueiredo, a quem perguntou se era amante de Athayde, a qual respondeu afirmativamente, acrescentando ainda que isso ocorria há cêrca de dois anos; que a dita senhora declarou ainda ao depoente ter relações sucessivas com Athayde, quando êste vinha a esta capital; disse mais a referida senhora que, quando se encontrava no quarto do referido hotel, já havia tido relações com o advogado, e se prontificavam a chamar o gerente para pagamento do quarto que ocupavam; que quando bateram à porta, se achavam Athayde e ela, Maria Lúcia, no interior do mesmo, sendo que Athayde fê-la ir par o banheiro, num gesto com o braço, empunhando o revólver neste momento; que ainda declarou Maria Lúcia ao depoente ter Athayde disparado ou melhor detonado a arma em ato consecutivo; que o depoente perguntou a Maria Lúcia se o segundo filho do casal era de seu marido ou de seu amante, respondendo a dita senhora que era de seu marido e tinha certeza disso; que o depoente esclarece que foi levado a tal pergunta, porque Maria Lúcia possuía um filho de 8 meses; que o depoente conversou a êste respeito com o delegado que preside o flagrante, sendo que a mencionada senhora já havia feito as mesmas declarações à dita autoridade».

O comissário Scalfiar Alves, que substituiu o comissário Gay no serviço de dia, na delegacia do 1º distrito, informou ao delegado Guerreiro de Castro que se encontrava na residência, quando o repórter Moura, do Hospital Miguel Couto, lhe telefonou, em nome do comissário Gay. Êste lhe pedia que comparecesse, com urgência, àquele nosocômio. Chegando ali, Gay lhe contou o que acontecera. Embora gravemente ferido, revelava plena lucidez de espírito. Detalhou os antecedentes das ocorrências. Ao chegar à porta do quarto nº 10, em companhia de Bonilha e Carioca, batera à porta, com insistência. Depois de algum tempo, esta se abriu ligeiramente. Êle então forçou, imaginando que a pessoa do lado de dentro, no caso o advogado, tentasse fechá-la de novo. Em seguida, João Athayde fêz uso da arma, atirando primeiro em Bonilha, depois nêle. Afirmou que dera voz de prisão ao advogado. E êste parecia acatar, quando, de súbito, fêz uso da arma.

O comissário Scalfiar lhe perguntou por que também êle, Gay, ao ver o advogado atirar em Bonilha, não sacara do revólver e fizera uso dêle. Gay respondeu que tudo fôra tão rápido, tão inesperado, que não tivera tempo de usar a arma. Adiantou que percebera quando Athayde dera tremendo safanão em Maria Lúcia, derrubando-a.

★

Em virtude da confusão existente na descrição dos lances que caracterizaram a tragédia, confusão esta originada das declarações do detective Carioca e do comissário Gay, antes de morrer, as autoridades encarregadas do inquérito resolveram fazer um levantamento no local do crime, contando para isto, com a presença do detective Carioca.





A tentativa de fuga do criminoso: em primeiro plano, assinala por uma seta, a sebe pela qual passou e, ao fundo, a porta do corredor que **conduz ao quarto número dez**. Nas duas fotografias subseqüentes, também assinalados por setas, a ribanceira pela qual o advogado **rolou, tentando atingir a estrada particular**, e o local presumido em que foi capturado pelo motorista da camionete e pelo detective Carioca.

Já diante do hotel, o detective Carioca informou que êle e o delegado Newton Bonilha ficaram do lado esquerdo da porta do quarto n. 10, enquanto que o comissário Gay ficou do lado direito. Há dois caminhos que conduzem ao hotel: a estrada principal para o mesmo, e a estrada lateral, que dá passagem para os automóveis; por esta última caminhou o comissário, vindo dar, por meio de uma porta, exatamente em frente ao aposento que o advogado e sua amante ocupavam. Por meio de acenos, Carioca e o delegado Bonilha indicaram o aposento ao comissário. Êste bateu à porta, e não houve demora, por parte do advogado, em abri-la. Assim que a mesma começou a ser aberta, Gay, com a perna direita, empurrou-a, a fim de surpreender o criminoso. Athayde, que já empunhava o revólver, foi logo atirando, e tentou fugir, em seguida, com o detective no seu encalço.

Em seu depoimento, o advogado Athayde declarou que foi a sra. Maria Lúcia que indicou o local do encontro, dando assim a entender que ali fôra pela primeira vez. No entanto, ao empreender a fuga, perseguido pelo detective Carioca, correu para os fundos do hotel, escolhendo, sem vacilar, a ribanceira que vai ter na estrada particular, dando pois a impressão de que conhecia perfeitamente o local, devendo ali ter estado por várias vêzes, anteriormente.

Em seu leito no Hospital da Polícia Militar, onde se encontra prêso à disposição da Justiça, o matador do delegado Bonilha e do comissário Gay recebeu a Imprensa, recusando-se, porém, a responder qualquer pergunta que lhe faziam os repórteres; limitou-se o advogado a entregar uma declaração que havia redigido, negando-se terminantemente a dar qualquer outro pronunciamento. Para os repórteres que insistiam em obter uma declaração complementar à que êle escrevera, limitava-se João de Alencar Athayde à responder:

— O que tinha a dizer à Imprensa está aí escrito, aliás com grande dificuldade, pois não posso fazer esfôrço.

— Mas como se desenrolou a tragédia? — insistiu um dos jornalistas.

E o advogado, irredutível, respondeu:

— Isso eu direi em Juízo.

Nada mais acrescentou e, de fato, o seu estado era o de um homem consumido pelo sofrimento. No momento da entrevista, que foi feita parceladamente, entrando três jornalistas de cada vez no seu quarto, êle tinha a perna esquerda suspensa por uma tração esquelética, em virtude do tiro que recebeu do detective Carioca, o qual lhe causou fratura do fêmur. No frontal, apresentava outro ferimento e, ainda, na coxa direita, apresentava um curativo no local em que uma das balas o feriu levemente.

Segue-se a declaração por êle redigida em duas fôlhas de papel almaço:

«E' sob o impulso de um dever amargo que recebo a Imprensa. Compreendo o empenho dos jornalistas em apresentar aos seus leitores a palavra direta de um dos sobreviventes da tragédia de domingo, narrando o doloroso acontecimento em que, inesperadamente, se viu envolvido. A função de informação inerente à Imprensa, a isto os obriga. Não vejo nessa ânsia de investigações minuciosas qualquer manifestação de curiosidade malsã, mas desejo contribuir para a descoberta da verdade.

Espero, assim, que os jornalistas aos quais ora me dirijo compreendam, também, nobremente, o que há de justo no silêncio que venho guardando; no isolamento que tenho procurado; e no retraimento que estou me esforçando por impor aos meus patronos, todos, antes de tudo, meus amigos pessoais.

Homens de sensibilidade, hão de pressentir, certamente, as angústias que me atormentam, nessa hora dolorosa. Basta já a desgraça de ter sido envolvido em acontecimentos no qual perderam a vida dois semelhantes meus. Desgraça tanto maior, quanto o dilema em que me colocaram os meus agressores; apenas a um conhecia ligeiramente, sendo-me os outros, até então totalmente desconhecidos.

Parece-me pois, que a Imprensa deve consentir em resguardar o meu sofrimento, deixando de ver no silêncio e no isolamento que tenho mantido, qualquer manifestação de indiferença ou desaprêço pela sua missão de órgão esclarecedor da opinião pública.

Peço, portanto, que aceitem, sem revolta nem represália, a minha discreção, sobretudo por ter sido apanhada nas malhas desta tragédia uma senhora de minhas relações, cuja reputação deve ser resguardada.

(Cont. na pág. 37)



O advogado assassino, no seu leito do Hospital da Policia Militar. Pode-se notar a extensão do ferimento que tem na cabeça



ÚLTIMO FLASH

FOGO NO ESQUELETO — Foi êste o maior incêndio já registrado no Brasil, em área devastada pelo fogo em número de moradas; mais de 300 casebres. A favela do "Esqueleto", nome inspirado pela armação de e cimento armado do edifício que seria o Hospital de Clínicas do Distrito Federal, esparramava-se por tôda aquela várzea do Dérbi Clube e envolvia o edifício inacabado como uma moldura de infigência ao fracasso de um plano. As chamas reduziram tudo a cinzas, deixando desabrigadas centenas de pessoas. Obras importantes do Ministério da Educação, pertencentes ao Patrimônio Histórico, ali recolhidas, foram destruídas, causando enorme prejuízo artístico.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

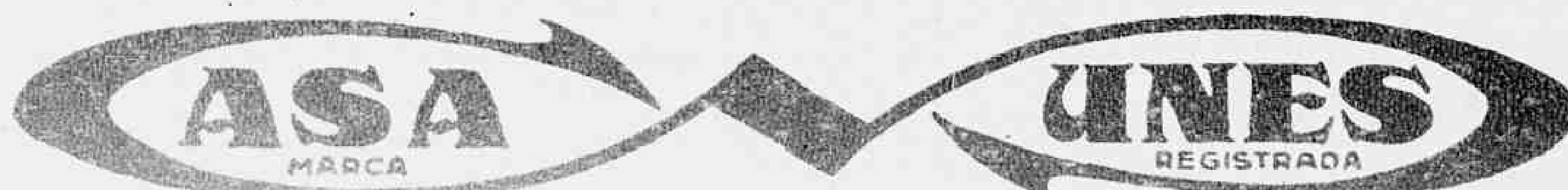
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

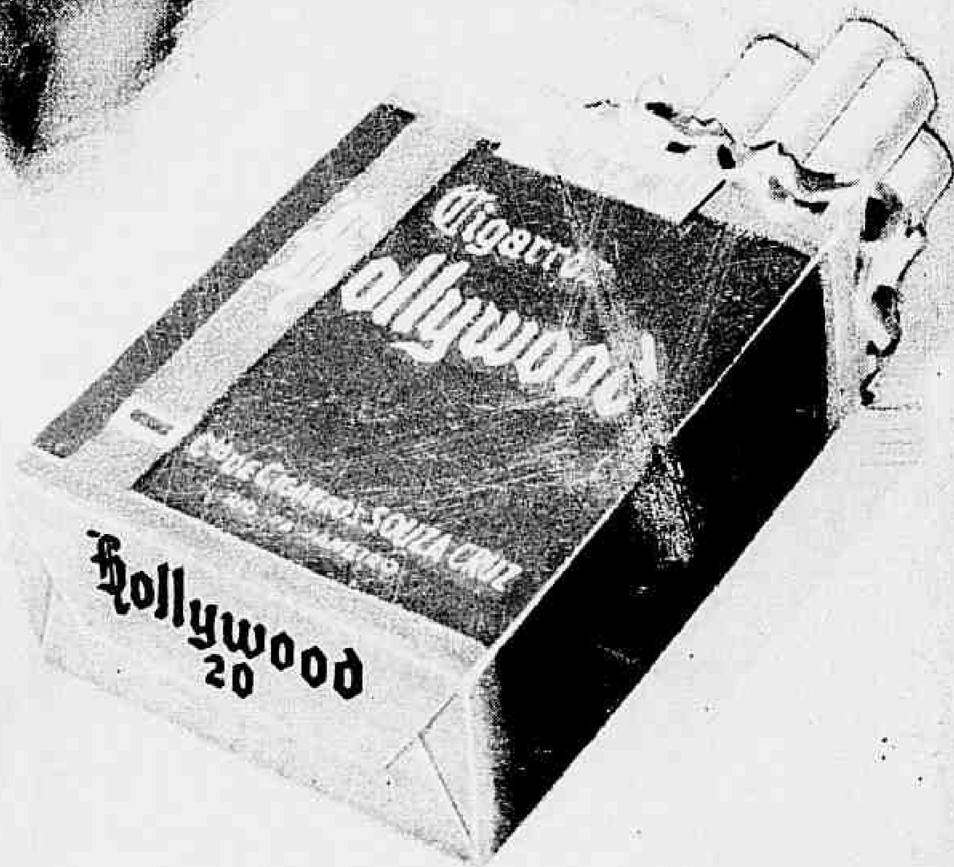
VENDAS À VISTA E A PRAZO



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

GRATIS

Uma tradição de bom gôsto



CIGARROS

hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ